

Finesse Hemingway

CONTOS • VOLUME 1





Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (Obra completa)

Contos — Vol. 1

Contos — Vol. 2

Contos — Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

Finest Hemingway

— CONTOS • VOLUME 1 —

7.^a edição

Tradução
José J. Veiga

BB
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust

“Lá no Michigan”: copyright original © 1938 Ernest Hemingway, copyright renovado © 1966 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “No cais de Izmir” e “Vinho do Wyoming”: copyright original © 1930 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1958 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Acampamento índio”, “O médico e a mulher do médico”, “O fim de alguma coisa”, “Uma ideia contra o vento”, “O lutador”, “História curtíssima”, “O revolucionário”, “O casal Elliot”, “Pescaria frustrada”, “Neve por toda parte”, “A alma dos rios: parte I” e “A alma dos rios: parte II”: copyright original © 1925 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1953 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Dez índios”, “Corrida de perseguição”, “Hoje é sexta-feira” e “História banal”: copyright original © 1927 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Idílio alpino”: copyright original © 1927 Macaulay Co., copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Depois da tempestade”: copyright original © 1932 Ernest Hemingway, copyright renovado © 1960 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Logo no dia de Natal”: copyright original © 1933 Ernest Hemingway, copyright renovado © 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Mudança de ares”, “Você nunca será assim”, “Mãe de bichona”, “Uma leitora escreve”, “Um dia esperando” e “Pais e filhos”: copyright original © 1933 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway.

Título original: *The Complete Short Stories of Ernest Hemingway*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: Adam Smigielski / Getty Images

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429c Hemingway, Ernest, 1899-1961

Contos, v. 1 [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução José J. Veiga. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
recurso digital

Tradução de: *The complete short stories of Ernest Hemingway*

Continua com: Contos, vol. 2
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-286-1997-3 (recurso eletrônico)

1. Conto americano. 2. Livros eletrônicos. I. Veiga, José J. II. Título.

14-18927

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Sumário

Lá no Michigan

No cais de Izmir

Acampamento índio

O médico e a mulher do médico

O fim de alguma coisa

Uma ideia contra o vento

O lutador

História curtíssima

O revolucionário

O casal Elliot

Pescaria frustrada

Neve por toda parte

A alma dos rios: parte I

A alma dos rios: parte II

Dez índios

Idílio alpino

Corrida de perseguição

Hoje é sexta-feira

História banal

Depois da tempestade

Logo no dia de Natal

Mudança de ares

Você nunca será assim

Mãe de bichona

Uma leitora escreve

Um dia esperando

Vinho do Wyoming

Pais e filhos

LÁ NO MICHIGAN



Jim Gilmore chegou a Hortons Bay vindo do Canadá. Comprou a oficina de ferreiro do velho Horton. Jim era baixo e escuro, tinha bigode e mãos grandes. Era bom ferrador e não parecia ferreiro nem quando estava com o avental de couro. Morava em cima da oficina e comia na D.J. Smith's.

Liz Coates trabalhava na Smith's. A sra. Smith, mulherona muito limpa, disse que Liz Coates era a moça mais asseada que ela conhecia. Liz tinha pernas bem-feitas e sempre usava aventais limpos de tecido riscado, e Jim notou que o cabelo dela estava sempre bem arrumado na parte de trás. Gostava do rosto dela por ser bonito, mas nada além disso.

Liz gostou muito de Jim. Gostava de vê-lo quando vinha da oficina e muitas vezes ia à porta da cozinha para vê-lo se aproximando. Gostava do bigode dele. Gostava de ver a brancura dos dentes quando ele sorria. Gostava muito de ver que ele não parecia ferreiro. Gostava muito de ver quanto D.J. Smith e a sra. Smith gostavam de Jim. Um dia ela descobriu que gostava do escuro do cabelo dele nos braços e da brancura dos braços acima do queimado do sol quando ele lavou a mão na bacia no terreiro da casa. Gostar de tudo isso deixou-a meio zonha.

Hortons Bay, o lugarejo, tinha só cinco casas na rua central entre Boyne City e Charlevoix. Havia o armazém e o correio com platibanda alta e às vezes uma carroça parada na frente; a casa de Smith, a de Stroud, a de Dillworth, a de Horton e a de Van Hoosen. As casas ficavam entre altos olmos, e a estrada era de areia. Dos dois

lados da estrada havia campos cultivados e extração de madeira. Mais adiante na estrada ficava a igreja metodista e mais atrás a escola municipal. A oficina de ferreiro era pintada de vermelho e ficava na frente da escola.

Uma estrada arenosa em declive levava à baía, passando pelas madeiras. Da porta dos fundos dos Smith viam-se a mata que ia até a baía e também o outro lado da baía. Era lindo na primavera e no verão, a baía azul e geralmente com ondas de espuma branca no lago que recebia a brisa vinda de Charlevoix e do lago Michigan. Da porta dos fundos dos Smith, Liz via barcas de minério longe no lago, a caminho de Boyne City. Quando ela olhava, as barcas pareciam paradas; mas bastava ela entrar e enxugar mais alguns pratos e, quando voltava à porta, elas já haviam desaparecido no horizonte.

Agora Liz passava o tempo todo pensando em Jim Gilmore. Parece que ele não prestava atenção nela. Falava sobre a oficina com D.J. Smith e sobre o Partido Republicano e James G. Blaine. De noite lia o *Toledo Blade* e o jornal de Grand Rapids à luz do lampião no quarto da frente ou saía para pescar de lança na baía em companhia de D.J. Smith com uma lanterna de pilha. No outono, ele, Smith e Charley Wyman pegavam uma carroça e barraca, matula, machados, espingardas e dois cachorros e iam caçar veados nas matas de pinheiros que ficavam adiante de Vanderbilt. Quatro dias antes de eles saírem nessa excursão, Liz e a sra. Smith passavam cozinhando para eles. Liz queria preparar alguma coisa especial para Jim levar, mas acabou não preparando porque não teve coragem de pedir ovos e farinha à sra. Smith; e não comprou ovos e farinha ela mesma para não ser surpreendida pela sra. Smith na cozinha. A sra. Smith não ia ligar, mas Liz não teve coragem.

O tempo todo que Jim passava fora caçando, Liz pensava nele. Era horrível quando ele estava fora. Ela não dormia bem de tanto pensar nele, mas descobriu que pensar nele era bom. E se ela se entregasse a pensar nele, melhor ainda. Na noite antes da chegada deles, ela não dormia nada mesmo, ou melhor, pensava que não dormia porque tudo ficava misturado em um sonho de não dormir, e assim não dormia. Quando via a carroça surgindo na estrada, sentia-se fraca e como doente por dentro. Mal podia esperar para ver Jim, e parecia que tudo ficaria ótimo quando ele chegasse. A carroça parou lá fora debaixo do grande olmo, e a sra. Smith e Liz

foram ver. Os homens vinham barbados e traziam três veados na carroça, as pernas fininhas endurecidas aparecendo fora da lona. A sra. Smith beijou D.J., e ele abraçou-a. Jim disse: “Olá, Liz”, e sorriu. Liz não pensara no que aconteceria quando Jim voltasse, mas tinha certeza de que alguma coisa iria acontecer. Nada aconteceu. Os homens voltaram para casa, e pronto. Jim puxou a lona que cobria os veados, e Liz olhou-os. Um deles era um macho enorme. Estava duro, e foi difícil levá-lo da carroça.

— Foi você quem o matou, Jim? — perguntou Liz.

— Foi. Não é uma beleza? — Jim pôs o veado nas costas para levá-lo ao fumeiro.

Naquela noite, Charley Wyman ficou para cear com os Smith. Era muito tarde para voltar a Charlevoix. Os homens se lavaram e ficaram esperando na sala da frente.

— Sobrou alguma coisa naquele garrafão, Jimmy? — perguntou D.J. Smith. Jim foi à carroça no celeiro e pegou o garrafão de uísque que tinham levado para a caçada. Era um garrafão de cinco litros ainda com alguma coisa balançando dentro. Jim chupou um gole no caminho para a casa. Não foi fácil erguer o garrafão à boca e beber. Parte do uísque derramou-se no peito da camisa. Quando Jim chegou, os outros dois sorriram. D.J. Smith pediu os copos, Liz os levou. D.J. serviu os três. Três doses generosas.

— A você, D.J. — saudou Charley Wyman.

— Ao veadão formoso — acrescentou D.J.

— Aos outros todos que não acertamos — disse Jim, e virou o copo de uma vez.

— Faz bem à gente.

— Nada como isso, nessa época do ano, para o que nos aflige.

— Que tal mais um, meninos?

— Aprenda comigo, D.J.

— Às nossas boas qualidades, meninos.

— Ao ano que vem.

Jim começou a sentir-se leve. Apreciava o gosto e a mordida do uísque. Pensava com alegria na cama confortável, na comida quente e na oficina. Bebeu mais uma dose. Os homens sentaram-se para comer, sentindo-se alegres, mas mantendo o decoro. Depois de pôr a comida na mesa, Liz sentou-se também para cear com a família. Foi uma boa ceia. Os homens comeram com ar sério. Quando acabaram, voltaram à sala da frente. Liz e a sra. Smith recolheram os pratos e limparam a mesa. Depois a sra. Smith subiu, e logo em seguida D.J. subiu também. Jim e Charley continuaram na sala da frente. Liz estava na cozinha sentada perto do fogão fazendo de conta que lia um livro, mas pensando em Jim. Não queria se deitar ainda porque sabia que Jim ia sair e queria reter-lhe a imagem ao partir para levá-la para a cama.

Ela pensava intensamente em Jim quando ele finalmente saiu. Os olhos dele brilhavam, e o cabelo estava despenteado. Liz baixou os olhos para o livro. Jim parou atrás da cadeira dela e ficou lá. Ela sentia a respiração dele. Ele pôs os braços nos ombros dela, sentiu os peitos intumescidos e firmes, os bicos eriçados sob as mãos dele. Liz ficou apavorada, ninguém jamais tocara nela, mas pensou: “Finalmente ele veio. Ele veio.”

Ela ficou tensa porque estava apavorada e não sabia o que mais fazer. Jim apertou-a contra a cadeira, beijou-a. Foi uma sensação tão forte, machucante, doída que ela achou que não ia aguentar. Sentia Jim bem colocado às costas da cadeira e não estava resistindo, e de repente alguma coisa mudou dentro dela e a sensação ficou quente e agradável. Jim continuava segurando-a firme de encontro à cadeira, agora com sua anuência, e Jim sussurrou: “Vamos dar uma volta.”

Liz pegou o sobretudo que estava no cabide da cozinha e saíram. Jim passou o braço na cintura dela e a cada poucos passos paravam e se abraçavam e Jim a beijava. Não havia luar. Caminhavam com os pés se afundando na areia entre as árvores até chegarem ao armazém da baía. A água batia nos pilares, e o promontório lá do outro lado estava escuro. Fazia frio, mas Liz sentia-se toda aquecida por estar com Jim. Sentaram-se sob a marquise do armazém, e Jim puxou Liz para perto dele. Ela estava amedrontada. Uma mão de Jim entrou por dentro do vestido dela e acariciou um peito, a outra foi para o colo dela. Ela estava muito amedrontada e não sabia

como ele ia fazer, mas aninhou-se nele. A mão que ela sentia enorme no colo escorregou para a perna e foi subindo.

— Não, Jim — disse Liz. A mão de Jim subiu mais. — Isso não, Jim. Isso não. — Nem Jim, nem a mão enorme de Jim ligaram para o que a moça dizia.

As pranchas eram duras. Jim ergueu o vestido de Liz e estava querendo fazer alguma coisa com ela. Mesmo muito assustada, ela queria. Ela precisava daquilo, mas tinha medo.

— Não faça isso, Jim. Isso não.

— Preciso. Vou fazer. Você sabe que precisamos.

— Não, Jim, não podemos. Não devemos. Não é direito. Oh, é grande e machuca. Não, Jim. Oh, Jim. Jim. Oh.

As tábuas de pinheiro do cais eram duras, ásperas e frias, e Jim pesava sobre Liz e a machucava. Liz empurrou-o, estava mal acomodada e sentia câimbra. Jim não se mexia. Estava dormindo. Ela conseguiu desvencilhar-se, sentou-se, recompôs a saia e o sobretudo e tentou dar um jeito no cabelo. Jim dormia com a boca semiaberta. Liz inclinou-se e o beijou no rosto. Ele continuava dormindo. Ela ergueu um pouco a cabeça dele e sacudiu. Ele girou a cabeça e engoliu em seco. Liz começou a chorar. Caminhou até a beirada do embarcadouro e olhou a água embaixo. Uma névoa se erguia da baía. Liz sentia frio, sentia-se infeliz como quem perdeu alguma coisa. Voltou para onde Jim estava e sacudiu-o mais uma vez para se certificar. Liz chorava.

— Jim, Jim. Favor, Jim.

Jim mexeu-se e se encolheu. Liz tirou o sobretudo e cobriu Jim com ele. Depois deixou o embarcadouro e pegou a estrada de areia para a casa e para a cama. Uma névoa fria subia da água e envolvia as árvores.

NO CAIS DE IZMIR



O estranho era gritarem sempre à meia-noite, ele disse. Não sei por que gritavam a essa hora. Estávamos no porto, e eles todos no cais, e à meia-noite começavam a gritar. Virávamos o holofote para eles, eles paravam. Sempre dava certo. Corríamos o holofote para cima e para baixo duas ou três vezes, eles paravam. Uma vez eu estava de oficial de dia no cais, e um oficial turco veio a mim furioso porque um de nossos marujos o desacatara. Então eu disse a ele que o sujeito seria recolhido a bordo e severamente punido. Pedi que ele mostrasse o tal. Ele apontou um artilheiro, tipo dos mais inofensivos. Disse que esse o havia ofendido repetidamente; disse isso por intermédio de um intérprete. Não pude imaginar o artilheiro falando turco e com palavras ofensivas. Chamei-o e disse:

— É verdade que você andou falando com algum oficial turco?

— Não falei com nenhum, capitão.

— Tenho certeza que não — respondi —, mas é melhor você se recolher a bordo e não descer em terra durante o resto do dia.

Depois eu disse ao turco que o homem estava sendo recolhido a bordo e seria tratado com o máximo rigor. Sim, com o máximo rigor. Ele ficou felicíssimo. Grandes amigos éramos.

O pior, disse ele, eram as mulheres com crianças mortas. Não se conseguia convencê-las a largarem os bebês mortos. Ficavam com eles durante seis dias. Não

os largavam. Nada se podia fazer. No fim era preciso tomá-los delas. Havia também uma velha, um caso realmente espantoso. contei-o a um médico, ele disse que era mentira. Estávamos retirando-as do cais, precisávamos recolher os mortos, e essa velha estava numa espécie de padiola. Pediram-me para dar uma olhada nela. Fui, e enquanto eu olhava ela morreu e ficou completamente dura. As pernas se ergueram, ela ergueu o corpo da cintura para cima e ficou rígida como se tivesse morrido na noite passada. Estava mortinha e completamente rígida. contei isso a um médico e ele me disse que não podia ser.

Estavam todos lá no cais e não era nada como um terremoto ou coisa parecida porque eles nada sabiam do turco. Não sabiam o que o velho turco era capaz de fazer. Lembra-se de quando eles nos proibiram de vir para continuar a limpeza do cais? Tive um palpite quando viemos aquela manhã. Ele tinha um monte de baterias e poderia nos escorraçar a todos daqui. Devíamos chegar, nos aproximar do cais, lançar as âncoras de proa e de popa e bombardear o bairro turco da cidade. Eles poderiam acabar com nós todos, mas nós simplesmente teríamos transformado a cidade em pó. Eles apenas dispararam algumas cargas de festim contra nós quando chegávamos. Kemal apareceu e destituiu o comandante turco. Por extrapolar sua autoridade ou coisa assim. Ele se tinha em grande conta. Teria sido uma senhora confusão.

Você se lembra do porto. Uma porção de coisinhas flutuando por toda parte. Foi a primeira vez na vida que sonhei com coisas. As mulheres que estavam tendo filhos não nos preocupavam tanto quanto as que se agarravam aos filhos mortos. Elas tinham seus filhos sem transtornos. É incrível que tão poucos morressem. A gente as cobria com alguma coisa e deixava que elas parissem. Sempre escolhiam o lugar mais escuro do porão para parir. Nenhuma se preocupava com mais nada quando saíam do cais.

Os gregos também eram boa gente. Quando evacuavam um lugar, levavam todos os muares que podiam. Os que sobravam os gregos simplesmente quebravam as pernas deles e os jogavam n'água. Todos aqueles muares com as pernas quebradas jogados na água rasa. Era uma atividade muito agradável. Acreditem, uma atividade muito agradável.

ACAMPAMENTO ÍNDIO



Na margem do lago tinha outro barco encostado. Os dois índios esperavam em pé.

Nick e o pai subiram para a popa do barco, os índios empurraram, e um deles pulou dentro para remar. Tio George ocupou a proa do barco do acampamento. O jovem índio empurrou o barco para a água e subiu para remar para tio George.

Os dois barcos zarparam no escuro. Nick ouvia o ruído dos remos do outro barco que ia bem à frente deles no nevoeiro. Os índios remavam com movimentos rápidos. Nick recostou-se no braço do pai. A água estava fria. O índio que remava para eles trabalhava com disposição, mas o outro barco ganhava distância no nevoeiro.

— Para onde vamos, pai? — perguntou Nick.

— Para o acampamento índio. Tem uma índia doente lá.

— Ah — exclamou Nick.

Na outra margem encontraram o outro barco ancorado. Tio George fumava um charuto no escuro. O índio jovem puxou o barco para fora d'água. Tio George deu charutos aos índios.

Subiram a praia para uma várzea encharcada de orvalho atrás do índio jovem que tinha um lampião. Entraram na mata e seguiram um caminho que levava à estrada madeireira que passava aos pés dos morros. A estrada madeireira era mais clara porque as árvores dos dois lados tinham sido derrubadas. O índio jovem parou e apagou o lampião com um sopro, e todos seguiram caminho.

Fizeram uma curva, e um cachorro apareceu latindo. À frente brilhavam as luzes das choupanas onde moravam os índios que extraíam as cascas das árvores. Mais cachorros avançaram para eles. Os dois índios os mandaram de volta para as choupanas. Na choupana mais perto da estrada havia luz na janela. Na porta estava uma velha com um lampião.

Lá dentro, num jirau de madeira, estava uma moça índia deitada. Fazia dois dias que tentava ter o filho, ajudada por todas as velhas do acampamento. Os homens avançaram um pouco mais na estrada para sentar no escuro e fumar longe do barulho que a moça fazia. Ela gritou quando Nick e os dois índios acompanharam o pai de Nick e o tio George ao barraco. Ela estava no jirau mais baixo, um vulto enorme debaixo da colcha. Tinha a cabeça virada de lado. No jirau de cima estava o marido. Ele tinha ferido o pé com um machado três dias antes. Fumava cachimbo. O ambiente cheirava mal.

O pai de Nick pediu água para pôr no fogão, e enquanto ela aquecia ele falou para Nick:

— Esta moça vai ter um bebê, Nick.

— Eu sei — disse Nick.

— Não sabe — retrucou o pai. — Escute. O que ela está sentindo chama-se trabalho de parto. A criança quer nascer, e ela quer que a criança nasça. Os músculos dela trabalham para a criança nascer. É isso que acontece quando ela grita.

— Entendo — disse Nick.

Nesse momento a moça gritou.

— Pai, não pode dar alguma coisa para ela parar de gritar? — perguntou Nick.

— Não. Não tenho anestésico. Mas os gritos dela não são importantes. Não escuto porque não são importantes.

O marido no jirau de cima virou-se para a parede.

A mulher na cozinha fez sinal ao médico de que a água estava quente. O pai de Nick foi lá e despejou metade da água da chaleira numa bacia. Na água que sobrou na chaleira ele pôs várias coisas que tirou de um lenço.

— Precisam ferver — disse, e começou a lavar as mãos na bacia de água quente com um sabonete que tinha levado. Nick ficou olhando as mãos do pai se

esfregarem com o sabão. Enquanto o pai lavava as mãos meticulosamente, ia falando. — Olhe, Nick, os bebês devem nascer de cabeça pra frente, mas às vezes não acontece assim. Quando não acontece, dão muito trabalho a todo mundo. Talvez eu precise operar esta moça. Logo vamos saber.

Quando deu as mãos por bem lavadas, voltou ao quarto e começou a trabalhar.

— Retire esta colcha, George. É melhor eu não pegar nela.

Depois, quando começou a operação, tio George e três índios imobilizaram a mulher. Ela mordeu o braço de tio George, e ele disse: “Sua índia filha da puta!”, e o índio jovem que tinha remado para tio George riu. Nick segurava a bacia para o pai. Foi tudo muito demorado. O pai pegou o bebê, ergueu-o e deu-lhe tapas para forçá-lo a respirar, depois passou-o à velha.

— É um menino, Nick — disse. — Gostou de ser ajudante?

— Gostei — respondeu Nick. Ele desviara o olhar para não ver o que o pai fazia.

— Pronto. Isto resolve — disse o pai, e pôs alguma coisa na bacia. Nick não olhou. — Agora precisamos dar uns pontos. Você pode olhar se quiser. Vou costurar a incisão que fiz.

Nick não olhou. A curiosidade dele tinha ficado para trás há muito tempo.

O pai acabou a sutura e levantou-se. Tio George e os três índios também se levantaram. Nick levou a bacia para a cozinha.

Tio George olhou o braço. A moça índia sorriu se lembrando.

— Vou aplicar água oxigenada nisso, George — disse o médico. Inclinou-se sobre a jovem índia. Estava calma, com os olhos fechados. Parecia muito pálida. Não sabia o que acontecera com o bebê nem mais nada. — Volto amanhã cedo — informou. — A enfermeira de St. Ignace deve chegar aqui pelo meio-dia trazendo o que for preciso.

Sentia-se exaltado e loquaz como jogador de futebol no vestiário depois de uma partida.

— Isto é digno de uma revista médica, George — disse. — Fazer cesariana com canivete e suturar com tripa.

Tio George, encostado na parede, olhava o braço.

— Ah, você é um grande médico, não tenho dúvida — disse.

— Convém dar uma olhada no pai orgulhoso. Eles são os que mais sofrem nesses assuntos — disse o médico. — Reconheço que ele se comportou bravamente.

Puxou o cobertor que cobria a cabeça do índio. Sentiu a mão molhada. Trepou na beirada do jirau mais baixo com o lampião na mão e olhou. O índio tinha o rosto virado para a parede. A garganta cortada de orelha a orelha. O sangue escorrera para o fundo do jirau onde o corpo do índio pesava. A cabeça se apoiava no braço esquerdo. A navalha aberta estava no forro do jirau.

— Leve Nick para fora, George — ordenou o médico.

Não era preciso. Em pé na porta da cozinha, Nick havia tido boa visão do jirau de cima quando o pai, com o lampião em uma mão, levantou para trás a cabeça do índio.

O dia começava a clarear quando pegaram a estrada madeireira de volta ao lago.

— Sinto muito ter trazido você, Nickie — disse o pai já sem o entusiasmo pós-operatório. — Sinto muito ter exposto você a esse quadro horrível.

— As mulheres sempre sofrem assim para ter filhos? — perguntou Nick.

— Não, esse foi um caso excepcional.

— Por que ele se matou, pai?

— Não sei, Nick. Acho que não estava aguentando o estado de coisas.

— Tem muitos homens que se matam, pai?

— Não muitos, Nick.

— E mulheres?

— Não costuma acontecer.

— Mulher nunca se mata?

— Ah, acontece. Às vezes.

— Pai.

— Hein?

— Onde está tio George?

— Ele vai aparecer.

— É difícil morrer, pai?

— Não, acho que é fácil, Nick. Depende.

Já estavam no barco, Nick na proa, o pai remando. O sol apontava atrás dos morros. Uma perca pulou, fazendo um círculo na água. Nick mergulhou a mão na água. Estava morna em contraste com o frio da manhã.

Na manhã nascente, sentado na proa do barco no lago, com o pai remando, ele teve certeza de que nunca ia morrer.

O MÉDICO E A MULHER DO MÉDICO



Dick Boulton saiu do acampamento índio para cortar toras para o pai de Nick. Levou o filho Eddy e outro índio chamado Billy Tabeshaw. Chegaram da mata pelo portão do fundo, Eddy com uma serra traçadeira comprida. A serra emborcava no ombro dele fazendo um som musical ao compasso do andar. Billy Tabeshaw levava duas grandes alavancas de gancho. Dick levava três machados debaixo do braço.

Dick passou e fechou o portão. Os outros seguiram à frente dele para a margem do lago onde as toras estavam enterradas na areia.

As toras tinham se perdido das grandes barreiras de troncos que eram transportadas a reboque no lago pelo vapor *Magic*. Foram parar na praia e, se nada fosse feito, mais cedo ou mais tarde a tripulação do *Magic* viria à praia num barco a remo, fincaria um grampo de ferro com argola na extremidade de cada tora e as arrastaria para o lago para formar uma nova barreira. Mas os madeireiros podiam também não ir buscar as toras porque, sendo poucas, não valia a pena pagar tripulantes para isso. Se ninguém fosse apanhá-las, elas ficariam encharcadas e apodreceriam na areia.

O pai de Nick sempre achava que isso era o que aconteceria, e contratou os índios para cortar as toras com a serra traçadeira e rachá-las com uma cunha para fazer lenha para a cozinha e as sobras para a lareira. Dick Boulton deu volta à casa e desceu para o lago. Havia quatro grandes toras de faia meio enterradas na areia.

Eddy pendurou a serra por um dos cabos na forquilha de uma árvore. Dick descansou os três machados no pequeno embarcadouro. Dick era mestiço, e muitos lavradores da região do lago o tinham por branco. Era preguiçoso, mas, quando começava, trabalhava bem. Pegou um pedaço de fumo do bolso, mordeu um naco e falou em ojibway com os outros dois.

Fincaram as pontas das alavancas de gancho em uma tora e sacudiram-na para soltá-la da areia. Puseram todo o peso nos cabos das alavancas. A tora aluiu. Dick Boulton virou-se para o pai de Nick.

— Olhe aí, doutor. Olhe o belo pedaço de madeira que está furtando.

— Não fale assim, Dick — disse o médico. — É madeira perdida.

Eddy e Billy Tabeshaw já tinham puxado a tora da areia e rolado para a água.

— Deixe afundar — gritou Dick Boulton.

— Pra que isso? — perguntou o médico.

— Pra lavar. Tirar a areia para não estragar a serra. E quero também ver quem é o dono — disse Dick.

A tora boiava no lago. Eddy e Billy, segurando suas alavancas, suavam. Dick ajoelhou-se na areia e olhou a marca a machado feita pelo cortador na ponta da tora.

— É de White e McNally — disse, levantando-se e sacudindo a areia dos joelhos com a mão.

O médico sentiu-se constrangido.

— Então é melhor não cortá-la, Dick — disse.

— Não fique melindrado, doutor — disse Dick. — Não me interessa saber de quem o senhor furta. Não é da minha conta.

— Se você acha que isso é furto, pegue suas ferramentas e volte para o acampamento — disse o médico, com o rosto vermelho.

— Vai devagar, doutor — disse Dick. Cuspiu caldo de fumo na tora. O cuspe escorreu e se dissolveu na água. — Sabe tão bem quanto eu o que é furto. Pra mim não faz nenhuma diferença.

— Muito bem. Se acha que estou furtando as toras, pegue sua tralha e vá embora.

— Doutor...

— Pegue sua tralha e vá embora.

— Escute, doutor.

— Se me chamar de doutor mais uma vez, faço você engolir os seus caninos com um soco.

— Ah, não. Não faz, doutor.

Dick encarou o médico. Dick era grandão. E sabia que era. Gostava de briga. Era feliz. Eddy e Billy encostaram-se em suas alavancas e ficaram olhando para o médico. O médico mordeu a barba no lábio inferior e encarou Dick. Depois virou-se e foi subindo a estrada para casa. Pelas costas os outros viam como ele estava furioso. Acompanharam-no com o olhar até ele entrar na casa.

Dick disse alguma coisa em ojibway. Eddy riu, e Billy Tabeshaw ficou sério. Não entendia a língua dos brancos, mas suara durante toda a discussão. Era gordo e tinha um bigode ralo de chinês. Pegou as duas alavancas de gancho. Dick pegou os machados, e Eddy, a serra que estava pendurada na árvore. Subiram a estrada, passaram pela casa, passaram o portão do fundo e entraram na mata. Dick deixou o portão aberto. Billy voltou e o fechou. Sumiram na mata.

Sentado na cama em seu quarto o médico viu uma pilha de revistas de medicina no chão perto da mesa. Ainda tinham a cinta do correio intacta. Isso o irritou.

— Não vai voltar ao trabalho, querido? — perguntou a mulher do médico lá do outro quarto onde estava deitada com as venezianas fechadas.

— Não!

— Aconteceu alguma coisa?

— Tive um desentendimento com Dick Boulton.

— É? Espero que você não tenha perdido a calma, Henry.

— Não — respondeu o médico.

— Lembre-se de que quem domina o próprio espírito é maior do que quem toma uma cidade — disse a mulher. Ela era adepta da Ciência Cristã. A Bíblia, um exemplar de *Ciência e Saúde* e o boletim trimestral da seita estavam numa mesa ao lado da cama no quarto escurecido.

O marido não respondeu. Ainda sentado na cama, agora ele limpava uma espingarda. Encheu o carregador com os pesados cartuchos amarelos e os retirou de novo. Os cartuchos ficaram espalhados na cama.

— Henry — gritou a mulher. Depois de uma pausa gritou de novo: — Henry!

— Diga — respondeu o médico.

— Você disse a Boulton alguma coisa que o irritasse?

— Não.

— Qual foi o motivo da discussão?

— Coisa de nada.

— Me conte, Henry. Não fique me escondendo as coisas. Por que foi a discussão?

— Bem, Dick me deve muito dinheiro pela cura da pneumonia da mulher, e acho que armou uma discussão só para não ter que me pagar.

A mulher ficou calada. O médico limpou a arma cuidadosamente com um trapo. Repôs os cartuchos no carregador. Ficou sentado com a arma no colo. Gostava muito daquela arma. A mulher falou novamente lá do quarto escurecido.

— Querido, não acredito, não acredito mesmo que alguém seria capaz de fazer tal coisa.

— Não? — disse o médico.

— Não, não acredito que alguém faça uma coisa assim intencionalmente.

O médico levantou-se e pôs a espingarda no canto atrás do guarda-roupa.

— Vai sair, querido? — perguntou a mulher.

— Acho que vou dar uma volta — respondeu o médico.

— Se encontrar Nick, diga que preciso falar com ele, sim?

O médico saiu pelo alpendre. A porta de tela bateu atrás dele. Ouviu a mulher prender a respiração com a batida da porta.

— Desculpe — disse ele diante da janela fechada do quarto dela.

— Não foi nada, querido — disse ela.

Ele passou o portão e pegou o caminho da mata de cicuta. Estava fresco na mata, apesar do dia quente. Encontrou Nick sentado com as costas numa árvore, lendo.

— Sua mãe quer falar com você — disse o médico.

— Quero ir com o senhor — disse Nick.

O pai olhou-o por um instante.

— Está bem. Venha — disse. — Me dê o livro, levo no bolso.

— Sei onde tem esquilos pretos, pai — disse Nick.

— Muito bem. Então vamos lá.

O FIM DE ALGUMA COISA



Houve um tempo em que Hortons Bay era uma cidade madeireira. Ninguém que vivia lá ficava livre do zumbido das grandes serras da beira do lago. Mas veio um ano em que faltaram toras para fazer tábuas. As escunas madeireiras entraram na baía e carregaram todas as tábuas da serraria que estavam empilhadas no pátio. Todas as pilhas de tábuas foram levadas. Toda a maquinaria transportável do grande prédio da serraria foi retirada e levada para bordo de uma escuna pelos homens que haviam trabalhado lá. A escuna zarpou da baía para o lago aberto, levando as duas grandes serras, o equipamento rolante que levantava as toras para as serras circulares e todos os roletes, rodas, correias e ferragens empilhados sobre a carga de madeira. Com o porão coberto de lonas bem amarradas, as velas da escuna pegaram o vento e levaram-na para o lago aberto com tudo o que tinha feito da serraria uma serraria e de Hortons Bay uma cidade.

Os galpões enormes, o restaurante, a loja da companhia, os escritórios e mesmo a grande serraria ficaram desertos em hectares de serragem que cobria o terreno pantanoso da margem da baía.

Dez anos depois nada mais restava da serraria, a não ser a pedra branca dos alicerces no meio da vegetação secundária do pântano quando Nick e Marjorie remavam rente à praia. Remavam acompanhando a linha da amurada onde o fundo de repente mergulha para quatro metros de água escura. Iam para o promontório preparar linhas para pescar trutas arco-íris durante a noite.

— Nossa velha ruína, Nick — disse Marjorie.

Remando, Nick olhou a pedra branca entre as árvores.

— É verdade — disse ele.

— Se lembra de quando era serraria? — perguntou Marjorie.

— Me lembro, claro.

— Parece mais um castelo — disse Marjorie.

Nick ficou calado. Remaram até perder de vista a serraria, acompanhando a linha da praia. Depois Nick embicou para atravessar a baía.

— Não estão mordendo — disse ele.

— Não — respondeu Marjorie. Estivera atenta à vara durante todo o percurso, mesmo quando falava. Ela adorava pescar. Adorava pescar com Nick.

Bem ao lado do barco uma truta enorme brotou na superfície. Nick fez força com um remo para o barco girar e a isca passar onde a truta comia. Quando o dorso da truta apareceu fora d'água, os barrigudinhos pularam adoidados. Espalharam-se pela superfície como um punhado de chumbo jogado na água. Outra truta apareceu comendo do outro lado do barco.

— Estão comendo — disse Marjorie.

— Mas não estão mordendo — disse Nick.

Girou o barco para passar perto das duas trutas, depois aprumou para o promontório. Marjorie só enrolou a linha quando o barco tocou a praia.

Puxaram o barco para a areia, e Nick retirou um balde de percas vivas. As percas nadavam na água do balde. Nick pegou três com a mão. Cortou as cabeças e escamou os peixes enquanto Marjorie pescava com as mãos no balde até que pegou uma perca, cortou a cabeça e escamou. Nick olhou o peixe de Marjorie.

— Você não deve cortar a barbatana ventral — disse. — Para isca serve, mas é melhor com a barbatana ventral.

Espetou no anzol pelo rabo cada uma das percas escamadas. Havia dois anzóis presos por guia em cada vara. Marjorie remou o barco para a murada do canal com a linha presa nos dentes e olhando para Nick, que estava em pé na praia com a vara na mão desenrolando a linha.

— Já chega! — gritou Nick.

— Posso soltar? — perguntou Marjorie com a linha na mão.

— Pode. — Marjorie soltou a linha fora do barco e ficou olhando as iscas afundarem na água.

Voltou com o barco e fez a mesma operação com a segunda linha. De cada vez Nick calçou o cabo da vara com um pedaço de pau apanhado na praia para fixar bem a vara e deu-lhe uma inclinação com um graveto menor. Enrolou o excesso de linha para ela ficar esticada desde a vara até a isca no fundo do leito de areia e ligou a catraca. Quando uma truta lá no fundo engolisse a isca, nadaria para longe levando a linha, que iria se desenrolando da carretilha com o barulho característico da catraca.

Marjorie remou o barco um pouco mais para diante para não atrapalhar a linha. Remou forte, e o barco embicou na praia. Uma série de ondazinhas acompanhou o barco. Marjorie desembarcou, e Nick tirou o barco completamente da água.

— O que é que você tem, Nick? — perguntou Marjorie.

— Não sei — respondeu ele, catando gravetos para fazer um fogo.

Acenderam o fogo. Marjorie foi ao barco e apanhou um cobertor. A brisa do fim da tarde soprava a fumaça para o promontório. Então Marjorie estendeu o cobertor entre o fogo e o lago.

Ela se sentou no cobertor de costas para o fogo e ficou esperando Nick. Ele chegou e sentou ao lado dela. Atrás deles ficava a mata secundária do promontório, e na frente a baía com a foz de Hortons Creek. Ainda não tinha escurecido de todo. As chamas da fogueira iluminavam o lago até certo ponto. De onde estavam, viam as duas varas metálicas inclinadas na água escura. As chamas se refletiam nas carretilhas.

Marjorie destampou o cesto de comida.

— Não tenho vontade de comer — disse Nick.

— Coma assim mesmo, Nick.

— Está bem.

Comeram calados, olhando as varas e o reflexo das chamas na água.

— Vamos ter lua — disse Nick. Olhou para os morros do outro lado da baía, que começavam a se destacar contra o céu. Atrás dos morros vinha nascendo a lua.

— Eu sei — disse Marjorie contente.

— Você sabe tudo.

— Oh, Nick, pare com isso! Não fique assim.

— Mas é mesmo. Você sabe. Você sabe tudo. Aí é que está. E você sabe que sabe.

Marjorie não disse nada.

— Eu lhe ensinei tudo. Você sabe. Aliás, o que é que você não sabe?

— Ah, não amole. Olhe a lua!

Sentados no cobertor sem se tocarem, olharam a lua subindo.

— Não precisa fazer rodeios — disse Marjorie. — O que é que você tem?

— Não sei.

— Sabe, sim.

— Não sei.

— Vamos, desembuche.

Nick olhou a lua surgindo atrás dos morros.

— Não tem mais graça.

Não teve coragem de olhar para Marjorie. Depois olhou. Ela estava sentada de costas para ele. Nick olhou para as costas dela.

— Não tem mais graça. Nenhuma mesmo. — Ela não disse nada. Ele continuou. — É como se tudo tivesse se desmanchado dentro de mim. Não sei, Marge. Não sei mesmo o que dizer. — Olhou de novo para as costas dela.

— O amor não tem graça? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele. Marjorie levantou-se. Nick ficou sentado com a cabeça entre as mãos.

— Vou levar o barco — disse Marjorie. — Você vai a pé rodeando o promontório.

— Está bem. Vou pôr o barco na água pra você.

— Não é preciso. — Ela já flutuava no barco sobre a água com a lua iluminando-o. Nick voltou e deitou-se com o rosto no cobertor perto do fogo. Ouvia as remadas de Marjorie se afastando.

Ficou deitado assim por muito tempo. Ainda estava assim quando ouviu os passos de Bill na clareira. Percebeu Bill se aproximando do fogo. Bill não tocou nele.

— Ela foi embora fácil? — perguntou Bill.

— Foi — disse Nick mentindo, o rosto ainda no cobertor.

— Não fez drama?

— Não, não houve drama.

— E você, como se sente?

— Não amole, Bill. Me deixe por um tempo.

Bill escolheu um sanduíche no cesto de comida e foi dar uma olhada nas varas.

UMA IDEIA CONTRA O VENTO



A chuva parou quando Nick pegou a estrada que passava dentro do pomar. As frutas já tinham sido colhidas, e o vento de outono soprava nas árvores peladas. Nick parou e apanhou uma maçã wagner que brilhava no capim molhado da chuva. Pôs a maçã no bolso da jaqueta de lã.

A estrada saía do pomar e levava ao alto do morro. Lá estava a quinta, o alpendre limpo, fumaça saindo da chaminé. Depois a garagem, o galinheiro e as árvores secundárias fazendo como que uma cerca para a mata ao fundo. As grandes árvores lá longe gíngavam ao vento. Era a primeira tempestade de outono.

Quando Nick atravessava o campo acima do pomar, a porta da quinta se abriu, e Bill apareceu. Ficou parado no alpendre, olhando.

— Olá, Wemedge — saudou.

— Olá, Bill — respondeu Nick se aproximando.

Ficaram ali olhando a paisagem, o pomar, a estrada, os campos mais embaixo e a mata do promontório e o lago. O vento soprava na direção do lago. Viam a espuma na curva de Ten Mile.

— É a ventania — disse Nick.

— Vai ventar assim nos próximos três dias — disse Bill.

— Seu pai está? — perguntou Nick.

— Não. Saiu com a espingarda. Vamos entrar.

Nick entrou. Havia um fogo bonito na lareira. O vento fez o fogo roncar. Bill fechou a porta.

— Aceita um drinque?

Foi à cozinha e voltou com dois copos e um jarro d'água. Nick pegou a garrafa de uísque numa prateleira acima da lareira. Sentaram-se e beberam o uísque irlandês com água.

— Tem um gostinho bom, de fumaça — disse Nick, olhando o fogo através do copo.

— É da turfa — disse Bill.

— E se põe turfa em bebida?

— Não prejudica em nada — disse Bill.

— Você já viu turfa?

— Não.

— Nem eu — disse Nick.

Com os pés esticados para o fogo, as botinas de Nick começaram a soltar fumaça.

— É melhor tirar as botinas — disse Bill.

— Estou sem meias.

— Tire as botinas para secar e eu lhe arranjo um par de meias — disse Bill. Foi lá em cima no sótão. Nick ouviu os passos dele nas tábuas. O sótão não tinha paredes, só telhado, e era onde Bill, o pai dele e Nick às vezes dormiam. No fundo havia um quarto. Tiravam as camas de lona da chuva e as cobriam com cobertores de borracha.

Bill voltou com um par de grossas meias de lã.

— Está ficando tarde para se andar sem meias por aí — disse.

— Detesto usar meias — disse Nick. Calçou as meias e recostou-se na cadeira, pondo os pés na tela na frente do fogo.

— Você afunda a tela — disse Bill. Nick mudou os pés para uma posição paralela à lareira.

— Tem alguma coisa para ler? — perguntou Nick.

— Só o jornal.

— Como se saíram os Cards?

— Perderam uma partida dupla para os Giants.

— Então ficaram em desvantagem.

— Nem tanto — disse Bill. — Enquanto McGraw continuar comprando os melhores jogadores da liga, os Cards estarão bem.

— Não pode comprar todos — disse Nick.

— Compra todos os que quiser. Ou trabalha para eles ficarem descontentes e serem vendidos.

— Como Heinie Zim.

— Esse cabeça de bagre vai ajudar muito.

Bill levantou-se.

— Ele sabe rebater — concordou Nick. O calor do fogo sapecava-lhe as pernas.

— Ele é bom interceptador — disse Bill. — Quando acerta, quero dizer.

— Talvez seja por isso que McGraw o comprou — disse Nick.

— Pode ser.

— Há muitas coisas nos bastidores que não sabemos — disse Nick.

— Claro. Mas mesmo de fora conseguimos bons palpites.

— Como o de escolher os cavalos sem olhá-los.

— É isso aí.

Bill esticou o braço para pegar a garrafa no chão. A mão enorme abarcou toda a garrafa. Serviu uísque no copo que Nick lhe estendeu.

— Quanto de água?

— O mesmo.

Sentou-se no chão ao lado da cadeira de Nick.

— É bom quando chegam as tempestades de outono, não acha? — indagou Nick.

— Concordo.

— É a melhor época do ano.

— Seria horrível se estivéssemos na cidade.

— Gostaria de assistir ao Campeonato Nacional — disse Nick.

— Nesta época estão sempre em Nova York ou Filadélfia. Não nos adiantaria nada — disse Bill.

— Será que os Cards algum dia vão ganhar a flâmula?

— Não neste século — disse Bill.

— Puxa, seria uma festa para eles.

— Se lembra como eles iam bem até terem o acidente de trem?

— Que coisa, hein?

Bill esticou o braço para a mesa sob a janela para apanhar um livro que tinha deixado aberto quando foi ao alpendre. Com o copo em uma mão e o livro na outra, ele se inclinou para a cadeira de Nick.

— Está lendo o quê?

— *Richard Feverel*.

— Não consegui ler.

— Tudo bem — disse Bill. — Não é um livro ruim, Wemedge.

— O que mais você tem que eu não li? — perguntou Nick.

— Já leu *Amantes da floresta*?

— Já. Aquele em que vão para a cama toda noite com a espada desembainhada entre eles?

— É um bom livro, Wemedge.

— É formidável. O que não entendi foi para que a espada na cama. Ela teria de ficar o tempo todo com o fio para cima; se ficasse de lado, podiam rolar por cima dela e não se cortariam.

— É simbólico.

— É. Mas não é prático — disse Nick.

— Já leu *Fortitude*?

— É ótimo — disse Nick. — Grande livro. O velho perseguindo-o o tempo todo. Tem mais algum de Walpole?

— *A floresta escura*. É sobre a Rússia.

— E ele conhece a Rússia?

— Não sei. Esses caras sabem das coisas. Pode ser que tenha estado lá quando criança. Tem muita informação sobre o país.

— Gostaria de conhecê-lo — disse Nick.

— Eu gostaria de conhecer Chesterton.

— Seria bom se ele estivesse aqui — disse Nick. — Nós o levaríamos para pescar no 'Voix amanhã.

— Será que ele gostaria de pescar? — disse Bill.

— Com certeza. Deve ser o melhor sujeito do mundo. Se lembra de *Estalagem voadora*?

“Se um anjo surgir na sua frente
Com algum líquido numa tigela,
Agradeça o belo presente;
Jogue o líquido pela janela.”

— Tem razão — disse Nick. — Parece ser melhor pessoa do que Walpole.

— Claro que é melhor pessoa — disse Bill. — Mas o Walpole é melhor como escritor.

— Não sei — disse Nick. — Chesterton é clássico.

— Walpole também é clássico — disse Bill.

— Seria bom se tivéssemos os dois aqui — disse Nick. — Levaríamos os dois para pescar no 'Voix amanhã.

— Vamos encher a cara — propôs Bill.

— Pois vamos.

— O meu velho não vai se importar — disse Bill.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Já estou meio bêbado — disse Nick.

— Está nada — disse Bill.

Levantou-se do chão e pegou a garrafa. Nick estendeu o copo, os olhos fixos em Bill, que serviu uma dose até o meio do copo.

— A água é com você — disse Bill. — Só resta mais uma dose.

— Não tem mais?

— Tem muito mais, mas meu pai só me deixa beber o que já estiver aberto. Diz que abrindo garrafas é que a pessoa vira alcoólatra.

— Está certo — disse Nick. Ele nunca tinha pensado nisso antes, e ficou impressionado. Sempre pensara que bebendo sozinho é que a pessoa fica alcoólatra. — Como está seu pai? — perguntou, depois de uma pausa.

— Está bem. Às vezes fica um pouco agitado.

— É ótima pessoa — disse Nick, despejando água do jarro no copo. Havia mais uísque do que água.

— Disso tenho certeza — disse Bill.

— O meu velho também é bom.

— Concordo cem por cento — disse Bill.

— Ele jura que nunca bebeu álcool na vida — disse Nick, como quem anuncia um fato científico.

— Bem, ele é médico. O meu velho é pintor. É diferente — disse Bill.

— O meu pai não sabe o que está perdendo — disse Nick com ar triste.

— Como é que você sabe? Tudo tem suas compensações.

— Ele mesmo diz que tem perdido muito.

— Mas o meu passou por tempos difíceis — disse Bill.

— No fim tudo se equilibra — opinou Nick.

Ficaram olhando para o fogo e meditando sobre essa verdade profunda.

— Vou pegar lenha lá fora — disse Nick. Ele notara que o fogo ia morrendo. E também queria mostrar que podia beber sem perder o senso prático. Mesmo se o pai dele nunca tivesse bebido álcool, Bill não ia embebedá-lo primeiro.

— Traga uma das grandes achas de faia — disse Bill. Ele também estava querendo ser prático.

Nick ia passando com a acha pela cozinha e, sem querer, bate com ela num vaso que estava sobre a mesa. Descansou a acha cuidadosamente e apanhou o vaso que continha damascos embebidos em água. Cauteloso, recolheu os damascos que se haviam espalhado, alguns até embaixo do fogão. Completou a água que se

perdera, despejando-a de uma moringa que também estava na mesa, e se sentiu orgulhoso por se revelar tão prático.

Finalmente entrou com a acha, e Bill levantou-se para ajudá-lo a pô-la no fogo.

— Muito boa lenha — disse Nick.

— Estava reservada para o mau tempo. Uma acha como esta queima a noite toda.

— E deixa brasas para acender o fogo amanhã cedo — disse Nick.

Bill concordou. Conduziam a conversa em plano elevado.

— Vamos tomar mais um drinque — propôs Nick.

— Deve haver outra garrafa aberta no armário — disse Bill. Ajoelhou-se na frente do armário no canto e achou uma garrafa quadrada. — É escocês.

— Vou buscar mais água — disse Nick. Voltou à cozinha, encheu o jarro com a água fria da fonte que estava no balde. Na volta à sala passou por um espelho na parede e deu uma olhada. O rosto pareceu-lhe esquisito. Sorriu, e o rosto no espelho sorriu também. Piscou para o rosto no espelho e continuou seu caminho. Não era o rosto dele, mas não tinha importância.

Bill já tinha servido os drinques.

— Você exagerou — disse Nick.

— Nem tanto, Wemedge — disse Bill.

— Vamos brindar ao quê? — perguntou Nick erguendo o copo.

— À pesca.

— Certo. Senhores, à pesca — disse Nick.

— À pesca. Em toda parte.

— Pesca. Bebamos à pesca.

— É melhor do que beisebol.

— Não há comparação — disse Nick. — Como foi que entramos no beisebol?

— Por inadvertência — disse Bill. — Beisebol é para panacas.

Beberam tudo o que estava nos copos.

— Agora a Chesterton.

— E a Walpole — disse Nick.

Nick serviu o uísque. Bill acrescentou a água. Olharam um para o outro. Sentiam-se bem.

— Senhores, a Chesterton e a Walpole — disse Bill.

— Isso mesmo, senhores — aprovou Nick.

Beberam. Bill serviu mais. Sentaram-se nas cadeiras na frente do fogo.

— Você foi muito sensato, Wemedge.

— Está falando de quê?

— Encerrar o assunto com Marge — disse Bill.

— É. Acho que fui.

— Não tinha outra saída. Se tivesse continuado, hoje você estaria lá trabalhando para arranjar dinheiro para se casar.

Nick não disse nada.

— Quando o cara se casa, se fode — continuou Bill. — Tudo acaba para ele. Tudo. Não fica nada. Você já viu o que aconteceu com quem se casou.

Nick continuou calado.

— A gente os reconhece de longe — disse Bill. — Adquirem aquele ar gordo de casado. Acabam.

— É — disse Nick.

— Deve ter sido difícil encerrar o caso — disse Bill. — Mas você acaba achando outra, e tudo fica bem. Interesse-se por elas, mas não deixe que estraguem a sua vida.

— É — disse Nick.

— Se você casasse com ela, teria de casar com toda a família. Pense na mãe dela e no cara com quem ela casou.

Nick concordou apenas inclinando a cabeça.

— Imagine eles todos na sua casa o tempo todo, depois você e sua mulher indo jantar na casa deles aos domingos, eles indo jantar com vocês, sua sogra dizendo a Marge o que fazer e como se comportar.

Nick não disse nada.

— Você saiu do nó muito bem. Agora ela pode casar com alguém da linha dela, sossegar e ser feliz. Não se pode misturar óleo com água, muito menos nesse

assunto. Imagine se eu casasse com Ida, que trabalha para os Stratton. Provavelmente ela gostaria.

Nick continuava calado. A bebida deixou-o vazio e só. Bill não estava ali. Ele não estava sentado na frente da lareira nem ia pescar amanhã com Bill e o pai nem nada. Nick não estava bêbado. Estava vazio. Só sabia que tivera Marjorie e que a perdera. Ele a mandara embora. Era só isso que ele tinha na cabeça. Podia nunca mais vê-la. Provavelmente nunca a veria. Tudo acabado, perdido.

— Vamos beber mais um — sugeriu Nick.

Bill serviu a dose, Nick ajuntou um pouco d'água.

— Se você tivesse continuado com aquilo, não estaríamos aqui agora — disse Bill.

Era verdade. O plano original de Nick era voltar para o seu meio e arranjar trabalho. Depois passar o inverno em Charlevoix para estar perto de Marjorie. Agora não sabia o que fazer.

— Provavelmente nem iríamos pescar amanhã — continuou Bill. — Você agiu com a cabeça.

— Não tinha outra saída.

— Eu sei. A solução era aquela mesma.

— De repente, tudo acabou — disse Nick. — Não sei como, nem por quê. Simplesmente não vi outro caminho. Foi como um vendaval de três dias, que chega de repente e arranca todas as folhas das árvores.

— Mas acabou. Isso é o que interessa.

— Por culpa minha.

— Não vem ao caso saber de quem foi a culpa.

— Acho que não.

O que pesava era saber que Marjorie se fora e que provavelmente ele nunca mais a veria. Tinham combinado ir à Itália, falaram nas alegrias que iam ter. Lugares que visitariam juntos. Tudo por água abaixo.

— O que importa é que tenha acabado. Vou lhe dizer uma coisa, Wemedge. Eu estava preocupado com você. Você tomou a decisão certa. Entendo que a mãe dela deve estar tiririca. Ela disse a muita gente que vocês estavam noivos.

— Não estávamos — disse Nick.

— Todo mundo pensava que era noivado.

— O que é que posso fazer? Não estávamos noivos.

— Não iam se casar?

— Íamos. Mas não estávamos noivos.

— Qual é a diferença?

— Sei lá. Há uma diferença.

— Não percebo.

— Deixe pra lá. Vamos beber.

— Feito. Vamos encher a cara.

— Vamos encher a cara e depois nadar — disse Nick.

Bebeu tudo o que havia no copo.

— Sinto muito por ela, mas o que eu podia fazer? Você sabe como é a mãe dela.

— Terrível — disse Bill.

— De repente, acabou. Eu não devia estar falando nisso.

— Não está. Eu puxei o assunto, e já estou cheio. Não vamos falar mais nele. E não quero que você fique pensando nele. Você pode querer reatar.

Nick não tinha pensado nisso. Parecia que era definitivo. Definitivo. Com isso ele se sentiu melhor.

— Você tem razão. O perigo existe.

Sentiu-se feliz. Significava que nada existe que seja definitivo. Talvez ele fosse à cidade sábado à noite. Ainda era quinta-feira.

— Sempre tem uma porta aberta — disse ele.

— E você precisa se vigiar.

— Vou me vigiar.

Nick sentia-se feliz. Nada estava encerrado. Nada estava perdido. Iria à cidade no sábado. Sentia-se mais aliviado depois que Bill puxara o assunto. Sempre há uma solução.

— Vamos pegar as armas e procurar o seu pai no promontório — propôs Nick.

— Vamos — disse o outro.

Bill pegou as duas espingardas do cabide na parede, abriu uma caixa de cartuchos. Nick vestiu a jaqueta de lã e calçou as botinas. Estavam endurecidas do calor da lareira. Estava ainda bambo da bebida, mas sentia a mente clara.

— Como está? — perguntou.

— Ótimo. Estou lúcido — respondeu Bill, abotoando o pulôver.

— Não vale a pena ficar bêbado — disse Nick.

— Não. É bom sair para o ar livre.

Saíram. O vento era de tempestade.

— Os pássaros vão ficar colados ao capim — disse Nick.

Desceram para o pomar.

— Hoje vi uma galinhola — disse Bill.

— Quem sabe a gente acerta ela?

— Não se pode atirar com este vento.

Lá fora o assunto de Marge já não era tão trágico. Nem era tão importante. O vento soprava essas coisas para longe.

— Vem do grande lago — disse Nick.

O vento trouxe a eles um estampido de espingarda.

— É meu pai — disse Bill. — Está lá no pântano.

— Vamos cortar caminho — propôs Nick.

— Vamos pelo campo de baixo, talvez matemos alguma coisa.

— Certo — disse Nick.

Nada tinha importância agora. O vento soprou tudo da cabeça de Nick. Mas ele ainda podia ir à cidade sábado à noite. Era uma boa ideia para guardar de reserva.

O LUTADOR



Nick levantou-se. Estava inteiro. Olhou no trilho as luzes do vagão de serviço desaparecendo na curva. Havia água dos dois lados dos trilhos, e depois o brejo com os seus lariços.

Apalpou o joelho. A calça estava rasgada, e a pele, ralada. Tinha as mãos arranhadas e areia e cinza nas unhas. Desceu o barranco dos trilhos, chegou à cacimba e lavou as mãos. Lavou-as bem na água fria, limpando toda a sujeira das unhas. Agachou-se e lavou o joelho.

Aquele filho da mãe do guarda-freios. Ainda vou pegá-lo. Ainda vou encontrá-lo um dia. Fazer aquilo comigo.

— Vem cá, menino — disse o guarda-freios. — Tenho uma coisa pra você.

Nick caíra na conversa. Que coisa mais infantil. Ninguém mais o enganaria daquele jeito.

— Vem cá, menino, tenho uma coisa pra você. — Depois, vupt, e ele caiu de quatro ao lado do trilho.

Nick esfregou o olho. Um grande calombo se formava. Ficaria com um olho preto. Já doía. O guarda-freios filho da mãe.

Apalpou com os dedos o calombo acima do olho. Ainda bem que era só um olho preto que ele ganhara. Saiu barato. Queria ver o olho, mas não podia olhando na água. Era noite, e ele estava longe de qualquer lugar. Limpou as mãos na calça e levantou-se; subiu o barranco para os trilhos.

Foi andando pela via. Era bem lastreada, fácil de caminhar nela, areia e cascalho socados entre os dormentes. A via parecendo passarela atravessava o pântano. Nick foi andando. Precisava chegar a algum lugar.

Nick subiu para o trem de carga quando ele reduziu a velocidade para o pátio de Walton Junction. O trem, com Nick nele, passou por Kalkaska quando começava a escurecer. Então ele devia estar perto de Mancelona. Cinco ou seis quilômetros de pântano e andava pela via pisando no lastro entre os dormentes, uma neblina se elevando do pântano. O olho doía, e Nick tinha fome. Continuava andando, como empurrando os trilhos para trás com os pés. O pântano era sempre o mesmo dos dois lados da via.

Na frente uma ponte. Nick passou-a, as botinas chiando no ferro. Lá embaixo via a água negra nos vãos dos dormentes. Nick chutou um cravo solto, ele caiu na água. Lá mais adiante havia morros. Tudo era escuro dos dois lados da via. Nick avistou uma fogueira lá adiante.

Aproximou-se cautelosamente da fogueira. Ficava ao lado da via, um pouco longe, abaixo do aterro dos trilhos. Ele só vira a fogueira quando caminhava pelos trilhos. A via passava agora por um corte, e onde estava a fogueira o terreno se abria e mostrava uma mata. Nick desceu cautelosamente o aterro e entrou na mata para chegar à fogueira pelo lado das árvores. Era uma mata de faias, e os caroços das castanhas caídas estalavam sob os pés de Nick. A fogueira queimava bem, logo na beira da mata. Havia um homem sentado perto do fogo. Nick escondeu-se atrás de uma árvore e ficou olhando. Parecia que o homem estava sozinho. Sentado com a cabeça entre as mãos, olhava o fogo. Nick saiu do esconderijo e ficou na luz da fogueira.

O homem continuava olhando para o fogo. Quando Nick parou bem perto, ele não se mexeu.

— Olá! — disse Nick.

O homem ergueu os olhos.

— Onde pegou esse olho preto? — perguntou.

— Um guarda-freios me jogou do trem.

— Do cargueiro?

— Foi.

— Vi o filho da puta — disse o homem. — Passou aqui faz uma hora e meia. Andava em cima dos carros batendo nos braços e cantando.

— Filho da puta!

— Deve ter se sentido bem por jogar você pra fora.

— Vou acertar com ele.

— Acerte uma pedra nele quando ele passar — sugeriu o homem.

— Vou pegá-lo.

— Você é durão, não é?

— Não — respondeu Nick.

— Todo garoto é durão.

— Tem que ser — disse Nick.

— Justamente o que eu disse.

O homem olhou para Nick e sorriu. Ao clarão da fogueira, Nick viu que o rosto do homem era deformado. O nariz achatado, os olhos meros riscos, os lábios de forma estranha. Não percebeu tudo isso de uma vez, só notou que o rosto do homem era deformado e mutilado, de cor acinzentada. Parecia rosto de defunto ao clarão da fogueira.

— Não gosta da minha cara? — perguntou o homem.

Nick ficou sem jeito. Por fim respondeu:

— Gosto.

— Olhe isto! — O homem tirou o boné.

Só tinha uma orelha. Era grossa e colada à cabeça. Onde devia estar a outra orelha havia um coto.

— Já viu uma coisa assim?

— Não — disse Nick, sentindo-se mal.

— Eu aguentei firme — disse o homem. — Acha que não aguentei, garoto?

— Acredito que sim.

— Todos arrebutaram as mãos em cima de mim, mas não conseguiram me machucar. — Olhou para Nick. — Senta aí — disse. — Quer comer?

— Não se incomode. Vou para a cidade.

— Olhe aqui — disse o homem. — Me chame de Ad.

— Sim, senhor.

— Não me sinto muito bem — disse o homem.

— O que há?

— Sou louco. — Pôs o boné na cabeça. Nick teve vontade de rir.

— Não parece — disse Nick.

— Pois sou. Sou louco. Você já esteve louco alguma vez?

— Não. Como foi que aconteceu?

— Eu lá sei? Quando a gente fica louco, não sabe como foi. Você não me conhece?

— Não.

— Eu sou Ad Francis.

— É mesmo?

— Não acredita?

— Acredito. — Nick achou que devia ser verdade.

— Sabe como os derrotei?

— Não.

— Meu coração é devagar. Só bate quarenta por minuto. Ponha a mão aqui.

Nick hesitou.

— Vamos. — O homem pegou a mão de Nick. — Tome o meu pulso. Ponha os dedos nele.

O punho do homem era grosso e musculoso. Nick sentiu o lento pulsar sob os dedos.

— Tem relógio?

— Não.

— Nem eu. Não se pode medir sem relógio.

Nick soltou o pulso.

— Espere aí — disse Ad Francis. — Pegue meu pulso de novo. Você conta, e eu conto até sessenta.

Sentindo a pulsação lenta sob os dedos, Nick começou a contagem. Ouvia o homenzinho contando devagar, um, dois, três, quatro, cinco... bem alto.

— Sessenta — disse Ad. — É um minuto. Você achou o quê?

— Quarenta.

— Está certo — disse Ad contente. — Nunca acelera.

Um homem desceu o aterro dos trilhos e veio para a fogueira.

— Alô, Bugs — disse Ad.

— Alô — respondeu o Bugs. Voz de negro. Pelo andar Nick já tinha percebido que era um negro. Bugs ficou de costas para eles, curvado para o fogo. Depois endireitou o corpo.

— É meu chapa Bugs — disse Ad. — É louco também.

— Prazer em conhecê-lo — disse Bugs. — De onde você falou que é?

— Chicago — disse Nick.

— Boa cidade — disse o negro. — Não peguei o seu nome.

— Adams. Nick Adams.

— Ele disse que nunca esteve louco, Bugs — disse Ad.

— Ele não sabe o que o espera — disse o negro, que desembrulhava qualquer coisa à luz da fogueira.

— Quando é que vamos comer, Bugs? — perguntou o pugilista.

— Agora mesmo.

— Está com fome, Nick?

— Demais.

— Ouviu, Bugs?

— Escuto tudo que acontece.

— Não foi isso que perguntei.

— Sim. Ouvi o que disse o cavalheiro.

Ele punha fatias de presunto numa caçarola. Quando a caçarola esquentou, a gordura começou a pipocar, e Bugs, agachado sobre pernas compridas de negro na frente do fogo, virou o presunto e quebrou ovos na caçarola, revolvendo-a para banhar os ovos na gordura quente.

— Quer partir o pão que está naquele saco, Mister Adams? — perguntou Bugs, ainda trabalhando na fogueira.

— Pois não.

Nick pegou o saco e tirou um pão de forma, que cortou em fatias. Ad acompanhava-o com o olhar.

— Me dê a sua faca, Nick — pediu Ad.

— Não — disse o negro. — Não dê a sua faca, Mister Adams.

O pugilista endireitou o corpo.

— Quer trazer o pão aqui, Mister Adams? — pediu Bugs. Nick atendeu.

— Quer molhar o pão na gordura do presunto? — perguntou o negro.

— Quero, sim.

— Talvez seja melhor a gente esperar até mais tarde. É melhor quando se acaba de comer.

O negro pôs uma fatia de presunto num pedaço de pão e em cima pôs um ovo.

— Faça o favor de cobrir este sanduíche e passá-lo a Mister Francis.

Ad pegou o sanduíche e foi logo comendo.

— Cuidado com esse ovo que está escorregando — disse o negro. — Este é para você, Mister Adams. O resto é para mim.

Nick deu uma mordida no sanduíche. O negro estava sentado à frente de Nick e ao lado de Ad. O presunto com ovos estava gostoso.

— Mister Adams está mesmo com fome — disse o negro. O homenzinho a quem Nick ficou conhecendo de nome como antigo campeão de boxe estava calado. Não abria a boca para falar desde o assunto da faca.

— Posso lhe oferecer uma fatia de pão molhada na gordura quente? — perguntou Bugs.

— Muito obrigado.

O homenzinho olhou para Nick.

— Quer também, Mister Adolph Francis? — perguntou Bugs com a caçarola na mão.

Ad não respondeu. Continuava olhando para Nick.

— Mister Francis? — perguntou o negro com voz macia.

Ad não respondeu. Continuava olhando para Nick.

— Falei com você, Mister Francis — insistiu o negro com a mesma voz.

Ad continuava olhando para Nick. Tinha o boné puxado sobre os olhos. Nick ficou nervoso.

— Por que diabo você veio parar aqui? — Era uma voz saída de baixo do boné na direção de Nick. — Quem você pensa que é? Você é um filho da puta catarrento. Chega aqui sem ser convidado e come da minha comida, e quando lhe peço a sua faca emprestada você fica todo emproado.

Encarou Nick, o rosto agora branco e os olhos quase escondidos sob o boné.

— Você é muito sabido. Quem convidou você a aparecer aqui?

— Ninguém.

— Claro que ninguém o convidou. E ninguém também o convidou a ficar. Você chega aqui, zomba de meu rosto, fuma meus charutos, bebe da minha bebida e depois fica aí emproado. Onde pensa que está?

Nick não respondeu. Ad levantou-se.

— Vou lhe dizer uma coisa, seu filho da puta empalamado de Chicago. Vou lhe arrebentar o coco. Está ouvindo?

Nick deu um passo para trás. O homenzinho caminhou devagar para ele, o pé esquerdo à frente, o direito se arrastando atrás.

— Ataque — disse. — Veja se me acerta.

— Não quero acertar você.

— Não vai escapar assim. Vai levar uma surra, tá? Ataque primeiro.

— Pare com isso — disse Nick.

— Então não se queixe.

O homenzinho olhou para os pés de Nick. Enquanto olhava, o negro, que o vinha acompanhando desde que ele se afastara da fogueira, acertou-o na nuca. Ele caiu para a frente, e Bugs soltou no chão o porrete enrolado em pano. O homenzinho ficou lá caído de borco. O negro levantou-o e o levou para perto da fogueira. O rosto do homenzinho estava horrível, os olhos arregalados. Bugs deitou-o delicadamente.

— Quer me trazer o balde com água, Mister Adams? — pediu Bugs. — Acho que bati com muita força.

O negro borrifou água com a mão no rosto do pugilista e puxou-lhe a orelha delicadamente. Os olhos se fecharam.

Bugs levantou-se.

— Ele está bem — disse. — Não se preocupe. Lamento, Mister Adams.

— Não foi nada. — Nick olhava o homenzinho deitado no chão. Viu o porrete envolto em pano, pegou-o. Tinha cabo flexível e boa empunhadura. Era de couro preto e tinha um lenço em volta da parte mais grossa.

— O cabo é de barbatana de baleia — disse o negro sorrindo. — Não se faz mais disso. Eu não sabia como você ia se sair e também não queria machucar o Ad nem deixar-lhe mais marcas do que já tem.

O negro sorriu de novo.

— Mas você o machucou — disse Nick.

— Sei como fazer. Ele não vai se lembrar de nada. Faço isso para ajudá-lo quando ele fica assim.

Nick continuava olhando o homenzinho no chão, os olhos fechados. Bugs pôs lenha no fogo.

— Não se preocupe com ele, Mister Adams. Estou cansado de vê-lo desse jeito.

— Por que ele ficou louco? — perguntou Nick.

— Uma porção de coisas — respondeu o negro lá da fogueira. — Aceita uma xícara deste café, Mister Adams?

Passou a xícara a Nick e ajeitou a capa que tinha posto como travesseiro debaixo da cabeça do pugilista ainda inconsciente.

— Ele apanhou muito — disse o negro. — Mas isso só o deixou meio abobalhado. Depois a irmã foi ser empresária dele. Os dois apareciam muito nos jornais em histórias de irmão com irmã, diziam que ela amava o irmão e que o irmão a amava, depois se casaram em Nova York, e foi um caso muito sério.

— Me lembro disso.

— A verdade é que não eram irmãos, mas muita gente não gostou, eles começaram a se desentender, e um dia ela saiu e nunca mais voltou. — Tomou o

café e limpou os lábios com a palma rosada da mão. — Aí ele enlouqueceu. Quer mais café, Mister Adams?

— Aceito.

— Vi a tal irmã umas duas vezes — continuou o negro. — Era muito bonita. E muito parecida com ele, como se fossem gêmeos. Ele não seria feio se não tivesse apanhado tanto no rosto.

O negro calou-se. A história parecia ter chegado ao fim.

— Conheci-o na cadeia — disse o negro. — Ele brigava muito depois que ela o deixou e acabou preso. Eu estava lá por esfaquear um homem. — Sorriu e continuou em sua voz macia. — Fiquei gostando dele de cara, e quando saí costumava visitá-lo. Ele gosta de pensar que sou louco, mas não me importo. Gosto de estar com ele e de andar pelo país, e não preciso furtar para fazer isso. Gosto de viver como cavalheiro.

— O que é que vocês fazem? — perguntou Nick.

— Ah, nada. Só andamos por aí. Ele tem dinheiro.

— Deve ter ganhado muito.

— Ganhou. Mas gastou tudo. Ou então tomaram dele. Ela manda dinheiro para ele. — Atiçou o fogo. — Ela é uma mulher fina, parece tanto com ele que podiam ser gêmeos.

O negro esticou a cabeça para olhar o pugilista, que respirava forte. O cabelo castanho estava caído na testa. O rosto mutilado parecia de criança em repouso.

— Agora posso acordá-lo quando quiser, Mister Adams. Não me leve a mal, mas gostaria que você fosse embora. Gosto de ser hospitaleiro, mas, vendo você, ele pode ficar perturbado de novo. Não gosto de bater nele, mas é o único remédio quando fica agitado. Preciso mantê-lo afastado de outras pessoas. Você entende, Mister Adams? Não, não precisa agradecer, Mister Adams. Eu queria avisar, mas ele parecia estar gostando de você, e pensei que nada fosse acontecer. A pouco mais de três quilômetros da linha você acha uma cidade. Chamam de Mancelona. Adeus. Gostaria de convidá-lo a passar a noite aqui, mas não posso. Quer levar um pouco do presunto e do pão? Não? Então um sanduíche. — Tudo isso foi dito em voz baixa, suave e educada de negro. — Ótimo. Então adeus, Mister Adams. Adeus e boa sorte.

Nick deixou a fogueira e foi seguindo na direção da via férrea. Já fora do alcance da fogueira, escutou. A voz baixa e macia do negro falava. Nick não distinguia as palavras, depois ouviu a voz do homenzinho dizendo:

— Estou com uma dor de cabeça horrível, Bugs.

— Logo passa, Mister Francis — disse a voz do negro. — Tome uma xícara de café quente.

Nick subiu o aterro e pegou os trilhos. Só aí percebeu que tinha um sanduíche de presunto na mão e guardou-o no bolso. Olhando para trás antes da curva viu o clarão do fogo na beira da mata.

HISTÓRIA CURTÍSSIMA



Numa tarde quente de Pádua levaram-no para cima de um telhado de onde ele pôde olhar a cidade de cima. Havia fumaça de chaminés no céu. Logo escureceu, e os holofotes entraram em ação. Os outros desceram e levaram as garrafas. Ele e Luz ouviam as vozes e os ruídos dos outros na sacada. Luz sentara-se na cama. Ela estava calma e fresca na noite quente.

Luz esteve de serviço à noite durante três meses. Todos ficaram contentes com ela. Quando iam operá-lo, ela o preparou para a mesa de cirurgia; fizeram uma piada sobre amigo ou enema. Ele foi anestesiado se segurando para não falar nada durante o relaxamento, quando se solta a língua. Quando começara a usar muletas, ele mesmo tomava a temperatura nas horas certas para Luz não ter que se levantar da cama. Havia poucos pacientes, e todos sabiam. Todos gostavam de Luz. Quando ele já andava pelos corredores, pensava em Luz na cama dele.

Antes de voltar para o front ele foi com Luz ao Duomo e rezaram. A igreja estava escurecida e silenciosa, e havia outras pessoas rezando. Queriam se casar, mas não havia tempo para os proclamas, e nenhum dos dois tinha certidão de idade. Sentiam-se como casados, mas queriam que todo mundo soubesse, e para que todo mundo soubesse precisavam preservar o que tinham.

Luz escreveu-lhe muitas cartas, que ele só recebeu depois do armistício. Chegaram quinze em um maço no front, ele arrumou-as na ordem das datas e leu-

as todas do princípio ao fim. Todas falavam do hospital, do amor dela por ele e da impossibilidade de viver sem ele e da falta que sentia dele todas as noites.

Depois do armistício combinaram que ele voltaria para a sua terra e arranjaria um emprego para poderem se casar. Luz só iria quando ele tivesse um bom trabalho e pudesse ir a Nova York recebê-la. Ficou entendido que ele não ia beber nem procurar seus amigos nem ninguém nos Estados Unidos. Só arrumar trabalho para casar. No trem de Pádua para Milão discutiram por ela não querer ir com ele imediatamente. Quando se despediram na estação de Milão, se beijaram, mas a discussão não ficou encerrada. Ele se sentia mal por se despedirem daquele jeito.

Em Gênova ele embarcou em um navio para os Estados Unidos. Luz voltou a Pordenone para abrir um hospital. Lá era triste e chovia muito, e tinha um batalhão de *arditi* aquartelado. Vivendo na cidade lamacenta e chuvosa no inverno, o major do batalhão conquistou Luz, que nunca tinha conhecido italianos. Finalmente ela escreveu para os Estados Unidos dizendo que o que tinha havido entre eles fora apenas um caso dos que acontecem entre moça e rapaz. Sentia muito, sabia que provavelmente ele não ia entender, mas talvez um dia perdoasse e se sentisse grato a ela; e ela esperava, de maneira absolutamente inesperada, casar na primavera. Ela o amava como sempre, mas compreendia agora que tinha sido um simples romance entre moça e rapaz. Esperava que ele tivesse uma bela carreira e acreditava muito nele. Sabia que estava fazendo o melhor para os dois.

O major não casou com ela na primavera nem em nenhuma outra estação. Luz nunca recebeu resposta da carta que mandara a Chicago. Pouco depois ele apanhou blenorragia de uma balconista de loja em um passeio de táxi pelo Lincoln Park.

O REVOLUCIONÁRIO



Em 1919 viajava nos trens da Itália levando um pedaço de oleado apanhado na sede do partido, com uma inscrição em lápis indelével dizendo que se tratava de um camarada que muito sofrera sob os Brancos em Budapeste e pedindo ajuda de qualquer espécie a camaradas. Usava esse oleado em vez de bilhete. Era muito tímido e jovem, e os empregados dos trens o passavam de uma equipe a outra. Não tinha dinheiro, e o serviam de graça nas cantinas da estrada de ferro.

Ele se encantara com a Itália, que achava um belo país. O povo era bondoso. Tinha estado em muitas cidades, caminhara muito e vira muitos quadros. Comprou reproduções de Giotto, Masaccio e Piero della Francesca, e as carregava enroladas em um exemplar do *Avanti*. De Mantegna não gostava.

Apresentou-se em Bolonha, e levei-o comigo a Romagna, onde eu precisava encontrar uma pessoa. Fizemos uma viagem agradável. Era começo de setembro, e o tempo estava bom. Ele era magiar, bom rapaz e muito tímido. Os homens de Horthy o maltrataram muito. Falava nisso, mas não muito. Apesar da Hungria ele acreditava totalmente na revolução mundial.

— Mas como vai o movimento na Itália? — perguntou.

— Mal — respondi.

— Mas vai melhorar. Vocês têm tudo aqui. É o único país em que todos confiam. Será o ponto de partida de tudo.

Fiquei calado.

Em Bolonha ele se despediu de nós para pegar o trem para Milão e depois para Aosta, onde atravessaria o passo para a Suíça. Falei a ele dos Mantegnas em Milão. Ele disse muito timidamente que não gostava de Mantegna. Anotei para ele onde devia comer em Milão e também endereços de alguns camaradas. Agradeceu muito, mas já estava pensando na travessia do passo. Queria atravessar o passo ainda com bom tempo. Gostava das montanhas no outono. A última notícia que tive dele foi que os suíços o prenderam perto de Sion.

O CASAL ELLIOT



O casal Elliot tentou o possível para ter filho. Tentou até enquanto a sra. Elliot aguentou. Tentaram em Boston depois do casamento e tentaram na viagem de navio. No navio não tentaram muito porque a sra. Elliot enjoou. Enjoou muito, e quando enjoava ficava enjoada como toda sulista. Sulista quer dizer do sul dos Estados Unidos. Como toda sulista, a sra. Elliot se desmantelou rapidamente ao balanço do mar, viajando de noite e levantando-se muito cedo. Muitos passageiros do navio pensavam que ela fosse a mãe de Elliot. Outros que sabiam que eram casados achavam que ela ia ter filho. Ela tinha quarenta anos. Os anos dela se precipitaram de repente quando ela iniciou a viagem.

Parecia muito mais moça, aliás parecia nem ter idade, quando Elliot casou com ela depois de várias semanas de namoro, depois de tê-la conhecido há muito tempo na casa de chá dela antes do beijo que lhe deu uma noite.

Hubert Elliot fazia pós-graduação em direito em Harvard quando se casou. Era poeta e tinha uma renda de quase dez mil dólares anuais. Escrevia poemas longuíssimos e depressa. Tinha vinte e cinco anos e nunca tinha ido para a cama com mulher antes de casar com a sra. Elliot. Queria manter-se puro para levar à mulher a mesma pureza de corpo e mente que esperava dela. Dizia a si mesmo que isso era viver com decência. Namorou várias moças antes de beijar a sra. Elliot e sempre dizia a elas numa ou noutra ocasião que levava vida limpa. Quase todas as

moças se desinteressaram dele. Ele ficava admirado e até horrorizado de ver como as moças ficam noivas e casam com homens que andaram se arrastando nas sarjetas. Uma vez tentou prevenir uma moça contra um homem que tinha sido um patife no colégio (disso ele tinha quase prova), e as consequências foram bem desagradáveis.

O nome da sra. Elliot era Cornélia. Ela o ensinou a chamá-la de Calutina, apelido de sua família no sul. A mãe dele chorou quando ele apareceu em casa com Cornélia depois do casamento, mas se recompôs quando soube que o casal ia viver no estrangeiro.

Quando ele disse a Cornélia que havia se conservado limpo para ela, ela o chamou de “meu doce garoto” e o abraçou muito. Cornélia também era pura. “Me dê outro beijo assim”, ela pediu.

A princípio Hubert nem pensava em casar com Cornélia. Nunca pensou nela nesse sentido. Ela era uma boa amiga, e um dia, dançando com ela ao som de um gramofone na salinha que ficava no fundo da casa de chá enquanto uma amiga dela atendia na loja, ela olhou-o nos olhos e ele a beijou. Ele não se lembrava do momento em que ficou decidido que iam se casar, mas casaram-se.

Passaram a primeira noite de casados em um hotel de Boston. Ambos ficaram desapontados, mas por fim Cornélia dormiu. Hubert não conseguiu dormir, e saiu várias vezes para andar no corredor do hotel vestido com o novo roupão Jaeger que comprara para a viagem de núpcias. Nessas caminhadas pelo corredor viu todos os pares de sapatos, pequenos e grandes, nas portas dos quartos. Com isso o coração dele disparou, e ele voltou correndo para o seu quarto, mas Cornélia dormia. Não quis acordá-la, e logo tudo se acalmou e ele dormiu tranquilo.

No dia seguinte visitaram a mãe dele e no outro embarcaram para a Europa. Podiam tentar ter um filho, mas Cornélia não podia tentar com muita frequência, apesar de ambos quererem um filho mais do que tudo no mundo. Desembarcaram em Cherburgo e daí foram para Paris. Tentaram ter um filho em Paris. Depois resolveram ir a Dijon, onde havia cursos de verão e para onde tinham ido algumas pessoas que viajaram com eles no navio. Descobriram que nada havia para fazer em Dijon. Mas Hubert estava escrevendo muitos poemas que Cornélia datilografava para ele. Eram todos poemas muito compridos. Ele era muito exigente contra erros, e

fazia Cornélia bater de novo uma página inteira se houvesse nela um erro. Ela chorava muito, e os dois tentaram várias vezes ter um filho antes de deixar Dijon.

Voltaram a Paris, para onde voltava também a maioria dos amigos que tinham viajado no navio. Cansaram-se de Dijon, mas podiam dizer agora que, depois de Harvard ou Colúmbia ou Wabash, tinham estudado na Universidade de Dijon na Côte d'Or. Muitos teriam preferido ir para Languedoc, Montpellier ou Perpignan se houvesse universidades nesses lugares. Mas são todos lugares distantes. Dijon fica apenas quatro horas e meia de Paris e tem jantar no trem.

Foram todos para o Café du Dome, evitando a Rotonde do outro lado da rua porque está sempre cheia de estrangeiros. Frequentaram a Rotonde por alguns dias antes de os Elliot alugarem um castelo em Touraine que viram anunciado no *Herald* de Nova York. Elliot tinha amigos que agora admiravam a sua poesia, e a sra. Elliot convencera o marido a mandar vir de Boston a amiga dela que ficara tomando conta da casa de chá. Com a chegada da amiga, a sra. Elliot ficou mais alegre, e choraram juntas muitas vezes. A amiga era muitos anos mais velha do que Cornélia e a chamava de Doçura. Ela também era de velha família do sul.

Os três, e mais vários amigos de Elliot que o tratavam de Hubie, foram para o castelo em Touraine. Acharam Touraine um lugar plano e muito quente, parecido com Kansas. Elliot já tinha poemas para um livro. Ia publicá-lo em Boston e até já mandara o cheque para o editor, com quem assinara contrato.

Aos poucos os amigos foram voltando para Paris. Touraine não correspondera ao que parecera ser no princípio. Logo todos os amigos partiram com um jovem rico, solteiro e poeta para uma praia perto de Trouville. Foram todos muito felizes em Trouville.

Elliot continuou no castelo de Touraine porque o alugara para o verão. Ele e a sra. Elliot tentaram com afínco ter um filho na grande cama dura do enorme quarto quente. A sra. Elliot estava aprendendo a datilografar com os dez dedos, mas descobriu que, apesar de aumentar a velocidade, aumentava também a quantidade de erros. Agora a amiga datilograva praticamente todos os manuscritos. Era organizada e eficiente, e parecia gostar do trabalho.

Elliot passou a beber vinho branco e viver num quarto separado. Escrevia muita poesia de noite, e no dia seguinte amanhecia exausto. A sra. Elliot e a amiga agora dormiam juntas na grande cama medieval. Choraram bonitos choros juntas. À noite jantavam todos no jardim debaixo de um plátano, o vento quente soprando, Elliot bebendo vinho branco e a sra. Elliot e a amiga conversando, todos muito felizes.

PESCARIA FRUSTRADA



Com as quatro liras que ganhara limpando o jardim do hotel, Peduzzi ficou bêbado. Viu o jovem descendo a trilha e falou com ele misteriosamente. O jovem disse que não tinha comido, mas partiria logo que terminasse o almoço. De quarenta minutos a uma hora.

Na cantina perto da ponte fiaram-lhe mais três *grappas* porque ele estava muito confiante e misterioso a respeito do trabalho que ia fazer de tarde. Era um dia de muito vento, o sol saindo de nuvens e entrando em nuvens e depois caindo uns pingos de chuva. Dia ótimo para pescar trutas.

O jovem saiu do hotel e perguntou pelos caniços. A mulher ia atrás com eles? “Vai”, disse Peduzzi. “Ela vai atrás.” O jovem tornou a entrar no hotel e falou com a mulher. Ele e Peduzzi saíram estrada abaixo. O jovem levava um embornal no ombro. Peduzzi viu a senhora, que parecia jovem como o marido, e calçava botas de montanhismo e usava boina azul. Seguiu atrás deles pela estrada, levando os caniços desmontados, um em cada mão. Peduzzi não queria que ela fosse muito atrás.

— Signorina — chamou ele, piscando para o jovem. — Venha para junto de nós. Signora, venha para cá. Vamos seguir juntos. — Peduzzi queria que os três caminhassem juntos na rua de Cortina.

A mulher continuava atrás, acompanhando-os aborrecida.

— Signorina — chamou Peduzzi delicadamente —, venha para junto de nós. — O jovem olhou para trás e gritou qualquer coisa. A mulher apressou o passo e

alcançou-os.

A todos que iam encontrando na rua Peduzzi cumprimentava alegre. Buon dì, Arturo, tocando o chapéu. O bancário olhou-os espantado da porta do Café Fascista. Grupos de três e quatro pessoas em pé na frente das lojas também olhavam para os três. Os operários de jaquetas grossas que trabalhavam nas obras do novo hotel erguiam os olhos quando eles passavam. Ninguém falava nem fazia qualquer sinal para eles, exceto o mendigo magro e velho, de barba pontuda, que levantou o chapéu quando passavam.

Peduzzi parou na frente de uma loja cuja vitrine só tinha garrafas e tirou do bolso do velho blusão militar a garrafa vazia de *grappa*.

— Alguma coisa para beber, marsala para a Signorina, alguma coisa para beber. — Gesticulava com a garrafa na mão. O dia estava lindo. — Marsala, gosta de marsala, Signorina?

A mulher estava aborrecida.

— Você precisa tomar conta disso — disse ao marido. — Não entendo uma palavra do que ele diz. Ele está bêbado, não está?

O jovem não deu atenção a Peduzzi. Por que raios estaria ele falando em marsala? É a bebida de Max Beerbohm.

— Geld — disse Peduzzi finalmente, agarrando o jovem pela manga. — Lire. — Sorriu, relutando em forçar o assunto mas precisando fazer o jovem agir.

O jovem tirou a carteira e deu a Peduzzi uma nota de dez liras. Peduzzi subiu os degraus da Casa Especialista em Vinhos Nacionais e Estrangeiros. Estava fechada.

— Está fechada até as duas — disse alguém que passava na rua. Peduzzi desceu aborrecido os degraus.

— Deixe pra lá. Podemos comprar na Concórdia — disse.

Seguiram os três lado a lado para a Concórdia, onde os enferrujados trenós estavam enfileirados. O jovem perguntou: *Was wollen Sie?* Peduzzi entregou-lhe a nota de dez liras dobrada em quatro.

— Nada — disse ele —, qualquer coisa — agora encabulado. — Marsala talvez. Não sei. Marsala?

A porta da Concórdia fechou-se atrás do jovem e da mulher.

— Três marsalas — disse o jovem à moça no balcão de doces.

— Quer dizer dois? — perguntou ela.

— Não. Um para um *vecchio*.

— Ah, um *vecchio* — disse ela, e riu apanhando a garrafa. Serviu os três drinques cor de lama. A mulher sentou-se a uma mesa sob a linha de jornais pendurados por pegadores. O jovem pôs um dos marsalas na frente dela.

— É bom você beber — disse. — Talvez você melhore. — Ela olhou para o copo. O jovem foi lá fora com um copo para Peduzzi, mas não o viu.

Voltou à loja com o copo.

— Não sei onde ele anda — disse.

— Ele queria um quarto de litro — disse a esposa.

— Quanto custa um quarto de litro? — perguntou o jovem à moça.

— Do *bianco*? Uma lira.

— Não, do marsala. Ponha estes dois também — pediu ele, dando à moça o seu copo e o que seria de Peduzzi. Ela encheu a medida de um quarto de litro com um funil. — Uma garrafa para levar — ordenou o jovem.

Ela foi procurar uma garrafa. Estava se divertindo com aquilo.

— É pena você estar tão azeda, Tiny — disse o jovem. — Sinto muito pelo que disse no almoço. Defendíamos a mesma coisa de ângulos diferentes.

— Não tem importância. Nada daquilo tinha importância.

— Não está com frio? Seria bom se tivesse posto outro suéter.

— Estou com três.

A moça voltou com uma garrafa parda fininha e passou o marsala para ela. O jovem pagou mais cinco liras. Saíram. A moça ficou encantada. Peduzzi andava para lá e para cá na outra ponta da rua, protegido do vento, com os caniços nas mãos.

— Vamos — disse ele. — Levo os caniços. Que mal faz se alguém os vir? Ninguém vai nos criar caso. Ninguém vai me criar complicação em Cortina. Conheço o pessoal do município. Já fui soldado. Sou muito querido aqui. Vendo rãs. O que é que tem ser proibido pescar? Não tem nada. Nada. Trutas grandes, garanto. Aos montes.

Desciam o morro a caminho do rio. A cidade ficava atrás deles. O sol já havia entrado, e chuviscava.

— Olhe — disse Peduzzi, mostrando uma menina na porta de uma casa por onde passavam. — Minha daughter.

— Agora nos mostra onde mora o doutor — disse a esposa. — Por que precisa fazer isso?

— Ele disse que era a daughter, sua filha, não o doutor.

A menina correu para dentro quando Peduzzi a mostrou.

Desceram o morro e foram acompanhando o rio. Peduzzi falava depressa com muitas caretas e muito conhecimento. Iam os três lado a lado, e o vento ajudou a mulher a recuperar o fôlego. Uma vez Peduzzi cutucou a mulher com o cotovelo nas costelas. Às vezes falava no dialeto de d'Ampezzo e às vezes em dialeto tirolês alemão. Não sabia qual dos dois o casal de alemães compreendia melhor; por isso, falava nos dois. Mas como o jovem dizia: ja, ja, Peduzzi resolveu falar sempre em tirolês. O jovem casal não entendia nada.

— Todo mundo na cidade nos viu passar com esses caniços — disse o jovem. — Na certa a fiscalização já está atrás de nós. Foi um erro termos entrado nisso. Além do mais, esse velho maluco está bêbado.

— E você naturalmente não teve coragem de recuar — disse a esposa. — Naturalmente você teve que dizer sim.

— Por que você não volta? Pode voltar, Tiny.

— Vou ficar a seu lado. Se você for preso, eu vou também.

O rio fazia uma curva. Peduzzi parou, o blusão balançando ao vento como que acenando para o rio escuro e barrento. Ali perto na margem havia um monte de lixo.

— Diga em italiano — disse o jovem.

— Un' mezz'ora. Piu d'un' mezz'ora.

— Ele diz que leva pelo menos mais meia hora. Volte, Tiny. O vento está muito frio. Está um dia feio, e não vamos nos divertir.

— Está bem — concordou ela, e foi subindo o barranco coberto de capim.

Peduzzi estava no rio e só deu por falta dela quando ela já havia desaparecido na crista.

— Frau! — gritou ele. — Frau! Fräulein! Não vá embora.

Ela já ia longe.

— Foi embora! — disse Peduzzi. Ele não estava entendendo.

Tirou os elásticos que prendiam as partes dos caniços e começou a encaixá-las para montar o primeiro.

— Você disse que faltava mais meia hora — disse o moço.

— É. A meia hora daqui há um lugar bom. Mas aqui também é.

— Não entendi.

— Mas é isso. Aqui é bom e lá também é.

O moço sentou-se no barranco e encaixou as partes do outro caniço, montou o molinete e passou a linha pelas guias. Estava inquieto, esperando que um fiscal de pesca ou um bando de cidadãos aparecesse a qualquer momento na beira do rio. Via as casas da cidade e o campanário apontando no alto do morro. Abriu o estojo de couro. Peduzzi inclinou-se, enfiou os dedos magros e remexeu dentro do estojo.

— Tem chumbada?

— Não.

— Como não tem? É preciso *piombo*. *Piombo* pra pôr acima do anzol para a isca não boiar. Não se pode pescar sem chumbada. *Piombo*.

— Você tem?

— Não. — Procurou desesperado nos bolsos. Apalpou os bolsos de dentro. — Não tenho. Precisamos de *piombo*.

— Então não podemos pescar — disse o moço, e foi desmontando o caniço e reenrolando a linha. — Amanhã compramos *piombo* e voltamos.

— Mas, *caro*, não se pode pescar sem *piombo*. A linha fica boiando. — O dia de Peduzzi ia para o brejo diante dele. — Sem *piombo* não dá. Nem precisa muito. Seu molinete é novo e bom, mas cadê a chumbada? Se eu soubesse, tinha trazido. Você disse que tinha tudo.

O moço olhou o rio de cor alterada pelo degelo da neve.

— Já sei — disse —, amanhã compramos *piombo* e voltamos para pescar.

— A que hora?

— Sete.

O sol reapareceu. Estava quente e agradável. O moço sentiu-se aliviado. Não estava mais transgredindo a lei. Sentado no barranco, tirou a garrafa de marsala do bolso e passou a Peduzzi, que a devolveu. O moço tomou um gole e passou de novo a garrafa a Peduzzi. Peduzzi a devolveu. “Bebe”, disse, “bebe, o marsala é seu”. Depois de outro gole o moço tornou a passar a garrafa. Peduzzi estivera sempre de olho nela. Pegou a garrafa depressa e ergueu-a na boca. Os pelos brancos nas dobras do pescoço oscilavam enquanto ele bebia, os olhos fixos no bojo da garrafa parda estreita. Secou a garrafa. O sol brilhava no alto. Tempo maravilhoso. Afinal, um dia esplêndido. Maravilhoso mesmo.

— Senta, caro! Amanhã às sete. — Tratou o moço de caro várias vezes e nada aconteceu. O marsala era bom. Os olhos de Peduzzi brilhavam. Ia haver mais dias como este. A partir das sete da manhã.

Começaram a subir o morro para a cidade. O moço ia na frente. Já estava bem adiante. Peduzzi gritou para ele:

— Olhe, caro, pode me dar cinco liras como um favor?

— Pelo dia de hoje? — perguntou o moço franzindo a testa.

— Não, não por hoje. Me dê hoje para amanhã. Providencio tudo para amanhã. *Pane, salami, formaggio*, tudo do melhor para nós. Você, eu e a Signora. Iscas, peixinhos, não só minhocas. Talvez marsala também. Tudo por cinco liras. Cinco liras como favor.

O moço abriu a carteira e tirou duas notas de duas liras e outra de uma.

— Obrigado, caro. Obrigado — disse Peduzzi no tom de um sócio do Carleton Club aceitando o *Morning Post* de outro sócio. Isto é que era viver. Adeus ao jardim do hotel, adeus ao trabalho de quebrar esterco congelado com um forcado. A vida estava começando. — Então até as sete, caro — despediu-se, batendo nas costas do moço. — Sete em ponto.

— Talvez eu não possa ir — disse o moço guardando a carteira no bolso.

— O quê? Vou providenciar peixinhos, Signor. *Salami*, tudo. Eu, você e a Signora. Nós três.

— Talvez eu não possa ir — disse o moço. — É bem provável que não.
Deixarei recado com o *padrone* na gerência do hotel.

NEVE POR TODA PARTE



O carro funicular deu mais um solavanco e parou. Não podia continuar, a neve se amontoara na frente do trilho. O vento que batia a superfície exposta da montanha acumulara a neve em uma crosta sólida. Encerando os esquis no carro bagageiro, Nick enfiou as botas no bico de ferro e apertou bem a braçadeira. Saltou do carro de lado para o estribo, pulou e, agachado e apoiado nas varas, foi deslizando pelo declive.

Na brancura lá embaixo George sumia e aparecia, sumia e aparecia. A velocidade e os corcovos da descida íngreme apagaram tudo da mente de Nick e só lhe deixaram a sensação maravilhosa de voar. Pegou uma subida suave e de repente pareceu que não tinha mais neve debaixo dos esquis quando pegou outra descida até o fim do derradeiro declive. Agachado quase como se sentasse nos esquis, tentando manter baixo o centro de gravidade, a neve passando como tempestade de areia, ele percebeu que a velocidade era excessiva. Mas a manteve. Não ia afrouxar e derrapar. Porém, um trecho de neve fina, amontoadá pelo vento numa depressão, fez com que ele derrapasse, e ele rolou várias vezes com os esquis se batendo, sentindo-se como um coelho ferido; até que parou, as pernas cruzadas, os esquis para cima e o nariz e as orelhas entupidos de neve.

George estava parado um pouco mais embaixo, limpando a tapas a neve da jaqueta.

— Você fez bonito, Mike — gritou para Nick. — Essa neve fina é um perigo. Me pegou também.

— Como é que está lá depois do *khud*?* — Deitado de costas, Nick virou-se de lado sobre os esquis e levantou-se.

— Você tem que conservar a esquerda. É uma descida rápida, boa para um *christy*** no fundo por causa de uma cerca.

— Espere um instante e descemos juntos.

— Não, você vai na frente. Quero ver você enfrentando os *khuds*.

Nick Adams tomou a frente de George, as costas largas e o cabelo louro ainda chamuscados de neve. Logo os seus esquis começaram a deslizar para a descida, e ele mergulhou, assobiando na fina neve cristalina e parecendo flutuar para cima e para baixo quando passava pela ondulação dos *khuds*. Manteve a esquerda e no fim, quando avançava para a cerca, conservando os joelhos unidos e virando o corpo como quem aperta um parafuso, virou os esquis para a direita com uma saraivada de neve; reduziu a velocidade e entrou num curso paralelo à encosta e à cerca de arame.

Olhou para cima. George vinha descendo em *telemark*, agachado; uma perna na frente, dobrada, a outra atrás; as varas pendidas como pernas finas de inseto, desmanchando tufo de neve; e por fim completamente ajoelhado, acabando numa bela curva para a direita, as pernas avançando e recuando, o corpo acompanhando o movimento, as varas ajudando a curva como pontos de luz, tudo num imenso espalhar de neve.

— Não pode fazer um *christy* — disse George. — A neve era muito alta. Você brilhou.

— Minha perna não faz *telemark* — disse Nick.

Nick baixou o fio mais alto da cerca de arame com o esqui, e George passou. Nick acompanhou-o à estrada. Deslizaram de joelhos dobrados pela estrada e entraram numa floresta de pinheiros. A estrada era agora gelo polido, manchado de amarelo e marrom-claro pelas turmas de madeireiros. Os esquiadores se mantiveram na faixa de neve ao lado da estrada. A estrada descia íngreme para um córrego e depois subia o morro. Por entre as árvores viam uma construção baixa e

maltratada. Perto das árvores parecia amarela. Mais de perto se notava que as esquadrias das janelas eram pintadas de verde. A pintura descascava. Nick afrouxou as braçadeiras e livrou-se dos esquis.

— É melhor trazê-los para cá — disse.

Subiu a ladeira íngreme com os esquis no ombro. Ouvia a respiração de George e o bater dos seus calcanhares no chão, como ele também fazia. Encostaram os esquis na parede do prédio e limparam a neve das respectivas calças, sapatearam para limpar as botas e entraram.

Estava escuro lá dentro. Um grande aquecedor de porcelana aceso num canto. O teto era baixo. Dos dois lados da sala havia mesas com manchas de vinho e assentos macios ao longo delas. Dois suíços fumavam cachimbo perto do aquecedor, cada um com um copo grande de vinho escuro na frente. Os rapazes tiraram as jaquetas e sentaram-se de costas para a parede no outro lado do aquecedor. Na outra sala uma voz parou de cantar, e uma moça de avental azul apareceu na porta para saber o que eles queriam beber.

— Uma garrafa de Sion — disse Nick. — Está bem para você, Gidge?

— Está. Você conhece mais de vinho do que eu. Gosto de qualquer um.

A moça saiu.

— Nada melhor do que esquiar, hein? Como a gente se sente bem depois de uma longa descida — disse Nick.

— É. É bom demais para palavras.

A moça voltou com o vinho e se atrapalharam com a rolha. Finalmente Nick conseguiu abrir a garrafa. A moça saiu e logo a ouviram cantando em alemão na outra sala.

— Esses pedacinhos de rolha não atrapalham — disse Nick.

— Será que eles têm algum bolo?

— Vamos perguntar — disse Nick.

A moça voltou e Nick notou que o avental dela cobria a gravidez. Por que será que não notei da primeira vez que ela veio?, pensou.

— O que é que você cantava? — perguntou ele.

— Ópera. Ópera alemã. — Não estava interessada em discutir o assunto. — Temos *strudel* de maçã, se quiserem.

— Ela não é nada cordial — disse George.

— Ela não nos conhece e pode ter pensado que íamos zombar dela a respeito da música. Ela é da região onde falam alemão, e talvez não goste de trabalhar aqui. E além de tudo está esperando criança sem ser casada; por isso, é cheia de dedos.

— Como sabe que não é casada?

— Não usa anel. Aqui as moças só casam depois de experimentadas.

A porta abriu-se, e uma turma de madeireiros entrou, batendo os pés e soltando vapor. A garçonete trouxe três litros de vinho para eles, que ocuparam duas mesas, fumando calados, recostados na parede ou debruçados na mesa. Lá fora os cavalos dos trenós de madeira de vez em quando soavam suas campainhas quando mexiam ocasionalmente a cabeça.

George e Nick sentiam-se felizes. Gostavam um do outro. Ainda tinham a viagem de volta.

— Quando é que você precisa voltar para o estudo? — perguntou Nick.

— Hoje. Preciso pegar o das dez e quarenta de Montreux.

— Você podia ficar para fazermos o Dent du Lys amanhã.

— Preciso instruir-me, Mike. Seria bom se pudéssemos fazer uma farra juntos. Pegar nossos esquis e embarcar num trem para onde tenha boas pistas, hospedar-nos em estalagens, atravessar o Oberland e subir o Valais, pegar o Engadine, levar apenas ferramentas e bom sortimento de suéteres e pijamas nas mochilas e mandar às favas o estudo e tudo mais.

— É, e atravessar o Schwarzwald. Puxa, todos esses lugares lindos.

— Foi onde você esteve pescando no verão passado, não foi?

— Foi.

Comeram o *strudel* de maçã e beberam o resto do vinho. George recostou-se na parede e fechou os olhos.

— O vinho sempre me deixa assim — disse.

— Sentindo-se mal? — perguntou Nick.

— Não. Me sinto ótimo, mas meio esquisito.

— Eu sei. Que tal se pedíssemos mais uma garrafa? — disse Nick.

— Para mim, chega — disse George.

Ficaram ali sentados, Nick com os cotovelos na mesa, George recostado na parede.

— Helen está grávida? — perguntou George, desencostando-se da parede e debruçando-se na mesa.

— Está.

— Para quando?

— Fim do verão que vem.

— Você está feliz?

— Estou. Agora.

— Vai voltar para os Estados Unidos?

— Acho que sim.

— E você quer?

— Não.

— Helen quer?

— Não.

George calou-se. Olhou a garrafa e os copos vazios.

— É o diabo, não é? — perguntou afinal.

— Não. Não exatamente.

— Por que não?

— Sei lá — disse Nick.

— Vocês vão esquiar juntos nos Estados Unidos? — perguntou George.

— Não sei.

— Não há muitas montanhas lá.

— Não. As que existem são pedregosas. Ficam longe e têm muita árvore.

— É. É assim na Califórnia.

— É assim em toda parte por onde andei.

— É, é sempre assim — disse George.

Os suíços se levantaram, pagaram e saíram.

— Que bom se fôssemos suíços — disse George.

— Todos têm bócio.

— Têm nada. Não acredito.

— Nem eu — disse Nick.

Riram.

— Talvez nunca mais esquiaremos juntos, Nick.

— Por que não? Precisamos. Fazer mais o quê, senão esquiar?

— Vamos esquiar, sim — disse George.

— É preciso.

— Podíamos até fazer um pacto — disse George.

Nick levantou-se, abotoou bem a jaqueta. Inclinou-se sobre George e pegou as duas varas de esqui que estavam encostadas na parede. Fincou uma no assoalho.

— Não vale a pena fazer pacto — disse.

Abriram a porta e saíram. Estava muito frio. A neve endurecera. A estrada subia para os pinheiros.

Pegaram os esquis, Nick pôs as luvas. George já ia estrada acima com os esquis no ombro. Teriam de voltar para casa juntos.

Notas

* Queda íngreme ou precipício na encosta de uma montanha. (N. T.)

** Parada abrupta em que o esquiador se põe repentinamente de lado, fazendo trava dos esquis. (N. T.)

A ALMA DOS RIOS: PARTE I



O trem sumiu na curva ao pé do morro de árvores queimadas. Nick sentou-se na mochila que o homem do bagageiro jogou para fora do vagão. Não tinha cidade nem nada, só trilhos, carvão e cinza. Os treze bares da única rua de Seney sumiram sem deixar traço. Os alicerces do Hotel Municipal eram a única marca reconhecível. A pedra estava rachada e chamuscada pelo fogo. Era só o que restava da cidade de Seney. Até o terreno parecia queimado.

Nick olhou a encosta calcinada onde esperara encontrar as casas e foi andando pelos trilhos até a ponte. O rio estava lá, fazendo redemunho nos esteios de madeira da ponte. Nick olhou a água clara lá embaixo, colorida de pardo pelos seixos do fundo, e as trutas se equilibrando na corrente pelas barbatanas. Enquanto as olhava, elas mudavam de posição em ângulos rápidos, e logo voltavam à anterior. Nick olhou-as por longo tempo.

Elas se mantinham firmes na forte correnteza, muitas trutas na água profunda e rápida, às vezes deformadas pela superfície convexa do riacho, convexidade perturbada pela resistência criada pelo redemunho em volta dos pilares da ponte. No fundo ficavam as trutas grandes. Nick não as viu logo. Depois as viu no fundo, trutas enormes lutando para se manter entre os seixos e a areia que a corrente desarrumava.

De cima da ponte Nick olhava para a água. Fazia calor. Um papa-terra subia a corrente. Fazia tempo que Nick não via trutas quando olhava uma correnteza. Eram muito boas trutas. Enquanto a sombra do papa-terra subia a corrente, uma truta enorme apareceu subindo também em ângulo, só a sombra dela riscando o ângulo; a sombra sumiu quando ela chegou à superfície e pegou sol; e quando mergulhou de novo, a sombra acompanhou a corrente até chegar a um pilar, onde parou resistindo.

Nick sentiu um aperto no coração. A sensação antiga voltou.

Tornou a olhar o rio, que passava sobre um leito de seixos, transpunha pedras enormes e formava fundo remanso antes de contornar um paredão de pedra.

Nick voltou ao lugar dos trilhos onde tinha deixado sua tralha. Sentia-se feliz. Apertou as correias da trouxa, passou as alças pelos ombros e ajustou a testeira para aliviar os ombros de parte do peso. Ainda assim, a mochila era muito pesada. Pesada demais. Levava na mão o estojo de couro do molinete. Inclinou-se para a frente a fim de deslocar para os ombros o peso maior da mochila e foi andando pela estrada paralela à via férrea, deixando para trás a cidade calcinada. Mais adiante contornou um morro também coberto de cinza e pegou uma estrada que levava a uma planície. Já sentia nos ombros a dor produzida pelo peso da trouxa. A estrada era em ladeira, os músculos doíam, o calor era forte, mas Nick estava feliz, ia com a sensação de ter deixado tudo para trás, a necessidade de pensar, a necessidade de escrever, outras necessidades. Tudo ficou para trás.

Desde o momento em que ele desceu do trem e o homem do bagageiro jogara sua mochila pela porta aberta do vagão, tudo começou a ficar diferente. Seney estava queimada, a paisagem queimada e mudada, mas não importava. Não podia estar tudo queimado. Disso ele sabia. Continuou caminhando, suando ao sol, subindo as elevações que separavam a via férrea da planície de pinheiros.

A cidade continuava, às vezes descendo, mas sempre subindo. Nick insistia. Por fim a estrada, depois de seguir paralela à encosta calcinada, chegou ao alto. Nick encostou-se num toco e soltou as alças da trouxa. Na frente, até onde podia ver, estendia-se a planície de pinheiros. O trecho queimado acabava à esquerda na cordilheira de morros. À frente, manchas de pinheiros escuros se erguiam da

planície. Longe, à esquerda, a linha do rio. Nick seguiu-a com os olhos e viu reflexos do sol na água.

Na frente dele só a planície de pinheiros até os morros azuis lá longe marcando a posição do Lago Superior. Nick mal podia ver os morros, distantes e apagados no mormaço claro sobre a planície. Se olhasse firme, não os via; mas olhando como distraído eles estavam lá, os morros distantes marcando o divisor de águas.

Nick sentou-se ao pé do toco queimado e fumou um cigarro. A mochila equilibrada em cima do toco, as alças prontas, a mochila com um cavado deixado nela pelas costas de Nick. Ele continuava fumando, olhando a paisagem. Não precisava pegar o mapa. Pela posição do rio sabia onde estava.

Enquanto fumava, com as pernas esticadas para a frente, notou um gafanhoto passar do chão para sua meia de lã. Era um gafanhoto preto. Quando caminhava pela estrada, espantou muitos gafanhotos. Todos pretos. Não eram daqueles gafanhotos grandes de asas amarelas e pretas ou vermelhas e pretas que se abrem quando eles pulam. Eram gafanhotos comuns, mas pretos por inteiro. Nick notara-os enquanto caminhava, mas sem verdadeiramente pensar neles. Agora, observando o gafanhoto preto que tocava a lã de sua meia como que fazendo beijo, compreendeu que esses tinham ficado pretos por viverem na terra queimada. Compreendeu que a queima devia ter ocorrido no ano anterior, mas agora os gafanhotos ficaram todos pretos. Por quanto tempo mais ficariam assim?

Esticou a mão devagarinho e pegou o gafanhoto pelas asas. Virou-o de barriga, as pernas se agitando no ar, e examinou as juntas. Eram pretas também, iridescentes, mas as costas e a cabeça estavam empoeiradas.

— Vamos, gafanhoto. Pule para algum lugar — disse Nick, falando alto pela primeira vez.

Soltou o gafanhoto no ar e ficou olhando até ele pousar num toco carbonizado do outro lado da estrada.

Nick levantou-se. Encostou-se com as costas contra a mochila que estava apoiada no toco e enfiou os braços pelas alças. Com a mochila nas costas ficou parado no alto do morro olhando os campos na direção do rio distante. Começou a descida. O terreno era bom de caminhar. Duzentos metros abaixo acabava a

queimada. A partir daí eram samambaias e moitas de pinheirinhos; terreno com frequentes depressões e saliências, chão arenoso e tudo fervilhando de vida novamente.

Nick orientava-se pelo sol. Sabia o lugar do rio onde queria chegar. Continuou a descida, transpondo pequenas elevações, e, logo que descia, outra aparecia; às vezes do alto de uma elevação avistava um trecho fechado de pinheiros à direita ou à esquerda. Quebrou alguns ramos de samambaia e os enfiou por baixo das alças da trouxa. O peso amassou os ramos, que soltavam um cheiro agradável.

Sentia-se cansado e com muito calor de tanto andar no terreno irregular e sem sombra. Sabia que logo chegaria ao rio se virasse à direita. Não deviam faltar mais do que uns dois quilômetros. Mas prosseguiu no rumo norte para chegar o mais alto possível na corrente do rio em um dia de caminhada.

Durante a descida houve um trecho em que ele avistava uma grande ilha de pinheiros se erguendo da planície. Continuou caminho, e quando chegou à crista da cordilheira infletiu e rumou para os pinheiros.

Na mata de pinheiros não havia vegetação rasteira. Os troncos das árvores subiam retos ou se inclinavam uns para os outros. Eram troncos compridos sem galhos e de cor amarelo-escura. Só bem no alto havia galhos. Alguns se entrelaçavam formando uma cobertura fechada que sombreava o chão da floresta. Em volta da ilha de pinheiros havia um espaço limpo. O chão desse espaço era fofo. Esse espaço era o prolongamento da plataforma sustentadora dos pinheiros, que se estendia além da projeção dos galhos altos. As árvores cresceram muito, e os galhos subiram, deixando ao sol esse espaço limpo que outrora cobriam com sua sombra. Bem na orla dessa extensão do leito da floresta começava a vegetação de samambaias.

Nick livrou-se da mochila e deitou-se de costas na sombra e olhou os pinheiros. Esticou o corpo para descansar o pescoço e as costas. Era bom sentir a terra nas costas. Olhou o céu por entre os galhos, depois fechou os olhos. Abriu-os e olhou novamente para cima. Lá no alto um vento balançava os galhos. Tornou a fechar os olhos e dormiu.

Acordou entorpecido e com câimbra. O sol estava bem baixo. A mochila pesava, e as alças acordaram o dolorido quando ele as ajustou nos ombros. Inclinou-se, apanhou o estojo do molinete e retomou a caminhada pela campina de samambaias no rumo do rio. Calculou que seriam menos de dois quilômetros de caminhada.

Chegou a uma encosta coberta de tocos de árvore até um prado. No fim dessa planura passava o rio. Nick sentiu-se animado. Seguiu margem acima pela planura. As bainhas da calça já estavam ensopadas de orvalho. No fim do dia quente o orvalho se formou depressa. O rio era silencioso. Era rápido e liso na superfície. Na beira da planura, antes de subir a uma elevação para acampar, Nick olhou as trutas no rio. Elas vinham à superfície para pegar insetos que saíam do brejo da outra margem quando o sol entrava. As trutas saltavam da água para pegá-los. Quando Nick caminhava pela faixa plana ao longo do rio, trutas pulavam alto. Agora, olhando o rio lá embaixo, os insetos deviam estar pousando na superfície, porque as trutas os pegavam sem saltar. Até onde ele podia ver rio abaixo, via trutas fazendo círculos quase na superfície, como se tivesse começado a chover.

O terreno se elevava arenoso e coberto de vegetação abrangendo o prado, aquele trecho do rio e o brejo. Nick descansou a mochila e o estojo do molinete e procurou um espaço plano. Tinha fome e queria armar acampamento antes de preparar comida. Encontrou um trecho plano entre dois pinheirinhos. Tirou da mochila um machado e cortou duas pontas de raízes que apareciam na superfície. Assim aquele trecho ficava suficientemente amplo para se dormir. Arrancou as samambaias pelas raízes e aplainou o terreno com as mãos. As mãos apanharam o cheiro bom das folhas. Aplainou os buracos deixados pelas raízes, não queria calombos debaixo dos cobertores. Preparado o terreno, estendeu os três cobertores, o de baixo dobrado ao meio. Os outros dois foram estendidos por cima desse. Com o machado cortou uma lasca de um toco de pinheiro e dela fez estacas compridas para a barraca. Com a barraca espalhada no chão, a mochila ficou parecendo bem menor. Nick amarrou no tronco de um pinheiro a corda que servia de cumeeira da barraca, ergueu a barraca do chão pela outra ponta da corda e amarrou essa ponta em outro pinheiro. A barraca ficou pendurada como cobertor secando num varal.

Nick cortou uma estaca, cravou-a numa extremidade da corda que sustentava a barraca e amarrou os lados nas estacas laterais. Esticou bem os lados e cravou fundo as estacas com o olho do machado até os nós ficarem enterrados no chão e a lona bem esticada.

Na extremidade aberta da barraca colocou gaze para evitar a entrada de mosquitos. Arrastou-se para dentro com várias coisas tiradas da mochila para pôr na cabeceira da cama. A luz entrava na barraca, filtrada pela lona parda. A lona tinha cheiro agradável. Já havia no ar qualquer coisa de misterioso e doméstico. Nick sentiu-se feliz quando entrou na barraca. Não que tivesse se sentido infeliz antes. Mas agora era diferente. Agora o serviço estava feito. Serviço que precisava ser feito. Fora uma viagem cansativa, e ele estava cansado. O acampamento estava armado. Ele estava instalado. Nada podia tocá-lo. Bom lugar para acampar. Ele estava em sua casa, por ele feita. Agora precisava comer.

Saiu da barraca se arrastando. Estava quase escuro fora. Dentro da barraca era mais claro. Nick foi à trouxa, apalpou com os dedos e achou um prego comprido em um saco de pregos. Cravou-o no pinheiro batendo com o lado plano do machado. Pendurou a mochila no prego. Todos os seus mantimentos estavam na trouxa. Assim ficavam longe do chão.

Nick achou que nunca tivera tanta fome. Abriu uma lata de lombo de porco com feijão e uma de espaguete e despejou tudo na frigideira.

— Se carreguei tudo isso, tenho o direito de comer — disse ele. A voz soou estranha na mata escura. Não falou mais.

Acendeu fogo com uns gravetos que apanhou. Acima do fogo fincou uma grelha de arame, forçando as quatro pernas no chão com a botina. Pôs a frigideira na grelha sobre as chamas. A fome aumentara. O feijão e o espaguete esquentaram. Nick misturou tudo, e a frigideira começou a pipocar, fazendo pequenas bolhas que subiam com dificuldade à superfície. O cheiro era bom. Nick pegou um vidro de ketchup e cortou quatro fatias de pão. As bolhinhas subiam mais depressa. Nick sentou-se perto do fogo e tirou a frigideira da grelha. Despejou metade da comida no prato de folha. A comida estava muito quente. Despejou um pouco de ketchup. O feijão e o espaguete ainda estavam muito quentes. Olhou o fogo, olhou a barraca;

não ia estragar tudo queimando a língua. Ele passara anos sem comer banana frita porque não tinha paciência de esperar que esfriasse. Tinha a língua muito sensível. Estava com muita fome. No brejo do outro lado do rio quase escuro agora, uma névoa se erguia. Olhou mais uma vez para a barraca. Tudo certo. Encheu uma colher com a comida.

— Ai, meu bom Jesus Cristo — disse feliz.

Comeu tudo do prato e esqueceu o pão. Acabou o segundo prato com o pão, e com ele limpou tudo, até o prato ficar brilhando. Antes só tinha comido um sanduíche de presunto com uma xícara de café no restaurante da estação de St. Ignace. Sentia-se feliz por ter comido. Passara muita fome antes, mas não pudera matá-la. Poderia ter acampado antes, se houvesse tido vontade. Havia muitos lugares bons para acampar no rio, mas aquele é que era bom.

Pôs duas grandes achas de pinheiro sob a grelha. O fogo reanimou-se. Tinha se esquecido de apanhar água para o café. Tirou da mochila um balde de lona dobrável e desceu para o rio. A outra margem estava coberta de neblina. Quando ajoelhou na margem e mergulhou o balde de lona no rio, sentiu o capim frio nos joelhos. O balde encheu-se e puxava junto com a corrente. A água estava gelada. Nick despejou um pouco da água do balde e levou-o ainda quase cheio para o acampamento. Longe do rio não era tão frio.

Nick fincou outro prego e pendurou nele o balde cheio. Encheu a cafeteira pelo meio, pôs mais gravetos no fogo e a cafeteira em cima da grelha. Não se lembrava de como se faz café. Lembrou-se de uma discussão com Hopkins sobre o assunto, mas não se lembrou do que dissera. Resolveu deixar a cafeteira ferver. Agora se lembrou de que esse era o processo de Hopkins. Houve tempo em que ele discutia com Hopkins sobre tudo. Enquanto esperava o café ferver, abriu uma latinha de damascos, com muito cuidado para não derramar; chupou-os e comeu-os meditativamente. Em conserva eram mais gostosos do que frescos.

O café ferveu. A tampa subiu, e o líquido com grãos escorreu por fora da cafeteira. Nick tirou a cafeteira do fogo. Ponto para Hopkins. Pôs açúcar na lata vazia de damascos e despejou café para esfriar. A asa da cafeteira estava dentro, e ele precisou pegá-la com o chapéu. Não ia deixar o café assentar na cafeteira. Não a

primeira xícara. Queria seguir a fórmula Hopkins até o fim. Hop merecia isso, era um competente bebedor de café. Era a pessoa mais séria que Nick já conhecera. Não grave, séria. Isso foi há muito tempo. Hopkins falava sem mexer os lábios. Jogou polo. Ganhou milhões de dólares no Texas. Tomou dinheiro emprestado para ir a Chicago quando recebeu telegrama informando que o seu primeiro grande poço tinha jorrado. Podia ter pedido dinheiro por telegrama, mas demorava muito. A namorada de Hop era chamada de Vênus Loura. Hop não ligava porque ela não era realmente namorada dele. Hopkins disse muito confidencialmente que ninguém ia fazer brincadeiras com a sua namorada. Ele estava certo. Hopkins embarcou depois que recebeu o telegrama. Isso foi no Rio Negro. Levou oito dias para o telegrama chegar. Hopkins deu a pistola Colt automática calibre .22 para Nick. Deu a máquina fotográfica para Bill. Para ser lembrado sempre. No verão seguinte iam todos pescar novamente. Hop, o Grande, estava rico. Ia comprar um iate para um cruzeiro com todos pela margem norte do Lago Superior. Estava empolgado, mas sério. Despediu-se, e todos ficaram tristes. A viagem de iate gorou. Nunca voltaram a ver Hopkins. Isso foi há muito tempo no Rio Negro.

Nick bebeu o café, café à la Hopkins. Estava amargo. Nick riu. Era um bom final para a história. A mente começava a trabalhar. Ele sabia que podia abafá-la porque estava cansado. Derramou café da cafeteira e jogou os grãos no fogo. Acendeu um cigarro e entrou na barraca. Tirou as botinas e a calça, sentou-se nos cobertores, enrolou as botinas na calça para fazer travesseiro e deitou-se.

Pela frente da barraca ficou olhando o clarão do fogo, com o vento da noite soprando as chamas. Uma noite calma. O brejo estava perfeitamente silencioso. Nick esticou-se confortavelmente debaixo do cobertor. Um mosquito zumbiu perto do ouvido dele. Nick sentou-se e riscou um fósforo. O mosquito estava na lona, acima da cabeça de Nick. Nick encostou o fósforo nele. O mosquito soltou um chiado satisfatório na chama. O fósforo apagou. Nick deitou-se de novo. Virou-se de lado e fechou os olhos. Estava sonolento. Sentiu o sono chegando. Encolheu-se debaixo do cobertor e dormiu.

A ALMA DOS RIOS: PARTE II



O sol ia alto na manhã, e a barraca começava a esquentar. Nick arrastou-se para fora por baixo do mosquiteiro para olhar o dia. Ao sair ainda agachado sentiu com as mãos que o capim estava seco. O sol ia pouco acima do morro. Nick olhou os campos, o rio, o brejo. No brejo havia algumas bétulas.

O rio estava claro e tranquilo na manhã. Uns duzentos metros rio abaixo havia três toras atravessadas. Represavam um pouco a água, que ficava mais funda e mais tranquila. Enquanto Nick olhava, uma marta atravessou o rio pelas toras e entrou no brejo. Nick ficou alvoroçado. Alvoroçado por causa da manhã e do rio. Precisava tomar café e queria muito tomar café. Acendeu um foguinho e pôs em cima a cafeteira.

Enquanto a água esquentava, pegou uma garrafa vazia e desceu para o campo. O campo estava orvalhado, e ele queria pegar gafanhotos para servirem de isca antes que o sol secasse o capim. Achou uma porção de gafanhotos de bom tamanho. Encontrou-os na base dos talos de capim. Alguns se agarraram aos talos. Estavam frios e molhados de orvalho e não podiam pular enquanto o sol não os aquecesse. Nick escolheu só os marrons de porte médio e os pôs na garrafa. Rolou uma tora, e debaixo dela encontrou centenas de gafanhotos. Era um albergue de gafanhotos. Nick recolheu uns cinquenta dos marrons de porte médio na garrafa. Enquanto apanhava esses, os outros se aqueciam ao sol e começavam a pular por aí. Voavam saltando. Começavam dando um salto, parando e ficando imóveis como mortos.

Nick sabia que quando tivesse tomado café eles estariam ativos como sempre. Sem orvalho no capim, Nick precisaria de um dia inteiro para pegar uma garrafa de bons gafanhotos e teria de esmagar muitos com a aba do chapéu. Lavou as mãos no rio. Sentiu-se bem tocando a água. Subiu sem pressa para a barraca. Os gafanhotos já pulavam ágeis no capim. Na garrafa aquecida pelo sol, pulavam em massa. Nick arrolhou a garrafa com um graveto grosso, mas não muito para não tapar completamente a garrafa e deixar os gafanhotos sem ar. Ele tinha rolado a tora para a posição inicial para ter gafanhotos à vontade todas as manhãs.

Deixou a garrafa cheia de gafanhotos encostada no tronco de um pinheiro. Misturou rapidamente farinha de trigo com água, mexeu até ficar uma papa macia, uma xícara de farinha, uma xícara de água. Jogou um punhado de café na cafeteira, tirou um naco de banha de uma lata e revolveu-o na frigideira quente. Passou a massa de farinha para a frigideira. A massa espalhou-se como lava, a banha pipocando. O bolo de massa começou a se firmar, mudando de cor até encrespar. A superfície pipocava lentamente, formando poros. Nick enfiou uma lasca de pinheiro por baixo da superfície já meio dourada. Revolveu a frigideira, e a panqueca soltou-se. Não vou me arriscar a desmanchá-la, pensou. Continuou passando a lasca de madeira por baixo da panqueca, e finalmente a virou. A panqueca pipocou na frigideira.

Pronta a panqueca, Nick tornou a passar gordura na frigideira. Gastou o resto da massa. Deu para uma panqueca grande e uma menor.

Nick comeu a panqueca grande e uma pequena cobertas de geleia de maçã. Passou geleia na terceira panqueca, dobrou-a em quatro, embrulhou em papel-manteiga e a guardou no bolso da camisa. Guardou o vidro de geleia na mochila e cortou pão para dois sanduíches.

Achou uma cebola grande na trouxa. Cortou-a ao meio e descascou-a. Cortou uma metade em fatias e fez sanduíches de cebola. Embrulhou-os também em papel-manteiga e guardou-os no outro bolso da camisa. Emborcou a frigideira na grelha, bebeu o café adoçado com leite condensado e deu uma arrumação no acampamento. Era um bom acampamento.

Tirou as partes da vara do estojo de couro, emendou-as e empurrou o estojo para dentro da barraca. Instalou o molinete e passou a linha pelas guias, tomando cuidado para o mecanismo não enrolar com o próprio peso. Era uma linha grossa de dois elementos. Tinha custado oito dólares há muito tempo. Era pesada para poder jogar longe uma isca leve. Abriu a lata de alumínio onde guardava as guias de tripa, acondicionadas entre almofadas de flanela. Nick tinha umedecido as almofadinhas na torneira do trem. Nas almofadas umedecidas as guias de tripa amoleceram. Nick desenrolou uma e amarrou-a na ponta da linha. Na ponta da guia amarrou o anzol pequeno e fino. Experimentou o nó esticando a linha.

Feito isso, desceu para o rio com a vara na mão e a garrafa de gafanhotos pendurada ao pescoço por um cordão preso ao gargalo. O puçá ia pendurado no cinto. No ombro levava um saco vazio de farinha com um nó em cada canto.

Sentiu-se estranho, mas muito feliz, como profissional com todos esses apetrechos pendurados no corpo. A garrafa de gafanhotos ia batendo no peito dele. Os bolsos da camisa iam estufados com o almoço e o estojo de iscas. Nick entrou na água. Sentiu um choque. A calça grudou-lhe nas pernas. As botinas sentiam os seixos. A água estava gelada.

A correnteza borbulhava em volta das pernas dele. No ponto onde entrou, a água batia nos joelhos. Foi descendo com a correnteza. Sacudiu a garrafa para tirar um gafanhoto. O primeiro gafanhoto deu um salto no gargalo da garrafa e caiu na água. Foi chupado pelo redemunho em volta da perna direita de Nick e voltou à superfície um pouco mais abaixo. Flutuou rápido, mexendo as pernas. Logo sumiu debaixo da superfície. Uma truta o pegou.

Outro gafanhoto meteu a cabeça fora da garrafa. As antenas entraram em atividade. Pôs as pernas da frente para fora da garrafa preparando o salto. Nick pegou-o pela cabeça e com a outra mão espetou-o no anzol pela barriga. O gafanhoto segurou o anzol com as pernas da frente e dele saiu uma gosma cor de tabaco. Nick soltou-o na água.

Segurando a vara com a mão direita, foi dando linha para o gafanhoto na correnteza. Soltou a linha do molinete com a mão esquerda e deixou-a se desenrolar livre. Via o gafanhoto na correnteza. O gafanhoto desapareceu.

Nick sentiu um puxão na linha, e puxou também. Continuou puxando com a mão esquerda. A vara curvava e esticava, curvava e esticava, a truta forcejando contra a correnteza. Nick percebeu que era pequena. Levantou a vara no ar. Ela se curvou com o puxão.

Nick pegou a linha com a mão esquerda e puxou. A truta resistia na correnteza, mas já cansada. Finalmente veio à superfície. O dorso tinha a cor cinza-clara dos seixos, os lados, mais claros, brilharam ao sol. Com a vara debaixo do braço direito, Nick agachou-se mergulhando a mão direita na água. Pegou a truta, que ainda se debatia, com a mão molhada; tirou o anzol da boca da truta e jogou-a de volta ao rio.

Ela hesitou um pouco na correnteza, depois foi para o fundo e parou junto de uma pedra. Nick enfiou a mão para tocá-la, afundou o braço na água até o cotovelo. A truta estava parada na correnteza, descansando nos seixos ao lado de uma pedra. Quando os dedos de Nick a tocaram, tocaram também o sentimento sereno que ela guardava de ter escapado e de ter virado uma sombra no fundo do rio.

Ela está bem, pensou Nick. Só está cansada.

Como ele tinha molhado a mão antes de tocar a truta, não perturbou o muco delicado que a cobre. Quando se toca uma truta com a mão enxuta, um fungo branco ataca o ponto tocado. Anos antes, quando pescava em rios muito procurados, com pescadores na frente e atrás dele, Nick sempre encontrava trutas mortas, cobertas de fungo branco, paradas numa pedra ou flutuando de barriga para cima em algum remanso. Nick não gostava de pescar com outros. Se não fossem pessoas do mesmo grupo, estragavam a pescaria.

Foi descendo a correnteza, com água acima dos joelhos. Desceu os cinquenta metros de rasoura antes das toras que represavam o rio. Não tornou a iscar o anzol, desceu a correnteza com ele na mão. Sabia que podia pegar trutas pequenas no raso, mas não queria. Àquela hora do dia não haveria trutas grandes na parte rasa.

Agora a água já subia pelas coxas de Nick. Ele estava entrando no trecho represado pelas toras. A água era escura. À esquerda começava a planura; à direita, o brejo.

Nick firmou-se na correnteza e tirou um gafanhoto da garrafa, enfiou o anzol nele e cuspiu para dar sorte. Correu alguns metros de linha do molinete e lançou o gafanhoto na água escura à frente. Ele flutuou para as toras, depois o peso da linha puxou-o para o fundo. Nick segurou a vara com a mão direita, deixando a linha correr por entre os dedos.

Logo sentiu uma puxada comprida. Fisgou, a vara curvou-se, a linha se esticou e saiu da água, tudo isso numa só fisgada perigosa. Nick percebeu o momento em que a tripa arrebentaria se a tensão aumentasse e soltou a linha.

O molinete soltou um matraqueado mecânico enquanto a linha corria por ele. Corria depressa. Nick não conseguiu parar o desenrolar da linha, o molinete matraqueando forte.

Com o eixo da carretilha já aparecendo, Nick sentiu o coração quase parando de excitação. Travou o molinete com a mão esquerda. Foi difícil enfiar o dedo grande no mecanismo.

Quando ele aumentou a pressão do dedo, a linha esticou-se, e adiante das toras apareceu uma truta enorme na superfície. Quando ela saltou, Nick abaixou a ponta da vara. Mas quando mergulhou a ponta para aliviar a tensão, sentiu que ela crescia. Estava claro que a tripa tinha arrebentado. Quando isso acontece, a linha perde a elasticidade e fica seca e dura. Depois afrouxou.

De boca seca, o coração quase parado, Nick começou a enrolar a linha. Nunca tinha visto uma truta daquele tamanho. Havia nela um peso, uma força e também um volume quando ela apareceu num salto. Tinha quase a largura de um salmão. A mão de Nick tremia. Ele foi recolhendo a linha devagar. A emoção tinha sido muito forte. Ele sentiu-se enjoado, ansioso e achou melhor sentar.

A guia de tripa tinha arrebentado rente ao anzol. Nick pegou-a. Pensou na truta lá no fundo, pousada nos seixos debaixo das toras, no escuro, com o anzol na boca. Nick sabia que os dentes dela cortariam o nó da guia, mas o anzol ficaria enterrado na boca. A truta devia estar zangada. Qualquer peixe daquele tamanho ficaria. Aquele era uma truta, e ela fora bem fisgada. Valente como o quê. Ele também se sentira valente quando começara. Como era grande a truta! A maior que ele já tinha visto.

Nick subiu para o plano e ficou lá parado, água escorrendo da calça e das botinas encharcadas. Voltou e sentou-se numa das toras. Não queria gastar aquela emoção de uma vez. Mexeu os dedos dentro das botas mergulhadas na água. Tirou um cigarro do bolso da camisa. Acendeu-o e jogou o fósforo no rio. Uma truta pequenina veio examinar o fósforo que girava na correnteza. Nick riu. Agora ele queria acabar o cigarro.

Ficou sentado na tora fumando, secando-se ao sol. O sol aquecia-lhe as costas. O rio corria, entrava na mata, fazia uma curva, brilhava, pedras polidas pela água, cedros e bétulas nas margens, as toras mornas ao sol, boas de sentar em cima, sem casca, lisas ao toque. A sensação de desapontamento foi desaparecendo aos poucos, o desapontamento que sentiu depois da emoção que o sacudiu. Agora estava tudo normal. Com a vara pousada na tora, Nick prendeu outro anzol na guia com um nó bem apertado.

Pôs a isca, apanhou a vara e caminhou para a ponta da tora voltada para a planura, onde o rio não era fundo. Debaixo e adiante das toras havia uma parte funda. Nick desceu para o raso perto da margem do brejo e foi andando até alcançar a parte rasa do rio.

À esquerda, onde terminava o campo e começava a mata, tinha um olmo enorme caído com as raízes de fora. Derrubado por alguma tempestade, caiu para o lado da mata, as raízes faziam uma barreira na margem. De onde estava, Nick viu canais profundos como valas abertas no leito raso pela correnteza. Pedregoso o fundo onde Nick estava, pedregoso e cheio de calhaus mais adiante. Na curva que fazia perto das raízes da árvore caída o leito era lodoso, e abaixo das raízes algas verdes balançavam-se na água.

Nick jogou a vara para trás, depois para a frente; fazendo uma curva, a linha lançou o gafanhoto sobre um dos canais profundos. Uma truta mordeu, Nick a fsgou.

Segurando a vara com a ponta na direção da árvore caída e recuando na correnteza, Nick manobrou para tirar a vara com a linha e a truta do perigo das algas. A truta corria esticando a linha, mas sempre voltava, a elasticidade da vara cedendo às puxadas, às vezes se curvando, mas sempre trazendo a truta. Nick foi

descendo o rio, acompanhando o peixe fisgado. Com a vara acima da cabeça conduziu a truta para a rede e recolheu-a.

A truta pesava na rede, truta malhada nas costas e prateada dos lados. Nick tirou-a do anzol e a recolheu no saco que tinha no ombro. Abriu a boca do saco contra a corrente, e ele se encheu. Levantou-o, mas não de todo, e a água escorreu pelos lados. A truta enorme estava no fundo, viva na água.

Nick foi descendo a correnteza. O saco na frente dele afundava na água e pesava no pescoço. O sol começava a castigá-lo nas costas e na nuca. Mas ele tinha uma truta especial. Não queria pescar muitas. Chegou a um ponto em que o rio era largo e raso. Havia árvores nas duas margens. As da esquerda lançavam sombras curtas na água com o sol da manhã. Nick sabia que em cada sombra havia trutas. À tarde, com o sol virado para o lado dos morros, as trutas iriam para as sombras frescas da outra margem.

As maiores ficariam perto da margem. No Negro sempre se podia pegá-las perto da margem. Quando o sol baixava, todas iam para a correnteza. Quando o sol refulgia na água antes de se pôr, podiam-se ver trutas enormes em qualquer ponto da correnteza. Mas era quase impossível pescá-las porque a superfície da água cegava como espelho ao sol. Podia-se pescar acima da correnteza, mas num rio como o Negro, ou neste, era preciso chapinhar contra a corrente, e em lugares fundos a água não dá pé. Não é agradável pescar em correnteza forte.

Nick foi andando pelo raso, atento aos trechos fundos perto das margens. Havia uma faia bem perto do rio, tão perto que os galhos mergulhavam na água.

Num lugar assim sempre tem truta. Mas Nick não queria se arriscar em tal lugar. O anzol podia ficar preso nos galhos.

Mas o lugar era fundo. Nick soltou um gafanhoto para a correnteza o puxar para o fundo debaixo do galho pendente. A linha esticou forte, Nick puxou. A truta debateu-se, a metade fora da água, entre folhas e ramos. A linha prendeu-se. Nick puxou forte, a truta escapuliu. Nick enrolou a linha, e com o anzol na mão foi descendo a correnteza.

À frente, perto da margem esquerda, havia uma tora grande. Era roliça. Paralela ao rio, a correnteza a pegava de ponta, fazendo um bigode de cada lado

dela. A tora ficava parcialmente na sombra.

Nick destampou a garrafa, e um gafanhoto veio preso à rolha. Nick pegou, iscou o anzol com ele e jogou na água. Esticou bem o braço com a vara para que o gafanhoto entrasse na corrente que passava na tora roliça. Nick abaixou a vara, o gafanhoto boiou. Um puxão forte. Nick segurou firme a vara. Parecia que ele estava preso à tora, não fosse a sensação de vida na ponta da linha.

Tentou forçar o peixe para a correnteza. Sentindo o peso, percebeu que tinha conseguido. A linha afrouxou, Nick pensou que a truta tinha escapado. Mas logo a viu perto, sacudindo a cabeça, querendo tirar o anzol. Tinha a boca bem fechada. Lutava para se livrar do anzol. Puxando a linha com a mão esquerda, Nick girou a vara para a direita a fim de esticar a linha e tentou guiar a truta para a rede; ela sumiu, a linha ficou molenga. Nick lutou com ela na correnteza, deixou que ela mergulhasse. Passou a vara para a mão esquerda, lutou contra a truta que subia a corrente, sentindo o tempo todo o peso dela. Finalmente conseguiu levá-la para a rede. Ergueu-a completamente da água, a rede escorrendo; tirou-a do anzol e recolheu-a no saco. Abriu a boca do saco e olhou as duas trutas grandes e vivas.

Descendo a correnteza, vadeou até chegar à tora roliça. Tirou o saco por cima da cabeça, as trutas se debatendo quando o saco saiu da água, e segurou-o de maneira que as trutas ficassem no fundo da água. Subiu na tora e sentou-se, escorrendo água das pernas e das botinas. Pousou a vara e foi escorregando para a ponta da tora que ficava na sombra. Tirou os sanduíches do bolso, mergulhou-os na água e comeu-os. A correnteza levou as migalhas. Nick apanhou água com o chapéu e bebeu.

Estava fresco na sombra. Tirou um cigarro e pegou um fósforo. Acendeu o cigarro e ficou fumando, olhando o rio. Lá adiante o rio se estreitava e entrava num brejo. Nessa parte o rio era fundo e liso na superfície, e o brejo parecia sólido entre os cedros de galhos também sólidos. Não seria possível caminhar naquele brejo. Os galhos dos cedros nasciam baixo nos troncos. Só andando bem rente à superfície se poderia avançar. Deve ser por isso que os animais que vivem nos brejos foram feitos como animais de brejo.

Seria bom se ele tivesse levado alguma coisa para ler. Deu-lhe vontade de ler. E nenhuma de entrar no brejo. Olhou o rio. Um cedro enorme pendia sobre a correnteza. Adiante do cedro o rio entrava no brejo.

Nick não queria entrar no brejo no momento. Para que entrar em um lugar com água pelo peito? Para pegar trutas grandes em um lugar em que não se pode recolhê-las? As margens do brejo eram peladas, os grandes cedros se uniam no alto, o sol não passava a não ser em frestas. Pescar em águas profundas com pouca luz seria trágico. Pescar em brejo é uma aventura arriscada. Nick não entrava nisso. Por hoje não queria continuar descendo a corrente.

Tirou o canivete, abriu-o e o fincou na tora. Pegou o saco, enfiou a mão e tirou uma truta. Pegando-a um pouco acima do rabo, que é difícil de segurar, bateu com ela na tora. A truta estremeceu e ficou dura. Pousou-a na tora e fez o mesmo com a outra. Ficaram as duas lado a lado na tora. Belíssimas trutas.

Abriu-as da cabeça ao rabo e limpou-as. As entranhas, as guelras e a língua saíram numa única operação. Eram dois machos; tiras brancas compridas de leita, lisinhas e limpas. Todas as entranhas limpas e compactas, saindo de uma só vez. Jogou as entranhas no seco da margem para as martas comerem.

Lavou os peixes no rio. Quando os tirou da água pareciam vivos. Ainda não tinham perdido a cor. Lavou as mãos e secou-as na tora. Pôs as trutas em cima do saco que estava estendido na tora e enrolou-as nele e pôs o saco com elas na rede. O canivete ainda estava fincado na tora. Limpou-o na madeira e guardou-o no bolso.

Ficou em pé na tora, com a vara e a rede nas mãos. Desceu para a água e caminhou para a margem, escorrendo água da calça. Subiu para o seco e cortou caminho pela mata para chegar ao campo. Voltava para o acampamento. Olhou para trás. O rio corria entre as árvores. Tinha muitos dias pela frente para pescar no brejo.

DEZ ÍNDIOS



Depois de um Quatro de Julho voltando tarde para casa na carroça com Joe Garner e família, Nick passou por nove índios bêbados na estrada. Lembrava que foram nove porque Joe Garner, dirigindo a carroça no lusco-fusco, parou os cavalos, desceu e arrastou um índio que estava bem na trilha da roda. O índio dormia com a cara na areia. Joe arrastou-o para o capim da beira da estrada e voltou para a boleia da carroça.

— Com esse são nove — disse Joe —, só no trecho da saída da cidade até aqui.

— Esses índios — disse a sra. Garner.

Nick ia no banco traseiro com os dois garotos Garner. Olhou para a beira da estrada procurando o lugar onde Joe tinha deixado o índio.

— Não era Billy Tabeshaw? — perguntou Carl.

— Não.

— A calça dele parece a de Billy.

— Todos o índios vestem calças iguais.

— Eu nem o vi — confessou Frank. — Papai desceu e logo voltou, sem me dar tempo de ver. Pensei que ele tinha ido matar uma cobra.

— Muitos índios matam cobras na noite de hoje — disse Joe Garner.

— Esses índios — disse a sra. Garner.

Seguiram viagem. A estrada deixava a rodovia e começava a subir os morros. Era muito peso para os cavalos, e os meninos desceram para acompanhar a pé. A

estrada era de areia. Quando chegaram à escola no alto do morro, Nick olhou para trás. Viu as luzes de Petoskey e, do outro lado da enseada, as luzes de Harbour Springs. Subiram para a carroça de novo.

— Deviam espalhar cascalho neste trecho — disse Joe. A carroça seguia pela mata. Joe e a sra. Garner iam juntos no banco da frente. Nick ia sentado entre os dois meninos. A estrada abriu-se numa clareira.

— Foi aqui que papai passou em cima do gambá.

— Foi mais adiante.

— Tanto faz aqui como mais adiante — disse Joe sem virar a cabeça. — Qualquer lugar serve para a gente passar em cima de gambá.

— Vi dois gambás ontem — disse Nick.

— Onde?

— No lago. Procuravam peixe morto na praia.

— Capaz que eram guaxinins — disse Carl.

— Eram gambás. Conheço gambá.

— Deve conhecer mesmo — disse Carl. — Você namora uma índia.

— Não fale assim, Carl — ordenou a sra. Garner.

— O cheiro é igual.

Joe Garner riu.

— Não fique rindo, Joe — disse a sra. Garner. — Não quero ver Carl falando assim.

— Você namora uma índia, Nickie? — perguntou Joe.

— Não.

— Namora, sim, pai — disse Frank. — É Prudence Mitchell.

— Não é minha namorada.

— Ele a visita toda noite.

— Conversa. — Sentado entre os dois meninos no escuro, Nick sentiu-se ao mesmo tempo vazio e feliz por ser provocado a respeito de Prudence Mitchell. — Ela não é minha namorada.

— Então não é? — disse Carl. — Estão juntos todos os dias.

— Carl não arranja namorada — disse a mãe. — Nem índia.

Carl ficou calado.

— Carl não sabe conversar com mulher — disse Frank.

— Cale a boca, tá?

— Não fique aborrecido, Carl — disse Joe Garner. — Mulher não dá camisa a ninguém. Veja o meu caso.

— Olhe só quem fala. — A sra. Garner encostou-se em Joe com um solavanco da carroça. — Você teve penças de namoradas.

— Aposto que papai nunca namorou índia.

— Não diga bobagem — disse Joe. — Nick, fique de olho aberto se não quer perder Prudence.

A mulher cochichou qualquer coisa para Joe, ele riu.

— Está rindo de quê? — perguntou Frank.

— Não diga, Garner — advertiu a mulher. Joe riu de novo.

— Nickie pode ficar com Prudence — disse Joe. — Tenho uma namorada e tanto.

— Assim é que se fala — apoiou a sra. Garner.

Os cavalos faziam força na areia. Joe manjava o chicote no escuro.

— Vamos, puxem. Amanhã vão ter que puxar muito mais.

Iniciaram a longa descida, a carroça se sacudindo. Logo chegaram e todos desceram. A sra. Garner abriu a porta, entrou e voltou com um lampião aceso. Carl e Nick descarregaram a carroça. Frank subiu à boleia para levar a carroça ao galpão e desatrelar os cavalos. Nick subiu os degraus e abriu a porta da cozinha. A sra. Garner acendia o fogão. Virou a cabeça quando Nick abriu a porta.

— Boa-noite, sra. Garner — disse ele. — Obrigado pela carona.

— Ora essa, Nickie.

— Diverti-me muito.

— Gostamos da sua companhia. Por que não fica para jantar?

— É melhor eu ir. Meu pai deve estar me esperando.

— Então é melhor ir mesmo. Diz a Carl para vir aqui, sim?

— Pode deixar.

— Boa-noite, Nick.

— Boa-noite, sra. Garner.

Nick saiu da casa e passou no galpão. Joe e Frank estavam ordenhando.

— Boa-noite — cumprimentou Nick. — Obrigado por tudo.

— Boa-noite, Nick — respondeu Joe. — Não vai ficar para jantar?

— Não posso. Diz a Carl que a mãe dele o está chamando.

— Está bem. Boa-noite, Nickie.

Nick seguiu descalço pelo caminho, que era de terra fofa, sentindo a friagem do orvalho nos pés. Pulou uma cerca no fim do pasto, desceu uma ladeirinha, molhando os pés na lama do pântano; subiu pela mata de faias até ver as luzes da casa. Pulou a cerca e caminhou para a varanda da frente. Pela janela viu o pai sentado à mesa, lendo à luz de um lampião. Nick abriu a porta e entrou.

— Então, Nickie, que tal o passeio?

— Foi ótimo, pai. Foi um belo Quatro de Julho.

— Está com fome?

— Se estou.

— Que fez dos sapatos?

— Deixei na carroça dos Garner.

— Vamos à cozinha.

O pai foi na frente com o lampião. Parou e ergueu a tampa da geladeira. Nick chegou à cozinha. O pai tirou um pedaço de frango frio e uma jarra de leite e pôs tudo na mesa, na frente de Nick. Pousou o lampião.

— Tem uma torta também — disse. — Será que chega para você?

— Demais.

O pai sentou-se numa cadeira ao lado da mesa coberta com oleado. A luz do lampião lançava uma sombra enorme do pai na parede.

— Quem ganhou o jogo?

— Petoskey. Cinco a três.

O pai olhava Nick comer e pôs leite no copo para ele. Nick bebeu e limpou a boca com o guardanapo. O pai estendeu o braço para a prateleira e pegou a torta. Tirou uma fatia grande para Nick. Era de amoras.

— E o senhor, fez o quê?

— Estive pescando de manhã.

— Pegou o quê?

— Só perca.

O pai olhava Nick comer a torta.

— E de tarde fez o quê? — perguntou Nick.

— Fui dar uma volta pelo acampamento índio.

— Viu alguém?

— Os índios estavam todos na cidade bebendo.

— Não viu ninguém?

— Vi sua amiga Prudie.

— Onde ela estava?

— Na mata com Frank Washburn. Quase tropecei neles. Estavam se esbaldando.

O pai não olhava mais para Nick.

— Eles estavam fazendo o quê?

— Não fiquei para ver.

— Me diz o que é que estavam fazendo.

— Não sei. Só ouvi as risadas deles.

— Como sabe que era deles?

— Eu os vi.

— Mas disse há pouco que não os tinha visto.

— Vi.

— Quem estava com ela?

— Frank Washburn.

— Eles estavam... estavam...

— Estavam o quê?

— Estavam felizes?

— Parecia que sim.

O pai levantou-se e saiu pela porta dos fundos da cozinha. Quando voltou, Nick estava olhando para o prato. Esteve chorando.

— Quer mais um pedaço? — O pai pegou a faca para cortar a torta.

— Não.

— Come um pouco mais.

— Não. Já chega.

O pai recolheu as coisas da mesa.

— Em que parte da mata eles estavam? — perguntou Nick.

— No fundo do acampamento. — Nick baixou os olhos para o prato. — É melhor ir dormir, Nick — disse o pai.

— É.

Nick foi para o quarto, despiu-se e caiu na cama. Ouvia os movimentos do pai na sala. Deitou-se de bruços.

“Estou apaixonado”, ele pensou. “Se me sinto assim, é porque estou apaixonado.”

Ouviu o pai soprando o lampião e se recolhendo ao quarto. Ouviu o vento nas árvores e sentiu a friagem dele nas gretas. Continuou por muito tempo com a cara no travesseiro; depois de algum tempo se esqueceu de Prudence e dormiu. Acordou no meio da noite e ouviu o vento nos abetos lá fora e o avançar das ondas do lago na praia; e voltou a dormir. De manhã um vento forte jogava as ondas do lago bem longe na praia. Só muito tempo depois de estar acordado Nick se lembrou de que estava apaixonado.

ÍDÍLIO ALPINO



Mesmo de manhã cedo era quente a descida do vale. O sol derretia a neve dos esquis que carregávamos e secava a madeira. Era primavera no vale, mas o sol estava muito quente. Chegamos a Galtour com nossos esquis e mochilas. Quando passávamos diante do pátio da igreja, tinham acabado de enterrar alguém. *Grüss Gott*, eu disse ao padre quando ele passava por nós saindo do pátio da igreja. O padre fez uma inclinação de cabeça.

— Reparou que padre nunca fala com a gente? — disse John.

— Parece que eles gostam de dizer *Grüss Gott*.

— Nunca respondem — disse John.

Paramos e ficamos olhando o sacristão espalhar a terra revolvida. Ao lado da cova recém-coberta estava um camponês de barba preta e botas de cano alto. O sacristão parou de espalhar terra e esticou o corpo para trás. O camponês de botas de cano alto tomou a enxada do sacristão e emendou o trabalho de espalhar terra sobre a sepultura — espalhando por igual como se espalha esterco em horta. Aquele trabalho de cobrir sepultura parecia fantasmático na manhã clara de maio. Como podia alguém ter morrido?

— Imagine ser enterrado num dia como este — falei a John.

— Eu não ia gostar.

— Ainda bem que não é com nenhum de nós.

Continuamos o caminho para a estalagem. Fazia um mês que esquiávamos na Silvretta, e era bom estar de volta no vale. A temporada na Silvretta, tinha sido boa, mas era esqui de primavera, a neve só era boa de manhã cedo e depois no fim da tarde. O resto do tempo ficava prejudicada pelo sol. Estávamos cansados do sol. Não havia como escapar dele. As únicas sombras eram as das rochas ou a da cabana erguida ao abrigo de uma rocha perto de uma geleira, e na sombra o suor congelava nas roupas de baixo. Não se podia ficar fora da cabana sem óculos escuros. Era bom apanhar um bronzeado, mas o sol castigava muito. Não se podia descansar debaixo dele. A primavera estava muito avançada para se ficar na Silvretta. E eu já estava farto de esquiar. Demoramos além da conta. Eu sentia na boca o gosto da água da neve derretida no teto de zinco da cabana. Esse gosto fazia parte do que eu sentia em relação a esqui. Ainda bem que há outras coisas além de esqui e ainda bem que eu estava no vale, longe da primavera nada natural da alta montanha e instalado nesta manhã de maio no vale.

O estalajadeiro estava na varanda, a cadeira reclinada na parede. Ao lado dele o cozinheiro, também sentado.

— Ski-heil! — disse o estalajadeiro.

— Heil! — respondemos, e encostamos os esquis na parede e descarregamos as mochilas.

— Como estava lá em cima? — perguntou o estalajadeiro.

— Schön. Sol em excesso.

— É. É muito sol nesta época do ano.

O cozinheiro ficou sentado em sua cadeira. O estalajadeiro entrou conosco, abriu o escritório e apanhou a nossa correspondência. Um maço de cartas e alguns jornais.

— Que tal uma cerveja? — propôs John.

— Ótimo. Mas lá dentro.

O proprietário trouxe duas garrafas, que bebemos enquanto líamos as cartas.

— Que tal mais cerveja? — disse John. Quem trouxe mais cerveja foi uma moça. Sorria enquanto abria as garrafas.

— Muitas cartas — disse ela.

— É. Muitas.

— Prosit — disse ela, e saiu, levando as garrafas vazias.

— Até já tinha esquecido o gosto de cerveja — comentei.

— Eu não — disse John. — Lá na cabana eu pensava muito em cerveja.

— Pois agora aí está ela.

— Nunca se deve fazer uma coisa por muito tempo — disse John.

— É. Nos demoramos muito lá em cima.

— Demoramos demais. Não é bom fazer uma coisa por muito tempo.

O sol entrava pela janela aberta e brilhava nas garrafas na mesa. As garrafas estavam pelo meio. Havia espuma nas garrafas. Não muita porque fazia frio. Quando se despejava cerveja nos copos, ela formava colarinho. Pela janela vi a estrada branca. As árvores dos lados da estrada estavam empoeiradas. Mais adiante havia um campo verde e um riacho. Ao longo do riacho, árvores e um moinho com roda-d'água. Pelo lado aberto do moinho vi uma tora comprida e uma serra subindo e descendo na tora. Parecia que a serra trabalhava sozinha. Quatro corvos andavam no campo verde. Outro corvo pousou numa árvore e ficou olhando. Lá na varanda o cozinheiro levantou-se e passou no corredor que levava ao fundo da cozinha. Cá dentro o sol brilhava nas garrafas vazias na mesa. John estava inclinado para a frente, com a cabeça nos braços.

Pela janela vi dois homens subindo os degraus da frente. Entraram no salão. Um era o camponês barbado de botas de cano comprido. O outro, o sacristão. Sentaram-se à mesa ao pé da janela. A moça veio e parou ao lado deles. O camponês não deu sinal de tê-la visto. Estava com as mãos na mesa. Vestia o uniforme velho do Exército. Nos cotovelos tinha remendos.

— O que vai ser? — pergunta o sacristão. O camponês não presta a mínima atenção.

— Vai beber o quê?

— Schnapps — diz o camponês.

— E um quarto de vinho tinto — disse o sacristão à moça.

A moça trouxe a bebida, o camponês bebeu o schnapps. Olhou pela janela. O sacristão olhou para ele. John dormia debruçado na mesa.

O proprietário apareceu e se aproximou da mesa. Falou em dialeto, e o sacristão respondeu. O camponês estava olhando pela janela. O proprietário saiu do salão. O camponês levantou-se. Tirou uma nota dobrada de dez mil coroas de uma carteira de couro e desdobrou-a. A moça aproximou-se.

— Alles? — perguntou.

— Alles — disse ele.

— Deixe que eu pague o vinho — disse o sacristão.

— Alles — repetiu o camponês para a moça. Ela enfiou a mão no bolso do avental e tirou-a cheia de moedas, que contou para dar o troco. O camponês saiu. Logo que ele saiu, o estalajadeiro entrou novamente e falou ao sacristão. Sentou-se à mesa. Conversaram em dialeto. O sacristão parecia contente. O estalajadeiro, não. O sacristão levantou-se. Era baixo e usava bigode. Debruçou-se na janela e olhou a estrada.

— Lá vai ele — disse.

— Vai no Löwen?

— Já.

Conversaram novamente um pouco mais. Depois o estalajadeiro veio à nossa mesa. Era um homem alto e velho. Olhou para John, que dormia.

— Está cansado.

— É. Levantamos muito cedo.

— Quer comer logo?

— A qualquer momento — respondi. — Qual é o menu?

— Tem tudo o que você quiser. A moça lhe trará o menu.

A moça trouxe o menu. John acordou. O menu era escrito à mão em um cartão, e o cartão preso a uma tabuinha.

— Olhe o *Speisekarte* — disse eu a John. John olhou, ainda sonolento. — Toma um drinque com a gente? — perguntei ao estalajadeiro. Ele sentou-se.

— Esses camponeses são brancos — disse.

— Vimos esse aí em um enterro quando chegamos.

— Da mulher dele.

— Ah.

— É um bronco. Todos esses camponeses são broncos.

— Que quer dizer?

— Você nem acredita. Você não acredita no que acaba de acontecer com esse aí.

— Me conte.

— Você não vai acreditar. — O estalajadeiro falou ao sacristão: — Franz, chegue aqui. — O sacristão aproximou-se, trazendo sua garrafinha de vinho e o copo. — Os senhores aqui acabam de chegar do Wiesbadenerhütte.

Trocamos apertos de mão.

— Bebe o quê? — perguntei.

Franz fez que não, sacudindo o dedo.

— Outro quarto?

— Aceito.

— Entende dialeto? — perguntou o estalajadeiro.

— Não.

— De que se trata? — perguntou John.

— Ele vai nos contar uma história do camponês que vimos cobrindo a cova quando chegávamos

— Não vou entender — disse John. — Falam muito depressa.

— Aquele camponês trouxe a mulher hoje para ser enterrada. Morreu em novembro — disse o estalajadeiro.

— Dezembro — disse o sacristão.

— Não faz diferença. Então ela morreu em dezembro, e ele notificou a comuna.

— Dezoito de dezembro — disse o sacristão.

— Também não podia trazê-la pra ser enterrada enquanto a neve não derretesse.

— Ele mora do outro lado do Paznaun — disse o sacristão. — Mas ele é desta paróquia.

— Não podia trazê-la de jeito nenhum? — perguntei.

— Não. De onde ele mora, enquanto a neve não derrete só se pode vir de esquí. Foi por isso que só hoje ele trouxe a mulher para ser enterrada. Mas quando olhou o rosto dela, o padre não quis fazer o enterro. Conte o resto você, Franz. Fale alemão, não dialeto.

— O padre achou esquisito — disse o sacristão. — Na comunicação à comuna ela morreu do coração. Sabíamos que ela era cardíaca. Desmaiou na igreja algumas vezes. Passou muito tempo sem vir aqui. Quando o padre ergueu o véu que cobria o rosto do cadáver, perguntou a Olz se a mulher tinha sofrido muito. Olz disse que não; que quando chegou em casa encontrou-a morta, atravessada na cama. O padre olhou mais uma vez o rosto do cadáver — continuou o sacristão — e perguntou a Olz o que tinha acontecido para o rosto ficar daquele jeito. Olz respondeu que não sabia. O padre disse que então era melhor Olz investigar, e tornou a cobrir o rosto do cadáver. Olz não disse nada. O padre ficou olhando para ele, ele olhando para o padre. Finalmente Olz perguntou se o padre queria mesmo saber. O padre respondeu que precisava saber.

— Agora vem a parte melhor. Prestem atenção — disse o estalajadeiro. — Continue, Franz.

— “Bem”, disse Olz, “quando ela morreu, comuniquei à comuna e levei ela para o depósito de lenha no telheiro em cima da pilha de toras. Quando passei a tirar lenha do telheiro, ela estava dura; então pus ela em pé encostada na parede. Quando fui ao telheiro de noite cortar lenha, ela estava de boca aberta; aí eu pendurei o lampião na boca dela”.

“‘Por que fez isso?’, perguntou o padre.

“‘Eu não sei’, diz Olz.

“‘Quantas vezes fez isso?’, pergunta o padre.

“‘Sempre que eu ia no telheiro cortar lenha de noite.’

“‘Fez muito mal’, disse o padre. ‘Você amava sua mulher?’

“‘Ja, amava’, disse Olz. ‘Amava muito.’”

— Entendeu? — perguntou o estalajadeiro. — Entendeu a parte da mulher?

— Ouvi tudo — respondi.

— Vamos ou não vamos comer? — perguntou John.

— É só pedir — disse eu. — Acredita nessa história? — perguntei ao proprietário.

— É verdadeira. Esses camponeses são brancos.

— Para onde ele foi quando saiu daqui?

— Foi beber no Löwen, o meu colega.

— Não queria beber em minha companhia — disse o sacristão.

— Não quis beber comigo quando *ele* ficou sabendo a respeito da mulher — disse o proprietário.

— Ei, vamos ou não vamos comer? — disse John.

— Vamos, ora — respondi.

CORRIDA DE PERSEGUIÇÃO



William Campbell participou de uma corrida de perseguição com uma trupe de burlescos desde Pittsburgh. Numa corrida de perseguição em bicicleta os participantes saem a intervalos regulares um depois do outro. Pedalam rápido porque a corrida geralmente é de curta distância, e, se um reduzir a velocidade, outro que mantenha o ritmo avança no espaço que os separava igualmente na largada. Quando um participante é alcançado e ultrapassado, sai da corrida e é obrigado a desmontar e se retirar da pista. Se nenhum participante for alcançado, o vencedor é aquele que ganhou mais distância. Na maioria das corridas de perseguição, havendo apenas dois participantes, um deles é alcançado dentro de dez quilômetros. A trupe de burlescos alcançou William Campbell em Kansas City.

William Campbell achou que poderia manter pequena dianteira sobre a trupe até a costa do Pacífico. Enquanto precedesse a trupe como elemento avançado, ele receberia pagamento. Quando a trupe o alcançou, ele estava na cama. Estava na cama quando o empresário da trupe entrou no quarto; depois que o empresário saiu, Campbell resolveu continuar na cama. Fazia muito frio em Kansas City, e ele não tinha pressa de sair. Não gostava de Kansas City. Pegou uma garrafa debaixo da cama e bebeu. O estômago dele sentiu-se bem. Mr. Turner, empresário do burlesco, tinha recusado um drinque.

A conversa de William Campbell com Mr. Turner foi um tanto estranha. Mr. Turner bateu à porta. Campbell mandou entrar. Quando entrou no quarto, Mr. Turner viu roupas numa cadeira, uma mala aberta, a garrafa em outra cadeira ao lado da cama e alguém deitado e completamente coberto.

— Mister Campbell — disse Mr. Turner.

— Não pode me despedir — disse William Campbell ainda debaixo do cobertor. Debaixo do cobertor estava quente, alvo e aconchegante. — Não pode me despedir, porque desci da bicicleta.

— Está bêbado — disse Mr. Turner.

— Estou — disse William Campbell, falando com a boca encostada no lençol e sentindo a textura com os lábios.

— Você é um panaca — disse Mr. Turner, e apagou a luz. A luz estivera acesa a noite toda. Já eram dez horas da manhã. — Você é um panaca bêbado. Quando entrou neste quarto?

— Ontem à noite — disse William Campbell, falando com a boca no lençol. Descobriu que gostava de falar com a boca num lençol. — Você já falou com a boca no lençol?

— Não me venha com brincadeiras. Você não é engraçado.

— Não estou sendo engraçado. Só estou falando com a boca no lençol.

— Você está falando com a boca no lençol; e daí?

— Pode ir, Mr. Turner — disse Campbell. — Não trabalho mais para você.

— Ainda bem que já sabe.

— Sei muito mais — disse William Campbell. Afastou as cobertas e olhou para Mr. Turner. — Sei o bastante para poder olhar para você. Quer ouvir o que eu sei?

— Não.

— Ótimo — disse William Campbell. — Porque em verdade eu não sei nada. Estava só falando. — Puxou as cobertas para o rosto novamente. — Gosto de ficar debaixo das cobertas.

Mr. Turner continuou em pé ao lado da cama. Era um senhor de meia-idade, barrigudo e careca, e tinha muito que fazer.

— Você devia parar aqui, Billy, e curar-se — disse Mr. Turner. — Providencio tudo se você quiser.

— Não quero me curar. Não preciso. Estou muito feliz. Aliás, sempre fui feliz a vida toda.

— Há quanto tempo está assim?

— Que pergunta! — William Campbell respirou forte debaixo das cobertas.

— Há quanto tempo está bêbado, Billy?

— Não fiz o meu trabalho?

— Fez. Eu só perguntei foi há quanto tempo você está bêbado, Billy.

— Não sei. Mas meu lobo está de volta. — Encostou a língua no lençol. — Estou com ele há uma semana.

— Dá pra ver.

— Pois é. Meu lobo querido. Toda vez que tomo um drinque ele sai do quarto. Não aguenta cheiro de álcool. Coitado dele. — Passou a língua para lá e para cá no lençol. — É um lobo simpático. Sempre foi assim. — William Campbell fechou os olhos e respirou fundo.

— Precisa fazer um tratamento de desintoxicação — disse Mr. Turner. — Vai gostar do Keeley. Não é mau.

— O Keeley — disse William Campbell. — Não fica longe de Londres.

Fechou os olhos e abriu-os, raspando as pestanas no lençol.

— Adoro lençóis.

Olhou para Mr. Turner:

— Então você pensa que estou bêbado.

— E está.

— Não, não estou.

— Está bêbado e com *delirium tremens*.

— Não. — William Campbell firmou mais o lençol na cabeça. — Querido lençol — disse. Respirou no lençol. — Meu lindo lençol. Você me ama, não é, lençol? Está incluído na diária do quarto. Como no Japão. Não. Escute, Billy, meu querido Billy Escorregadio: tenho uma surpresa para você. Não estou bêbado. Eu estou é injetado.

— Não! — disse Mr. Turner.

— Olhe só. — William Campbell levantou a manga direita do pijama e esticou o braço para fora das cobertas. — Olhe só. — Do pulso até o cotovelo havia pequenos círculos azuis em volta de pequeninos pontos escuros. Os círculos quase tocavam um no outro. — É a nova sensação. De vez em quando bebo um pouco para expulsar o lobo do quarto.

— Há uma cura pra isso, *Escorregadio* — disse Turner.

— Não — disse William Campbell. — Eles não têm cura para nada.

— Você não pode jogar a toalha assim sem mais nem menos — disse Turner, e sentou-se na cama.

— Cuidado com o meu lençol — disse Campbell.

— Você não pode desistir nessa idade e ficar bombeando essas coisas para dentro só porque está com problemas.

— Tem lei contra isso, se é o que quer dizer.

— Não. O que eu quero dizer é que você precisa lutar contra isso.

Billy Campbell acariciou o lençol com os lábios e com a língua.

— Querido lençol. Sou capaz de beijar este lençol e ao mesmo tempo ver através dele.

— Deixe o lençol. Você não pode se entregar a esse negócio, Billy.

William Campbell fechou os olhos. Começava a sentir enjoo no estômago. Sabia que o enjoo ia aumentar, aumentar sem alívio enquanto não se fizesse alguma coisa. Foi nessa altura que ele ofereceu um drinque a Mr. Turner, e Mr. Turner recusou. William Campbell bebeu um gole pela boca da garrafa. Foi uma providência temporária. Mr. Turner o observava. Mr. Turner estava se demorando no quarto mais do que tencionara, tinha muito que fazer; apesar de viver em contato diário com pessoas que consumiam drogas, tinha horror a drogas e gostava muito de William Campbell; não queria abandoná-lo. Tinha pena dele e achava que havia possibilidade de cura. Sabia que havia boas clínicas em Kansas City. Mas precisava ir-se. Levantou-se.

— Olhe, Billy — disse William Campbell —, vou lhe dizer uma coisa. Você é conhecido por Billy *Escorregadio*. Porque sabe esquivar-se. Eu sou só Billy. Porque não

sei me esquivar. As coisas me pegam. Toda vez que tento me esquivar, me pegam. — Fechou os olhos. — Não sei me esquivar, Billy. É chato quando não se pode esquivar.

— É, *Escorregadio* — disse Turner.

— É o quê? — disse William Campbell olhando para o outro.

— O que você estava dizendo.

— Não, eu não estava dizendo nada. Deve ter sido engano.

— Você falava de esquiva.

— Não, eu não podia estar falando de esquiva. Mas, escute, Billy, vou lhe contar um segredo. Apegue-se aos lençóis, Billy. Evite mulheres e cavalos, e... e... águias, Billy. Quem gosta de cavalos acha cavalos, e quem gosta de águias acha águias. — Calou-se e cobriu a cabeça com as cobertas.

— Preciso ir — disse Billy *Escorregadio*.

— Se você gosta de mulheres, vai ter uma dose — disse William Campbell. — Se gosta de cavalos...

— Você já disse isso.

— Disse o quê?

— De cavalos e águias.

— Ah, sim. E se gosta de lençóis. — Respirou no lençol e apertou o nariz contra ele. — Nada sei sobre lençóis. Comecei a amar este agora mesmo.

— Preciso ir — disse Mr. Turner. — Tenho muito que fazer.

— Está certo. Todo mundo precisa ir.

— Estou indo.

— Pois vá.

— Você está bem, Billy?

— Nunca me senti tão feliz.

— Está bem mesmo?

— Estou ótimo. Pode ir. Vou ficar deitado um pouco mais. Lá pelo meio-dia me levanto.

Mas quando Mr. Turner voltou ao quarto de William Campbell ao meio-dia, William Campbell dormia; e como Mr. Turner era pessoa que sabia distinguir o que

tem valor na vida não acordou William Campbell.

HOJE É SEXTA-FEIRA



Três soldados romanos numa taverna às onze da noite. Barris encostados nas paredes. Atrás do balcão de madeira um vendedor de vinho hebreu. Os soldados romanos estão meio bêbados.

1º Soldado romano — Experimentou o tinto?

2º Soldado romano — Experimentei não.

1º Soldado — Precisa experimentar.

2º Soldado — Está bem, George, vamos para uma rodada do tinto.

Vendedor de vinho hebreu — Eis aí, senhores. Vão gostar. [Traz uma jarra de barro com vinho que tirou de um barril.] É muito bom vinho.

1º Soldado — Tome um gole você também. [Vira-se para o terceiro soldado romano que está recostado num barril.] Que é que há com você?

3º Soldado romano — Estou com dor nas tripas.

2º Soldado — Andou bebendo água.

1º Soldado — Experimente do tinto.

3º Soldado — Não posso beber esse troço. Estraga meu intestino.

1º Soldado — Você está servindo aqui há muito tempo.

3º Soldado — E eu não sei?

1º Soldado — Ei, George, não tem alguma coisa para consertar o estômago desse senhor?

Vendedor de vinho — Está na mão.

[O terceiro soldado romano prova a bebida que o vendedor de vinho preparou para ele.]

3º Soldado — Ei, o que foi que você pôs nisso? Bosta de camelo?

Vendedor de vinho — Beba de uma vez, tenente. Fica bom num instante.

3º Soldado — Bem, pior não posso ficar.

1º Soldado — Experimente. George já me botou bom uma vez.

Vendedor de vinho — Você estava ruim mesmo, tenente. Sei o que é bom para consertar um mau estômago.

[O terceiro soldado romano bebe tudo de uma vez.]

3º Soldado — Jesus Cristo! [Faz careta.]

2º Soldado — Aquele impostor.

1º Soldado — Ah, não sei. Ele estava muito bem hoje.

2º Soldado — Por que ele não desceu da cruz?

1º Soldado — Ele não quis descer da cruz. Não é o papel dele.

2º Soldado — Me mostre um sujeito que não queira descer da cruz.

1º Soldado — Ah, você não sabe o que está dizendo. Pergunte a George aí. Ele quis descer da cruz, George?

Vendedor de vinho — Pra dizer a verdade, senhores, eu não estive lá. Nunca tive interesse por essas coisas.

2º Soldado — Estou cansado de ver; aqui e em muitos outros lugares. Toda vez que você me mostrar um que não queira descer da cruz quando chega a hora — quando chega a hora, entenderam? —, eu subo com ele imediatamente.

1º Soldado — Achei que ele estava muito bem hoje.

3º Soldado — Esteve bem.

2º Soldado — Vocês não sabem do que estou falando. Não estou dizendo se ele foi bom ou não. Estou dizendo é quando chega a hora. Quando começo a pregar os pregos, não tem nenhum que não sinta vontade de parar se pudesse.

1º Soldado — Você acompanhou o caso, George?

Vendedor de vinho — Não. Não tive interesse nenhum, tenente.

1º Soldado — Fiquei admirado de ver o comportamento dele.

3º Soldado — A parte que não gosto é quando pregam eles. Isso deve ser horrível.

2º Soldado — Se isso já é ruim, pior pra mim é quando os erguem. [Faz o gesto de erguer, deslizando uma palma da mão na outra.] Quando o peso começa a puxar eles para baixo. Isso é que é horrível.

3º Soldado — Alguns sofrem muito.

1º Soldado — E eu já não vi? Já vi muitos. Podem crer, ele esteve muito bem hoje.

[O segundo soldado romano sorri para o vendedor hebreu de vinho.]

2º Soldado — Você é um verdadeiro cristão, rapaz.

1º Soldado — Brinque à vontade com ele. Mas escute o que eu vou lhe dizer. Ele esteve muito bem hoje.

2º Soldado — Mais vinho?

[O vendedor de vinho ergue os olhos, esperando. O terceiro soldado romano está sentado com a cabeça caída. Parece que não está bem.]

3º Soldado — Eu não quero mais.

2º Soldado — Então só dois, George.

[O vendedor de vinho serve uma jarra de vinho menor do que a última. Debruça-se no balcão.]

1º Soldado — Viu a garota dele?

2º Soldado — E eu não estava bem perto dela?

1º Soldado — É bonita.

2º Soldado — Conheci ela antes dele. [Pisca para o vendedor de vinho.]

1º Soldado — Eu a via sempre na cidade.

2º Soldado — Parece que ela andava sempre com problemas. Ele não deu sorte a ela.

1º Soldado — Ele não teve sorte. Mas hoje ele me pareceu muito bem.

2º Soldado — E a turma dele?

1º Soldado — Sumiram todos. Só as mulheres ficaram.

2º Soldado — Um bando de covardes. Quando viram ele içado lá, simplesmente sumiram.

1º Soldado — As mulheres ficaram firmes.

2º Soldado — Todas elas.

1º Soldado — Viu quando enfiei a lança nele?

2º Soldado — Um dia você se estrepa fazendo isso.

1º Soldado — Foi o mínimo que pude fazer por ele. Não duvidem, ele esteve muito bem hoje.

Vendedor de vinho — Senhores, está na hora de fechar.

1º Soldado — Mais uma rodada só.

2º Soldado — Para quê? Esse troço não leva a gente a lugar nenhum. Vamos embora.

1º Soldado — Só mais uma rodada.

3º Soldado — [Levantando-se do barril.] Não, vamos embora. Me sinto muito mal hoje.

1º Soldado — Uma só.

2º Soldado — Não. Precisamos ir. Boa-noite, George. Ponha na conta.

Vendedor de vinho — Boa-noite, senhores. [Parece preocupado.] Não pode deixar alguma coisa por conta, tenente?

2º Soldado — Francamente, George! O pagamento é quarta-feira.

Vendedor de vinho — Está bem, tenente. Boa-noite, senhores. [Os três soldados romanos saem para a rua.]

[Já na rua.]

2º Soldado — George é um judeca igual a todos.

1º Soldado — Oh, George é um bom sujeito.

2º Soldado — Pra você, esta noite, todo mundo é um bom sujeito.

3º Soldado — Vamos logo para o acampamento. Me sinto muito mal hoje.

2º Soldado — Você está servindo aqui há muito tempo.

3º Soldado — Não, não é isso. Sinto-me mal.

2º Soldado — Você está servindo aqui há muito tempo. Esta é a verdade.

CAI O PANO

HISTÓRIA BANAL



Então ele chupou uma laranja, cuspidando vagarosamente as sementes. Lá fora a neve virava chuva. Dentro, o aquecedor elétrico pouco aquecia. Ele levantou-se da mesa e sentou-se no aquecedor. Que bom! Aqui pelo menos tem vida.

Pegou outra laranja. Longe, em Paris, Mascart tinha posto Danny Frush em nocaute no segundo assalto. Mais longe, na Mesopotâmia, caíram sete metros de neve. Do outro lado do mundo, na distante Austrália, os jogadores ingleses de críquete afiavam seus wickets. Lá estava o Romance.

Patronos das artes e das letras descobriram *The Forum*, dizia o folheto. É o guia, o filósofo, o amigo da minoria pensante. Contos premiados. Será que seus autores vão escrever os melhores best-sellers de amanhã?

É fácil gostar dessas cálidas histórias domésticas americanas, quadros da vida real no campo, em cortiços apertados ou em casas confortáveis, tudo com uma saudável base de humor.

Preciso ler essa gente, pensou.

Continuou lendo. Os filhos de nossos filhos — o que é que há com eles? Quem, entre eles? É preciso descobrir novos meios de encontrar espaço para nós debaixo do sol. Será com guerra ou por meios pacíficos?

Ou teremos que nos mudar todos para o Canadá?

Nossas convicções mais profundas — serão superadas pela Ciência? Nossa civilização — será inferior a antigas ordens de coisas?

Enquanto isso, nas distantes selvas úmidas de Yucatán, ecoam as batidas dos machados dos derrubadores de gomíferas.

Queremos grandes homens — ou os queremos cultos? Joyce, por exemplo. O presidente Coolidge. Que estrela devem os nossos colegas visar? Tem Jack Britton. Tem o dr. Henry van Dyke. Reconciliaremos os dois? Vejamos o caso de Young Stribling.

E nossas filhas, devem fazer suas próprias Pesquisas? Nancy Hawthorne é obrigada a fazer suas próprias Pesquisas no mar da vida. Com bravura e sensibilidade ela encara os problemas que se apresentam a toda jovem de dezoito anos.

Era um folheto interessante.

Você é moça de dezoito anos? Veja o caso de Joana d’Arc. Veja o caso de Bernard Shaw. O caso de Betsy Ross.

Pense nessas coisas em 1925 — havia uma página picante na história dos Puritanos? Havia dois lados na história de Pocahontas? Tinha ela uma quarta dimensão?

A pintura moderna — e a poesia — são Arte? Sim e Não. Veja Picasso.

Os vagabundos têm código de conduta? Solte sua mente à aventura.

Tem Romantismo em toda parte. Os colaboradores do Forum são objetivos, têm humor e espírito. Mas não procuram ser sutis e nunca são grandiloquentes.

Viver a vida plena da mente, estimulado pelo Romance do inusitado. Ele fechou o folheto.

Enquanto isso, estendido numa cama em um quarto escuro de sua casa em Triana, Manuel García Maera está com um tubo em cada pulmão, afogando-se em pneumonia. Todos os jornais da Andaluzia dedicaram suplementos especiais à morte dele, esperada há dias. Homens e meninos compraram retratos coloridos dele em tamanho natural para guardar de lembrança e perderam a imagem que tinham dele na memória de tanto olharem as litografias. Os toureiros sentiram-se aliviados com a morte dele, porque ele sempre fazia na arena o que eles só faziam às vezes. Todos acompanharam o caixão debaixo de chuva, cento e quarenta e sete toureiros

acompanhando-o ao cemitério, onde o enterraram perto de Joselito. Depois do enterro todos foram sentar-se em cafés abrigados da chuva, e muitos retratos coloridos de Maera foram vendidos a senhores que os enrolaram e os guardaram no bolso.

DEPOIS DA TEMPESTADE



Não foi sobre nada importante, foi sobre maneiras de esmurrar, e começamos a brigar. Escorreguei, caí, e ele se ajoelhou no meu peito e ficou apertando minha garganta com as duas mãos como se quisesse me matar, e eu procurando tirar o canivete do bolso para assustá-lo. Todos estavam bêbados demais para tirá-lo de cima de mim. Ele me estrangulando e batendo minha cabeça no chão; tirei o canivete e abri. Cortei o músculo do braço, e ele me soltou. Não poderia continuar me estrangulando nem que quisesse. Ele rolou e segurou o braço cortado e começou a chorar.

— Por que queria me estrangular? — perguntei.

Eu o teria matado. Fiquei uma semana sem poder engolir. Ele deixou minha garganta em péssimo estado.

Saí dali e deixei muitos com ele. Alguns vieram atrás de mim, e virei uma esquina, cheguei ao cais e encontrei um sujeito que me disse que tinham matado um homem na rua de cima. Perguntei quem tinha matado, ele disse que não sabia, mas que o cara estava morto. Já era noite, tinha água parada na rua, não havia luz, e havia janelas quebradas e barcos em toda a cidade e árvores caídas e tudo rachado, peguei uma baleeira e saí e encontrei meu barco onde eu o tinha deixado em Mango Key, e ele estava inteiro, só que cheio d'água. Tirei a água, entrei, havia lua, mas muitas nuvens, e o mar ainda agitado, mas enfrentei; quando amanheceu, estava ao largo de Eastern Harbor.

Menino, que tempestade. Fui o primeiro barco a sair, e ninguém viu tanta água. Era branca como água de barrela, e indo de Eastern Harbor para Sou'west Key não se reconhecia a costa. Havia um canal largo aberto no meio da praia. Árvores derrubadas e um canal aberto, e toda a água branca como cal, com tudo nela: galhos de árvores, árvores inteiras e pássaros mortos, tudo flutuando. Nas angras estavam todos os pelicanos do mundo e todas as espécies de aves voando. Devem ter entrado nas angras quando perceberam que a tempestade vinha.

Fiquei um dia em Sou'west Key, e ninguém foi atrás de mim. Fui o primeiro barco a sair e vi um mastro flutuando; e concluí que tinha havido um naufrágio e fui verificar. Descobri. Era uma escuna de três mastros, vi os cotos dos mastros fora da água. Estava em água profunda, e nada pude tirar dela. Então fiquei procurando outras coisas. Eu tinha vantagem sobre todos os outros e sabia que não ia ficar no ora-veja. Percorri a área onde estava a escuna de três mastros e não achei nada, e continuei em frente. Estava chegando às areias movediças e não achei nada. Continuei até avistar o farol Rebecca e vi todas as espécies de aves sobrevoando qualquer coisa e toquei para elas para saber o que era, e era mesmo uma nuvem de aves.

Distingui alguma coisa parecendo mastro saindo da água, e quando cheguei perto as aves todas voaram e ficaram volteando acima de mim. A água era clara e tinha um mastro ou coisa parecida se projetando da água, e quando cheguei perto vi que era muito escuro no fundo, como uma sombra comprida, e cheguei bem em cima e afundado estava um navio; um navio lá no fundo, e grande como o mundo. Naveguei por cima dele no barco. Estava adernado e a popa tocando o fundo. As vigias todas fechadas, os vidros brilhando dentro da água e ele lá inteiro; o maior navio que vi na minha vida adernado lá no fundo e percorri todo o comprimento dele; lancei âncora e levei a baleeira para a proa, empurrei-a para a água e remei com todos os pássaros à minha volta.

Eu tinha uma máscara de mergulho daquelas que se usam para pegar esponjas, e minha mão tremia e mal podia segurá-la. Todas as vigias estavam fechadas, mas bem embaixo, quase no fundo, alguma coisa deve ter sido aberta porque havia pedaços de objetos flutuando o tempo todo. Não se podia dizer o que eram. Eram

pedaços. Era isso que as aves queriam. Eu nunca tinha visto tantas. Todas em volta de mim, gritando como loucas.

Eu via tudo nítido e claro. Via o bojo do navio, que parecia ter mais de um quilômetro debaixo da água. Descansava num banco de areia branca, e o mastro era uma espécie de mastro de proa ou algum outro apetrecho que se projetava fora da água por estar o navio adernado. A proa não estava muito afundada. Eu podia pisar nas letras do nome e ficar com a cabeça fora d'água. Mas a vigia mais alta ficava a quatro metros da superfície. Eu podia alcançá-la com o arpão e tentei quebrá-la com ele; não consegui, o vidro era forte. Remei de volta à baleeira, peguei uma chave-inglesa e amarrei na ponta do arpão, e não consegui quebrar o vidro da vigia. Então fiquei ali olhando aquele navio com tudo dentro e eu o primeiro a chegar e sem poder entrar. Devia ter cinco milhões de dólares de coisas lá dentro.

Fiquei nervoso só de pensar na riqueza que tinha ali. Dentro da vigia mais alta eu via alguma coisa, mas não dava para saber o que era olhando pelo vidro. O arpão não estava adiantando nada, então tirei a roupa, fiquei em pé, inspirei fundo e mergulhei da popa com a chave-inglesa na mão. Pude ficar um segundo na frente da vigia e vi que tinha uma mulher lá dentro com o cabelo flutuando solto. Bati duas vezes no vidro com força com a chave e ouvi o barulho, mas o vidro não quebrava e tive que subir à superfície.

Pendurei-me na baleeira, respirei; subi, tornei a respirar fundo e mergulhei de novo. Peguei a beirada da vigia com os dedos e mandei a chave com toda a força. Pelo vidro eu via a mulher flutuando na água. Vi anéis em uma mão. Ela estava bem perto da vigia. Bati duas vezes no vidro, e nada. Quando voltava, pensei que o fôlego não ia dar para chegar à tona.

Mergulhei mais uma vez e trinqueei o vidro, só trinqueei, e quando subi para respirar, meu nariz sangrava. Fiquei em pé na proa do navio, os pés descalços apoiados nas letras do nome dele e a cabeça fora d'água. Descansei um pouco e nadei para a baleeira; entrei e sentei para esperar que a cabeça parasse de doer, mas olhando a máscara. Eu punha tanto sangue pelo nariz que sujei a máscara e precisei lavá-la. Deitei de costas na baleeira e tapei o nariz para parar o sangue. Fiquei deitado olhando o céu, onde um milhão de aves voava em círculos.

Quando o nariz parou de sangrar, dei mais uma olhada com a máscara e procurei na baleeira alguma coisa mais pesada do que a chave-inglesa, e não achei nada, nem um gancho de tirar esponjas. Voltei ao convés. A água estava mais clara ainda, podia-se ver tudo o que flutuava sobre o banco de areia branca. Procurei tubarões, não vi nenhum; se tivesse algum, seria visto de longe. A água era claríssima, e a areia branca. Tinha um gancho que servia de âncora da baleeira. Cortei o cabo que o prendia e mergulhei com ele. Levou-me para baixo da vigia. Tentei me agarrar, mas não tinha em quê, e fui descendo, descendo, escorregando pelo bojo do navio. Tive que soltar o gancho. Ouvi o barulho dele batendo no fundo. Voltei à superfície, e parece que levei um ano para chegar. A baleeira tinha sido levada para longe pelas ondas, e precisei nadar para chegar a ela. O nariz voltou a sangrar enquanto eu nadava, e dei graças por não haver tubarões. Mas estava muito cansado.

Parecia que minha cabeça tinha se rachado em algum ponto. Deitei-me na baleeira para descansar, mas logo voltei com ela para o banco de areia. Estava ficando tarde. Mergulhei mais uma vez com a chave, e não adiantou nada. A chave era muito leve. Não valia a pena ficar mergulhando sem um malho ou alguma outra coisa pesada. Tornei a amarrar a chave no arpão, e olhando pela máscara bati no vidro da vigia até que a chave escapuliu. Através da máscara vi a chave escorregando pelo bojo do navio até chegar à areia movediça e sumir-se nela. Fiquei de mãos e pés atados. Sem a chave-inglesa e sem o gancho, não podia fazer mais nada. E eu estava muito cansado, e o sol já ia baixo. As aves começavam a se retirar. Rumei para Sou'west Key, as aves voando à minha frente e atrás de mim. Como eu estava cansado!

Essa noite começou a ventar, e ventou uma semana inteira. Não havia jeito de voltar ao navio. Uns sujeitos que vieram da cidade me contaram que o cara que eu tinha esfaqueado estava bem a não ser pelo braço. Então voltei à cidade e me sapecaram uma fiança de quinhentos dólares. Tudo acabou bem porque algumas das testemunhas, amigos meus, juraram que ele me atacara com um machado. Mas, quando voltamos ao navio, os gregos o tinham aberto e limpado por dentro. Tiraram o cofre a poder de dinamite. Ninguém vai saber quanto lucraram. O navio

levava ouro, que foi parar nas mãos dos gregos. Levaram tudo. Eu, que o tinha achado, não vi a cor nem de um níquel.

Foi uma decepção danada. Disseram que ele estava ao largo do porto de Havana quando o furacão o pegou, e ou ele não pôde encostar, ou os proprietários não quiseram que o capitão corresse o risco. Disseram que o capitão quis tentar, mas não deixaram. Então na escuridão da noite manobram para entrar no golfo entre Rebecca e Tortugas quando encalhou na areia movediça; e quando encalhou, o capitão deve ter mandado abrir os tanques de lastro para o navio ficar mais leve. Mas ele tinha encalhado em areia movediça, e quando abriram os tanques ele afundou de popa, depois virou de lado. Levava quatrocentos e cinquenta passageiros e mais a tripulação. Todos deviam estar a bordo quando o achei. Devem ter aberto os tanques logo que ele encalhou; e quando tocou o fundo a areia fez o resto. A caldeira deve ter explodido, o que explica aqueles pedaços de objetos que vi boiando. Achei estranho não haver tubarões por perto. Nem peixe; se tivesse, eu teria visto naquela areia tão branca.

Mas agora tem peixe à beça lá. Meros, dos maiores. A maior parte do navio está debaixo da areia, mas os peixes moram dentro dele, meros enormes. Alguns pesam de cento e cinquenta a duzentos quilos. Às vezes vamos lá e pegamos alguns. Do ponto onde ele está se avista o farol Rebecca. Puseram uma boia nele, fica bem no fim da areia movediça, perto da entrada do golfo. Perdeu a entrada pela diferença de uns cem metros. Perderam porque estava escuro e havia uma tempestade solta. Chovendo como estava, não viram o Rebecca. Também não tinham experiência de navegar nestas águas. O capitão de um navio de grande porte não navega nestes meandros. Têm uma rota e dizem que ligam uma espécie de bússola que guia o navio. Talvez não soubessem onde estavam quando sentiram o solavanco. Mas quase conseguiram entrar no golfo. Pode ser também que tenham perdido o leme. Não fosse o banco de areia movediça, teriam caminho livre até o México, se tivessem alcançado o golfo. Deve ter sido um momento emocionante quando encalharam naquela tempestade de chuva e vento e o capitão mandou abrir os tanques. Não devia ter ninguém no convés naquelas condições, todo mundo devia estar embaixo. Deve ter havido algumas cenas lá dentro, porque o navio

afundou depressa. Vi a minha chave-inglesa sumindo na areia. O capitão decerto não sabia que era areia movediça quando sentiram o solavanco, a menos que conhecesse estas águas. Ele só sabia que não era rochedo. Deve ter visto tudo lá da ponte. Quando o navio afundou, deve ter percebido do que se tratava. Quanto tempo deve o navio ter levado para afundar? Será que o imediato estava com o comandante? Será que os dois estavam na cabine da ponte ou do lado de fora? Nenhum corpo foi encontrado. Nem um. Ninguém flutuando. Com coletes salva-vidas flutua-se muito longe. Todos deviam estar dentro do navio. Mas os gregos ficaram com tudo. Tudo. Devem ter chegado rapidinho. Fizeram uma limpeza geral. Primeiro as aves, depois eu, depois os gregos. Até as aves lucraram mais do que eu.

LOGO NO DIA DE NATAL



Naquele tempo as distâncias eram bem diferentes, a poeira vinha dos morros que hoje foram arrasados, e Kansas City era muito parecida com Constantinopla. Você pode não acreditar. Ninguém acredita, mas é verdade. Naquela tarde nevava. Numa revendedora de automóveis, com as luzes acesas no começo da tarde, havia um carro de corrida todo prateado com o nome Dans Argent no capô. Entendi isso como sendo dança de prata ou dançarino de prata. E intrigado por saber qual o sentido certo, mas feliz com o aspecto do carro e com o meu conhecimento de uma língua estrangeira, continuei andando pela rua debaixo da neve. Eu tinha saído do salão Woolf Brothers, onde no Natal e no Dia de Ação de Graças serviam, de graça, um jantar de peru e ia para o hospital municipal, que ficava no alto de um morro acima da fumaça, dos edifícios e das ruas. Na recepção do hospital estavam dois médicos que serviam em ambulâncias, dr. Fischer e dr. Wilcox, sentados um atrás de uma mesa, o outro numa cadeira encostada à parede.

Dr. Fischer era magro, alourado, lábios finos, olhos alegres e mãos de jogador. Dr. Wilcox era baixo, moreno e tinha na mão um livro com índice na margem, *Manual do jovem médico*, que, consultado sobre qualquer assunto, dava sintomas e tratamento. O livro tinha também índice cruzado, de maneira que, consultado quanto a sintomas, dava diagnósticos. Dr. Fischer tinha sugerido que as edições futuras deviam incluir mais um elemento no índice, de maneira que, consultado

quanto a tratamentos aplicados, revelasse males e sintomas. Como um *aide-memoire*, disse ele.

Dr. Wilcox não era entusiasta deste livro, mas não passava sem ele. Era encadernado em couro flexível e cabia no bolso do paletó. Dr. Wilcox o comprara a conselho de um de seus professores, que dissera: “Wilcox, você não tinha nada que ser médico, e fiz tudo ao meu alcance para que você não se diplomasse. Já que agora você é membro dessa douda profissão, eu o aconselho, em nome da humanidade, a adquirir um exemplar do *Manual do jovem médico* e utilizá-lo. Aprenda a utilizá-lo, dr. Wilcox.”

Dr. Wilcox nada dissera, mas comprou o manual encadernado em couro naquele mesmo dia.

— Olá, Horace — disse dr. Fischer quando entrei na recepção, que cheirava a cigarro, clorofórmio, fenol e um aquecedor superaquecido.

— Cavalheiros — disse eu.

— Que notícias traz da feira? — perguntou dr. Fischer. Ele gostava de linguagem extravagante, que para mim parecia o máximo da elegância.

— Peru de graça no Woolf — respondi.

— Você participou?

— Copiosamente.

— Muitos de nossos confrades presentes?

— Todos. A companhia toda.

— Muita alegria natalina?

— Nem tanto.

— Dr. Wilcox aqui participou até certo ponto — disse dr. Fischer. Dr. Wilcox olhou para ele, depois para mim.

— Quer um drinque? — perguntou.

— Não, obrigado — respondi.

— Muito bem — disse dr. Wilcox.

— Horace, você não se importa se eu o chamar de Horace? — perguntou dr. Fischer.

— Não.

— Horace velho de guerra. Tivemos um caso extremamente interessante.

— Confirmo — disse dr. Wilcox.

— Sabe o rapaz que esteve aqui ontem?

— Qual deles?

— O que queria ser castrado.

— Ah.

Eu estava lá quando ele chegou. Era um jovem de seus dezesseis anos. Veio sem chapéu e muito excitado e assustado, mas decidido. Tinha cabelo anelado e lábios proeminentes.

— Qual é o seu caso, filho? — perguntou dr. Wilcox.

— Quero ser castrado.

— Por quê? — perguntou dr. Fischer.

— Já rezei e já fiz tudo, nada adiantou.

— Adiantou o quê?

— A danada da luxúria.

— Que danada de luxúria?

— O jeito que fico. O jeito que não posso parar de ficar. Rezo a noite inteira por causa disso.

— E o que é que acontece? — perguntou dr. Fischer.

O rapaz contou.

— Olhe, menino — disse dr. Fischer. — Não tem nada errado com você. É assim mesmo que você deve ficar. Não há nada de anormal.

— Há, sim — disse o rapaz. — É pecado contra a pureza. É pecado contra nosso Senhor e Salvador.

— Não — disse dr. Fischer. — É muito natural. É assim que você tem que ser, e mais tarde vai ver que é privilegiado.

— O senhor não compreende — disse o rapaz.

— Olhe — disse dr. Fischer, e explicou certas coisas ao rapaz.

— Não. Não quero ouvir. O senhor não pode me obrigar.

— Escute, por favor — insistiu dr. Fischer.

— Você é um grande idiota — disse dr. Wilcox ao rapaz.

— Então não vai fazer o que estou pedindo? — perguntou o rapaz.

— Fazer o quê?

— Me castrar.

— Escute, ninguém vai castrar você — disse dr. Fischer. — Não tem nada de anormal no seu corpo. Você tem um belo corpo e deve parar de pensar essas coisas. Se é religioso, lembre-se de que isso que o está preocupando não é pecado, mas os meios de consumir um sacramento.

— Não posso impedir que aconteça — disse o rapaz. — Rezo todas as noites e rezo também de dia. É pecado, pecado constante contra a pureza.

— Ora, vá se... — irritou-se o dr. Wilcox.

— Quando o senhor fala assim, eu não escuto — disse o rapaz ao dr. Wilcox.

— Então não vai fazer o que estou pedindo? — perguntou ao dr. Fischer.

— Não. Já disse que não.

— Tire este rapaz daqui — disse dr. Wilcox.

— Eu saio — disse o rapaz. — Não toque em mim. Eu saio.

Isso acontecera por volta das cinco horas no dia anterior.

— E depois? — perguntei.

— À uma da manhã de hoje recebemos o rapaz, que se mutilara com uma navalha.

— Castrado?

— Não — disse dr. Fischer. — Ele não sabia o que significa castrar.

— Ele pode morrer — disse dr. Wilcox.

— Por quê?

— Perda de sangue.

— O bom médico aqui, dr. Wilcox, meu colega, estava de serviço e não conseguiu achar essa emergência no livro.

— Não gosto de ouvir você falando assim — disse dr. Wilcox.

— Se falo assim, é da maneira mais cordial, doutor — disse dr. Fischer, olhando para as mãos, as mãos que tinham, com a disposição e a falta de respeito dele pelas leis federais, criado o problema. — Horace aqui é testemunha de que só

falo no assunto da maneira mais cordial. O que o jovem praticou foi uma amputação, Horace.

— Bem, espero que não me crucifiquem por causa disso — disse dr. Wilcox.
— Não é motivo para me crucificarem.

— Crucificar você, doutor, no dia do nascimento do nosso Salvador?

— Nosso Salvador? Você não é judeu? — disse dr. Wilcox.

— Sou. Sou judeu. Mas estou sempre esquecendo. Nunca dei a isso a importância devida. Foi bom ter me lembrado. Seu Salvador. É isso. Seu Salvador, sem dúvida, seu Salvador; não esquecendo o Domingo de Ramos.

— Você é esperto mesmo — disse dr. Wilcox.

— Excelente diagnóstico, doutor. Sempre fui muito esperto. Esperto demais, sem dúvida. Evite ser esperto, Horace. Você não tem inclinação para isso, mas às vezes noto um lampejo. Mas que diagnóstico! E sem o livro.

— Vá pro inferno — disse dr. Wilcox.

— No tempo certo, doutor — disse dr. Fischer. — No tempo certo. Se houver mesmo esse lugar, certamente farei uma visita. Aliás, já dei uma olhadinha nele. Só uma olhadinha. E virei a cara imediatamente. E sabe o que disse o jovem, Horace, quando o bom doutor aqui o mandou entrar? Ele disse: “Eu bem que pedi ao senhor para fazer. Pedi muitas vezes.”

— E logo no dia de Natal — disse dr. Wilcox.

— A circunstância do dia não é importante — disse dr. Fischer.

— Pode não ser para você — disse dr. Wilcox.

— Está ouvindo, Horace? Está ouvindo? Tendo descoberto o meu ponto vulnerável, meu tendão de Aquiles por assim dizer, o doutor explora sua vantagem — disse dr. Fischer.

— Você é esperto demais — disse dr. Wilcox.

MUDANÇA DE ARES



— Então, como é que fica? — perguntou o homem.

— Não posso — respondeu a moça.

— Significando que não quer.

— Significando que não posso.

— Mas significando que não quer.

— Seja do jeito que você quiser.

— Do jeito que eu quiser? Quem me dera.

— Não foi assim por muito tempo? — perguntou a moça.

Era cedo, e não havia ninguém no café a não ser o garçom e esses dois, sentados numa mesa de canto. Era no fim do verão, os dois estavam queimados de sol e por isso pareciam fora de lugar em Paris. A moça vestia um conjunto de lã, a pele era de um dourado escuro e macia, o cabelo louro cortado curto e se projetando da testa. O homem olhou firme para ela.

— Vou matá-la — disse.

— Não faça isso — disse a moça. Tinha mãos delicadas, o homem olhou para as mãos dela. Eram finas, morenas e muito bonitas.

— Vou. Juro por Deus que vou.

— Isso não o fará feliz.

— Você não podia ter se envolvido noutra coisa? Não podia ter se metido em alguma outra confusão?

— Parece que não. O que é que você vai fazer?

— Já disse.

— Fale sério.

— Não sei — disse ele. Ela olhou para ele e estendeu-lhe a mão.

— Pobre Phil — disse ela. Ele olhou a mão dela, mas não a tocou.

— Não, obrigado — disse ele.

— Adianta alguma coisa se eu disser que sinto muito?

— Não.

— Nem se eu lhe disser como é?

— É melhor eu não saber.

— Amo você demais.

— É, essa é a prova.

— Sinto muito — desculpou-se ela. — Você não entende.

— Entendo. Esse é o problema. Entendo.

— Então você entende. Isso piora tudo.

— Claro — disse ele olhando para ela. — Vou entender o tempo todo. De dia e de noite. Principalmente de noite. Vou entender. Você não precisa se preocupar achando que não vou entender.

— Sinto muito.

— Se fosse um homem...

— Não diga isso. Não seria um homem. Você sabe. Não confia em mim?

— É engraçado. Confiar em você. É muito engraçado.

— Sinto muito. Parece que é só o que tenho a dizer. Mas quando nos entendemos não adianta fingir que não.

— É. Acho que não — disse ele.

— Voltarei se você me quiser.

— Não. Não quero.

Ficaram algum tempo calados.

— Não acredita que amo você, não é? — perguntou a moça.

- Não vamos ficar falando bobagens — disse ele.
- Não acredita mesmo que amo você?
- Por que não prova?
- Você não era assim. Nunca me pediu para provar nada. Não é educado.
- Você é uma garota engraçada.
- Você não é. Você é uma boa pessoa, e me dói muito deixar você.
- Mas precisa, não é?
- É. Preciso fazer isso, e você sabe.

Ele calou-se, ela olhou para ele e estendeu-lhe de novo a mão. O garçom estava na outra ponta do bar. Tinha o rosto branco e branca também a jaqueta. Conhecia aqueles dois e os achava um casal jovem simpático. Tinha visto muitos casais jovens se separarem e novos casais se formarem e não continuarem tão simpáticos por muito tempo. Não estava pensando nisso, mas em um cavalo. Em meia hora ele podia mandar saber no outro lado da rua se o cavalo havia ganhado.

— Você não podia ser bom para mim e me deixar ir? — perguntou a moça.

— O que é que pensa que vou fazer?

Duas pessoas entraram e se chegaram ao balcão.

— Perfeitamente, cavalheiro — disse o garçom anotando o pedido.

— Não pode me perdoar? Quando souber de tudo? — perguntou a moça.

— Não.

— Não acha que as coisas que tivemos e fizemos podem contribuir para o entendimento?

— “O vício é um monstro de cara horrenda” — disse o jovem com ar amargurado. — “Para ser isso ou aquilo, é preciso ser visto. Depois nós tá-tá-tá, depois nos abraçamos.” — Não recordava as palavras. — Esqueci as palavras certas, não sou bom de citações — disse ele.

— Não vamos dizer vício. É palavra grosseira — disse ela.

— Perversão — sugeriu ele.

— James — um dos fregueses chamou o garçom —, você parece muito bem-disposto.

— Você também — disse o garçom.

— O velho James — disse o outro freguês. — Você engordou, James.

— É horrível a minha tendência a engordar — disse o garçom.

— Não se esqueça de acrescentar o conhaque, James — disse o primeiro freguês.

— Pode deixar. Confie em mim — disse o garçom.

Os dois fregueses olharam para o casal na mesa, depois olharam para o garçom. A direção do garçom era mais confortável.

— Gostaria que você não usasse essas palavras — disse a moça. — Não há necessidade de usar essas palavras.

— Qual é o nome que você quer dar à coisa?

— Não precisa dar-lhe nome. Não há necessidade de nomear.

— Mas é o nome adequado.

— Não. Somos feitos de muitas coisas. Você sabe disso. Sabe e usou — disse ela.

— Não precisa repetir isso.

— Porque é uma explicação para você.

— Está bem, está bem.

— Você entende tudo errado, eu sei. Mas vou voltar. Eu disse que vou voltar. Voltarei imediatamente.

— Não, não vai voltar.

— Vou.

— Não, não vai. Não para mim.

— Você vai ver.

— É. O pior é que você é capaz de voltar mesmo.

— Claro que volto.

— Então vá e volte.

— Sêrio? — Ela nem acreditava, mas a voz soou feliz.

— Vá — disse ele. A voz soou estranha mesmo para ele. Ele a olhava. Notou o movimento da boca e as curvas do rosto, os olhos e o cabelo se projetando da testa e a ponta da orelha e o pescoço.

— Não acredito. Você é bom demais — disse ela. — Você é bom demais para mim.

— E quando voltar me conte tudo. — A voz dele soou estranha. Ele mesmo não a reconheceu. A moça olhou depressa para ele. Ele havia decidido alguma coisa.

— Quer que eu vá? — perguntou ela com ar sério.

— Quero. E já. — A voz dele não era a mesma, e ele sentiu a boca seca. — Agora.

Ela levantou-se e saiu apressada. Não olhou para trás. Ele acompanhou-a com o olhar. Ele não era o mesmo homem de antes de dizer a ela que podia ir. Levantou-se, pegou as duas contas e foi ao bar com elas.

— Sou um homem diferente, James — disse ao garçom. — Está vendo um homem diferente na sua frente.

— De verdade, senhor? — disse James.

— O vício é uma coisa muito estranha, James — disse o jovem. Olhou lá fora pela porta. Viu a moça descendo a rua. Quando se olhou no espelho, viu que era mesmo um homem bem diferente. Os outros dois deram lugar para ele.

— Tem toda a razão — disse James.

Os outros dois se afastaram um pouco mais para que o jovem ficasse mais confortável. O jovem se via no espelho atrás do balcão.

— Eu disse que sou um homem diferente, James — disse ele. Olhando no espelho, ele via que era a pura verdade.

— O senhor está muito bem-disposto — disse James. — Deve ter passado um verão excelente.

VOCÊ NUNCA SERÁ ASSIM



O ataque abrangeu o campo, sustentado por fogo de metralhadora da estrada rebaixada e do grupo de casas de fazenda, não encontrou resistência na cidade e chegou à margem do rio. Passando de bicicleta na estrada, desmontando para empurrar a máquina em pontos muito esburacados, Nicholas Adams via o que acontecera pela posição dos mortos.

Havia mortos isolados ou em grupos no capim alto do campo e na beira da estrada, os bolsos revirados, e em cima deles moscas, e em volta de cada um ou de cada grupo havia papéis espalhados.

No capim e na terra, na beira da estrada e em lugares aqui e ali na estrada, muito material: uma cozinha de campanha, o ataque deve ter acontecido quando as coisas iam bem; muitas mochilas de couro, granadas cilíndricas, capacetes, fuzis, às vezes um com a baioneta espetada no chão e a coronha para cima, parece que estiveram cavando trincheira; granadas cilíndricas, capacetes, fuzis, ferramentas de abrir trincheira, caixotes de munição, granadas de sinalização, cascas de granadas por todo lado, estojos de pronto-socorro, máscaras de gás, estojos vazios de máscaras de gás, uma metralhadora no tripé em um ninho de cápsulas vazias, pentes de balas saindo das caixas, uma lata d'água vazia e tombada, a caixa da culatra faltando, os metralhadores em posições bizarras e em volta deles, no capim, mais papéis.

Havia livros de orações e cartões-postais mostrando o pelotão da metralhadora sentado sorrindo como em fotografia de jogadores de futebol escolar para o álbum do colégio; agora estavam amontoados no capim; cartões de propaganda mostrando um soldado em uniforme austríaco deitando uma mulher de costas numa cama; as figuras eram desenhadas em estilo impressionista; todas muito bonitas, nada tendo em comum com estupros reais em que os vestidos das mulheres são puxados para a cabeça para encobrir o rosto delas, às vezes um companheiro sentado na cabeça. Havia muitos desses cartões incitantes certamente lançados pouco antes da ofensiva. Agora estavam ali misturados com os postais obscenos, fotográficos; fotografias pequenas de garotas de aldeia tiradas por fotógrafos de aldeia, uma ou outra fotografia de crianças, e cartas, cartas, cartas. Havia sempre muito papel em volta dos mortos, e os destroços desse ataque não eram exceção.

Esses eram mortos novos, e ninguém tinha se preocupado com outra coisa que não fosse os bolsos deles. Nick notou que os mortos do nosso lado ou que ele ainda pensava que fossem do nosso lado eram surpreendentemente poucos. Os capotes também tinham sido abertos e os bolsos revirados, e mostravam por suas posições o estilo e a perícia do ataque. O tempo quente havia inchado a todos, sem consideração pela nacionalidade.

A cidade fora evidentemente defendida no fim pela linha da estrada rebaixada, quando havia poucos ou nenhum austríaco para se abrigar nela. Havia apenas três cadáveres na rua, aparentemente mortos quando corriam. As casas estavam derrubadas pelo bombardeio, e na rua havia escombros de reboco, vigas quebradas, telhas quebradas e muitos buracos, alguns de margens amareladas pelo gás de mostarda. Havia muitos fragmentos de obus e projetis de metralha nos escombros. A cidade completamente deserta.

Nick Adams não viu ninguém desde que deixara Fornaci, mas pedalando pela estrada na região coberta de verde viu canhões escondidos em galhos de amoreira à esquerda da estrada, notou isso pelas ondas de calor no ar acima das folhas onde o sol tocava o metal. Agora ele estava na cidade, surpreso de vê-la deserta, e seguiu pela estrada abaixo da margem do rio. Saindo da cidade, havia um descampado onde a estrada descia, e desse ponto Nick viu o espreado plácido do rio e a curva da

margem oposta e o lamaçal endurecido pelo sol onde os austríacos haviam se entrincheirado. Agora tudo era de um verde luxuriante, diferente do que tinha visto da última vez que ele estivera ali; e o fato de a paisagem ter se tornado histórica em nada mudara a vista do rio.

O batalhão estava na margem esquerda. No barranco da margem havia uma série de buracos com alguns homens dentro. Nick notou onde se postavam as metralhadoras e os foguetes sinalizadores em seus cavaletes. Os homens que estavam nos buracos do barranco dormiam. Ninguém pediu a senha. Nick continuou, e quando fazia uma curva na margem enlameada um jovem segundo-tenente de barba por fazer e olhos muito vermelhos apontou-lhe o revólver.

— Quem é você?

Nick identificou-se.

— Como vou saber que é verdade?

Nick mostrou-lhe a tésseira com fotografia e identificação e o carimbo do Terceiro Exército. O tenente pegou-a.

— Fica comigo.

— Não fica, não — disse Nick. — Devolva-me o cartão e guarde o revólver. Aí. No coldre.

— Como vou saber quem você é?

— A tésseira lhe informa.

— E se for falsa? Me dê o cartão.

— Não seja burro. Leve-me ao comandante de sua companhia.

— Vou mandar você ao quartel-general do batalhão.

— Está bem — disse Nick. — Conhece o capitão Paravicini, alto, de bigodinho, que é arquiteto e fala inglês?

— Conhece ele?

— Mais ou menos.

— Que companhia ele comanda?

— A segunda.

— Está comandando o batalhão.

— Ótimo — disse Nick. Sentiu-se aliviado por saber que Para estava vivo. — Vamos juntos ao batalhão.

Quando Nick deixava a periferia da cidade, três obuses explodiram à direita acima de uma casa destruída, e desde então não houve mais ataques. Mas o rosto desse oficial parecia o de um homem sob bombardeio. Tinha a mesma tensão, e a voz não soava natural. O revólver dele deixou Nick nervoso.

— Guarde o revólver — disse Nick. — Tem um rio entre eles e você.

— Se pensasse que você é espião, matava você agora — disse o outro.

— Vamos — disse Nick. — Vamos ao batalhão. — Aquele oficial estava pondo Nick muito nervoso.

O capitão Paravicini, na função de major, mais magro e mais inglês do que nunca, levantou-se quando Nick fez-lhe continência no abrigo subterrâneo que era o QG do batalhão.

— Salve — disse o capitão-major. — Não reconheci você. Que é que está fazendo nesse uniforme?

— Me enfiaram nele.

— Muito prazer em vê-lo, Nicolo.

— Você está bem-disposto. Que tal a festa?

— Fizemos um bom ataque. Bom mesmo. Um grande ataque. Vou lhe mostrar. Olhe.

Mostrou no mapa o desenrolar do ataque.

— Venho de Fornaci — disse Nick. — Vi o resultado. Foi muito bom.

— Foi extraordinário. Extraordinário em tudo. Está incorporado ao regimento?

— Não. O meu papel é andar por aí e mostrar o uniforme.

— Estranho.

— Se eles virem um uniforme americano, supõe-se que pensem que outros estão a caminho.

— E como vão saber que é uniforme americano?

— Você vai dizer a eles.

— Ah, entendi. Vou mandar um cabo para acompanhar você num percurso pelas linhas.

— Como um político — disse Nick.

— Você seria muito mais notado em trajes civis. Traje civil é que chama atenção.

— Com um chapéu-coco.

— Ou com um de feltro bem felpudo.

— O esquema é eu andar com os bolsos cheios de cigarros e cartões-postais, coisas assim — disse Nick. — Precisava também de um embornal cheio de chocolate, para distribuir com uma palavra carinhosa e um tapinha nas costas. Mas não havia cigarros, cartões e nem chocolate. Então disseram para eu circular assim mesmo.

— Não há dúvida de que a sua aparência vai ser muito animadora para a tropa.

— Você devia ter dúvida — disse Nick. — Não me sinto bem nisso tudo. Em princípio, devia ter-lhe trazido uma garrafa de conhaque.

— Em princípio — disse Para, e sorriu pela primeira vez, mostrando dentes amarelados. — É uma bela expressão. Quer tomar uma *grappa*?

— Não, obrigado.

— Não tem éter nela.

— Ainda sinto o gosto. — De repente Nick se lembrou de tudo.

— Só percebi que você estava bêbado quando começou a falar no caminhão quando voltávamos.

— Puxa, como eu fedia — disse Nick.

— Não aguento aquilo — disse Para. — Tomei no primeiro ataque, e só serviu para me deixar perturbado e com uma sede medonha.

— Você não precisa disso.

— Você é mais corajoso num ataque do que eu.

— Não. Eu me conheço e prefiro ficar fedendo. Não me envergonho — disse Nick.

— Nunca vi você bêbado.

— Não? Nunca? Nem quando fomos de Mestre a Portogrande naquela noite, e eu queria dormir e usei a bicicleta como cobertor e a puxei para cima de mim?

— Isso não foi nas linhas de frente.

— Não vamos falar de minha coragem — disse Nick. — É um assunto que conheço muito para ficar pensando nele.

— É melhor você ficar aqui por um tempo — disse Paravicini. — Pode dormir um pouco se quiser. Isto aqui não sofreu muito com o bombardeio. Está muito quente para sair por enquanto.

— Também não há pressa.

— E como está você de fato?

— Bem. Melhor não podia estar.

— Perguntei como está de verdade.

— Estou bem. Não posso dormir sem luz acesa. É o meu único problema.

— Eu disse que era caso de trepanação. Não sou médico, mas sei.

— Acharam que era melhor deixar que fosse absorvido, e foi o que arranjei. E daí? Não estou parecendo louco, estou?

— Você parece excelente.

— É uma chatice quando dão você oficialmente por maluco — disse Nick. — Ninguém mais tem confiança em você.

— Se eu fosse você, dormia — disse Paravicini. — Isto aqui não é um quartel-general como conhecemos. Estamos esperando remoção. Você não deve sair para o calor por enquanto. É arriscado. Fique aqui.

— É, preciso me deitar um pouco — disse Nick.

Nick deitou-se no beliche. Estava aborrecido por se sentir perturbado, e mais aborrecido ainda por ter o capitão Paravicini percebido. O abrigo não era tão grande como o em que o pelotão da classe de 1899, mal saído da linha de frente, ficou histérico durante o bombardeio antes do ataque, e Para o fez levá-los para caminhar dois de cada vez lá fora para mostrar-lhes que nada ia acontecer, ele com a tira do capacete afivelada sobre a boca para não falar. Sabia que os homens não iam aguentar quando a coisa chegasse. Sabendo que ia ser um desmoronamento total — se esse não parar de gritar, quebre o nariz dele com um murro para ele ter outra coisa em que pensar. Posso até matar um, mas agora é tarde. Não vão aguentar. Quebre o nariz dele. Anteciparam para as cinco e vinte. Só faltam quatro minutos. Quebre o nariz desse outro idiota e dê-lhe um pontapé no rabo para ele sair da

frente. Acha que vão aguentar? Se não aguentarem, mate dois e trate de dar coragem aos outros, seja como for. Fique atrás deles, sargento. Se for na frente, pode descobrir que não tem ninguém atrás de você. Empurre os homens. Que obuses! Vamos, vamos. Depois, consultando o relógio, naquele tom calmo, aquele valioso tom calmo, “Savoia”. Agindo friamente, não havia tempo para nada, não conseguia encontrar os próprios companheiros depois do desabamento, um lado inteiro havia desabado; foi aí que começou; estando sóbrio ao subir a elevação, e foi a única vez que não sentiu o mau cheiro. E, depois que voltaram, o prédio da teleférica pegou fogo, e alguns dos feridos só desceram quatro dias depois, e outros não desceram, mas subimos e voltamos, subimos e voltamos — sempre voltávamos. E lá estava Gaby Delys, por mais estranho, com suas plumas; você me chamou de bonequinha faz um ano, disse que teve prazer em conhecer, pé-pé-pé, com plumas, sem plumas, a grande Gaby, e me chamo Harry Pilcer, descíamos dos táxis quando ficava difícil subir o morro, e ele via aquele morro todas as noites quando sonhava com o Sacré Coeur, estourando de branco, como bolha de sabão. Às vezes a garota dele ia também e às vezes ficava com algum outro, e ele não entendia isso, mas aquelas eram as noites em que o rio corria mais largo e mais parado do que devia, e fora de Fossalta havia uma casa baixinha pintada de amarelo cercada de chorões e um estábulo também baixinho e um canal. Ele esteve lá mil vezes e nunca viu o canal, mas o canal sempre estava lá todas as noites visível como o morro, só que o assustava. Aquela casa significava mais do que tudo e toda noite ela era dele. Era o que ele queria, mas o assustava principalmente quando o barco estava debaixo dos chorões no canal, mas as margens não eram como este rio. Era mais baixo como em Portogrande, onde os viram chapinhando no terreno alagado com os fuzis erguidos até caírem com eles na água. Quem deu essa ordem? Se ela não fosse tão confusa, ele podia executá-la. Foi por isso que viu tudo em detalhes para poder guardar na mente e saber exatamente onde estava, mas de repente ficou tudo inexplicavelmente confuso como agora, ele deitado num beliche no quartel-general de um batalhão, com Para comandando um batalhão e ele num maldito uniforme americano. Sentou-se no beliche e olhou em volta; todos o estavam observando. Para tinha saído. Deitou-se de novo.

O episódio de Paris veio mais cedo, e ele não se assustou, a não ser quando ela saiu com outra pessoa e o medo de que pudessem pegar o mesmo táxi. Era isso que assustava. Não era a linha de frente. Ele não sonhava mais com a linha de frente, mas o que o assustava e que ele não podia esquecer era aquela casa amarela comprida e a largura diferente do rio. Agora estava de novo no rio, tinha atravessado aquela mesma cidade, e não havia casa. E o rio não era assim. Então aonde ele ia toda noite e qual era o perigo, e por que ele acordava ensopado, mais assustado do que nunca estivera em um bombardeio, por causa de uma casa e um estábulo comprido e um canal?

Sentou-se no beliche, abaixou as pernas devagar; elas ficavam duras toda vez que passavam longo tempo esticadas; devolveu os olhares do ajudante, dos sinalizadores e dos dois estafetas na porta e pôs na cabeça o capacete de trincheira com capa de pano.

— Lamento a falta de chocolate, dos cartões-postais e dos cigarros — disse. — Mas estou de uniforme.

— O major está a caminho — disse o ajudante. Naquele exército ajudante não tem patente de oficial.

— O uniforme não está de todo correto — disse Nick. — Mas dá a vocês a ideia. Haverá vários milhões de americanos aqui em breve.

— Acha que vão mandar americanos para cá? — perguntou o ajudante.

— Sem nenhuma dúvida. Americanos com o dobro do meu tamanho, sadios, de coração aberto, dormem de noite, nunca foram feridos, nunca foram bombardeados, nunca tiveram a cabeça afundada, nunca tiveram medo, não bebem, são fiéis às namoradas que deixaram, muitos deles nunca apanharam chatos, gente maravilhosa. Vocês vão ver.

— Você é italiano? — perguntou o ajudante.

— Não, americano. Veja o uniforme. Feito por Spagnolini, mas não está de todo correto.

— Americano do norte ou do sul?

— Do norte — disse Nick. Sentiu a coisa chegando. Ia ficar calado.

— Mas fala italiano.

— Por que não? Incomoda que eu fale italiano? Não tenho direito de falar italiano?

— Tem medalhas italianas.

— Só as fitas e os documentos. As medalhas vêm depois. Ou a gente dá para pessoas guardarem e as pessoas somem; ou a gente as perde com a bagagem. Podem-se comprar outras em Milão. O que importa são os papéis. Você não deve ficar preocupado. Pode ganhar algumas se ficar o tempo necessário na linha de frente.

— Sou veterano da campanha da Eritreia — disse o ajudante empertigado. — Lutei em Trípoli.

— É grande honra conhecer você — disse Nick estendendo a mão. — Devem ter sido dias difíceis. Notei as fitas. Esteve por acaso no Carso?

— Fui convocado para esta guerra. Minha classe é mais velha.

— Houve tempo em que eu ainda não tinha idade para servir — disse Nick. — Mas agora estou reformado e fora da guerra.

— Então por que está aqui?

— Estou fazendo demonstração do uniforme americano. Não acha vistoso? É um pouco apertado na gola, mas logo vocês vão ver milhões vestidos com este uniforme se espalhando por aí como gafanhotos. Sabe, o gafanhoto, o que chamamos de gafanhoto na América, é de fato um acrídeo. O gafanhoto verdadeiro é pequeno e verde e comparavelmente fraco. Mas você não deve confundir com o acrídeo de sete anos nem com a cigarra que emite um canto próprio sustentado de que no momento não me lembro. Me esforço por lembrar, mas não consigo. Chego quase a ouvi-lo, e ele me escapa. Se incomoda se eu interromper a nossa conversa?

— Veja se encontra o major — disse o ajudante a um dos dois estafetas. — Vejo que foi ferido — disse ele a Nick.

— Em vários lugares — disse Nick. — Se é interessado em cicatrizes, posso lhe mostrar umas bem interessantes, mas prefiro falar de gafanhotos. O que chamamos de gafanhoto é na verdade um acrídeo. Esses insetos já desempenharam papel muito importante na minha vida. Talvez lhe interesse, e você pode ficar olhando o meu uniforme enquanto falo.

O ajudante fez sinal com a mão ao segundo estafeta, que saiu.

— Fixe os olhos no uniforme. Feito por Spagnolini. Vocês também devem olhar — disse Nick aos sinalizadores. — Eu não tenho patente. Estamos subordinados ao cônsul americano. Podem olhar sem problema. Podem olhar de olhos arregalados, se quiserem. Vou falar a vocês do acrídeo americano. Sempre preferimos aquele a que chamamos de marrom médio. Duram mais tempo na água, e os peixes os preferem. Os maiores, que voam fazendo um barulho mais ou menos parecido com o de cascavel sacudindo os chocalhos, um barulho seco, têm asas de cores vivas, alguns são de cor vermelho-viva, outros amarelos barrados de preto, porém as asas se desmancham na água, e eles são uma isca vistosa, ao passo que o marrom médio é cheio, compacto, suculento e saltador que recomendo até onde se pode recomendar alguma coisa que os senhores provavelmente nunca vão encontrar. Mas advirto que nunca vão pegar quantidade suficiente desses insetos para um dia de pescaria perseguindo-os com as mãos ou tentando derrubá-los com um pau. Seria insensato e uma inútil perda de tempo. Repito, senhores, não conseguiriam. A maneira correta, e que devia ser ensinada a todos os jovens oficiais dos cursos de armas de pequeno porte, se me fosse permitido dizer alguma coisa sobre o assunto, é o emprego de uma rede ou arrastão feito de material de mosquiteiro. Dois oficiais segurando a rede pelas pontas, ou melhor dizendo, um em cada ponta, se abaixam, seguram uma extremidade da rede com uma mão e a outra extremidade com a outra e erguem a rede ao vento. Os gafanhotos, voando com o vento, batem na rede e ficam presos em suas dobras. Não é difícil pegar uma grande quantidade deles, e nenhum oficial, na minha opinião, devia passar sem um pedaço razoável de tecido de mosquiteiro para com ele improvisar um desses arrastões de acrídeos. Espero ter me feito entender, senhores. Alguma pergunta? Se ficou alguma coisa no curso que não entenderam, é favor perguntar. Nenhuma pergunta? Então vou dar por encerrada esta explicação. Nas palavras daquele grande soldado e cavalheiro, Sir Henry Wilson: senhores, ou se governa, ou se é governado. Vou repetir. Senhores, tem um ponto que nunca devem esquecer. Um ponto que recomendo levarem na mente quando deixarem esta sala. Senhores, ou se governa... ou se é governado. Tenho dito, senhores. Muito bom-dia.

Tirou o capacete forrado de pano, tornou a pô-lo na cabeça e, agachado para passar na entrada baixa, saiu do abrigo. Acompanhado dos dois estafetas, Para voltava da linha da estrada rebaixada. Estava muito quente ao sol, e Nick tirou o capacete.

— Devia haver um sistema para molhar essas coisas — disse. — Vou molhar esta no rio. — Foi caminhando para a margem.

— Nicolo — Paravicini o chamou. — Aonde vai, Nicolo?

— Na verdade não preciso ir. — Nick desceu a barranca com o capacete na mão. — São uma chatice, secos ou molhados. Você usa o seu o tempo todo?

— O tempo todo — disse Para. — Estou até ficando careca. Venha pra dentro. No abrigo, Para mandou-o sentar.

— Você sabe que não prestam para nada — disse Nick. — Me lembro de quando eram confortáveis, quando recebemos os primeiros, mas já os vi cheios de miolos muitas vezes.

— Nicolo, você deve voltar — disse Para. — Será melhor não vir à linha enquanto não receber aqueles abastecimentos. Você não tem nada para fazer aqui. Se ficar andando por aí, mesmo com alguma coisa para distribuir, os homens se reúnem e isso atrai bombardeio. Não quero isso.

— Sei que é bobagem. Não foi ideia minha — disse Nick. — Soube que a brigada estava aqui e tive vontade de ver você ou algum outro conhecido. Podia ter ido a Zenzon ou a San Dona. Gostaria de ir a San Dona para rever a ponte.

— Não quero você andando por aí sem objetivo — disse o capitão Paravicini.

— Está bem — disse Nick. Sentiu a coisa voltando.

— Você entende.

— Entendo — disse Nick. Ele tentava se segurar.

— Qualquer coisa desse gênero deve ser feita à noite.

— Naturalmente — disse Nick. Sabia que não podia se segurar mais.

— Sabe que estou comandando o batalhão — disse Para.

— E por que não devia estar? — disse Nick. Lá vinha. — Sabe ler e escrever, não sabe?

— Creio que sim — disse Para pacientemente.

— O problema é que você tem um batalhão muito pequeno para comandar. Quando ele estiver com o efetivo aumentado, vão devolver você à sua companhia. Por que não enterram os mortos? Vi os mortos. Não me interessa vê-los de novo. Podem enterrá-los quando bem entenderem, pelo que me toca, e será muito melhor para você. Senão vão ficar enojados.

— Onde deixou a bicicleta?

— Na última casa.

— Acha que estará bem?

— Não se preocupe — respondeu Nick. — Logo vou lá.

— Deite-se um pouco, Nicolo.

— É, vou deitar.

Fechou os olhos, e em vez do homem de barba que olhava para ele pela mira do fuzil, com toda a calma antes de puxar o gatilho, o clarão branco e a pancada como de um soco, de joelhos, se engasgando em alguma coisa quente e doce, tossindo diante da pedreira enquanto iam passando por ele, ele viu uma casa amarela, comprida, com estábulo baixo e o rio muito mais baixo do que era e mais parado.

— Deus do céu, é melhor eu ir — disse ele.

Levantou-se.

— Já vou, Para. Vou pedalando de volta. Se os abastecimentos chegaram, volto com eles esta noite. Se não, volto quando tiver alguma coisa para trazer.

— Está muito quente para pedalar — disse o capitão Paravicini.

— Não se preocupe. Estou muito bem e vou ficar por algum tempo. Tive um, mas foi fácil. Estão melhorando. Sei quando vou ter um porque passo a falar muito.

— Vou mandar um estafeta com você.

— Não vejo necessidade. Sei o caminho.

— Vai voltar logo?

— Não tenha dúvida.

— Vou mandar...

— Não — disse Nick. — Como prova de confiança.

— Bom, então ciao.

— Ciao — disse Nick. Voltou pela estrada rebaixada para o lugar onde tinha deixado a bicicleta. De tarde a estrada estaria na sombra depois que ele passasse o canal. Passado o canal havia árvores dos dois lados, árvores que não tinham sofrido com o bombardeio. Foi nesse trecho que, marchando, passara o regimento de cavalaria Terza Savoia na neve com suas lanças. A respiração dos cavalos levantava plumas de vapor no ar frio. Não, isso foi em outro lugar. Onde foi mesmo?

— É melhor eu achar aquela merda de bicicleta — disse Nick para si mesmo.
— Não quero perder o caminho de Fornaci.

MÃE DE BICHONA



Quando o pai dele morreu ele ainda era pequeno, e o empresário o enterrou perpetuamente. Isto é, comprou um jazigo perpétuo. Mas quando a mãe morreu o empresário achou que talvez eles não deversem ficar tão colados um com o outro sempre. Eram namorados. Ele é bicha. Vocês não sabiam, mas é. Então ele a enterrou só por cinco anos.

Quando voltou da Espanha para o México, recebeu o primeiro aviso. Dizia que era o primeiro aviso de que os cinco anos tinham expirado e que ele devia providenciar a continuação do túmulo da mãe. Era só vinte dólares para o perpétuo. Eu controlava o caixa na ocasião, e disse a Paco que me deixasse cuidar disso. Ele disse que não, ele mesmo cuidaria. Ia cuidar do assunto imediatamente. Era a mãe dele, e ele queria fazer tudo pessoalmente.

Uma semana depois recebeu o segundo aviso. Li o aviso para ele e disse que pensava que ele tivesse cuidado do assunto.

Não, ele disse, não tinha.

— Deixe-me resolver — falei. — Está aqui no caixa.

Não, disse ele. Ninguém ia lhe dizer o que fazer. Ele cuidaria pessoalmente quando lhe desse na cabeça.

— Para que gastar dinheiro antes do tempo?

— Está bem, mas veja se não esquece — disse eu. Ele tinha contrato para seis touradas a quatro mil pesos cada, além da luta beneficente. Ganhou mais de quinze

mil dólares líquidos. Ele era mão-fechada.

O terceiro aviso chegou em outra semana, e eu o li para ele. Dizia que se o pagamento não fosse feito até o sábado seguinte o túmulo da mãe seria aberto e os restos passados para o ossário comum. Ele disse que ia cuidar do assunto aquela tarde mesmo quando fosse à cidade.

— Por que não me deixa cuidar? — perguntei.

— Não se meta. É assunto meu, e eu vou resolver — disse ele.

— Muito bem. Se você quer assim... Cuide você mesmo.

Tirou o dinheiro do caixa, apesar de sempre levar no bolso cem ou mais pesos, e disse que ia resolver o assunto. Saiu com o dinheiro, e naturalmente fiquei pensando que ele tivesse resolvido o assunto.

Uma semana depois chegou o aviso dizendo que não tendo eles recebido resposta da comunicação final transferiram o corpo da mãe dele para o ossário comum.

— Deus do céu! — disse eu. — Você disse que ia fazer o pagamento e tirou dinheiro do caixa para isso e agora veja o que aconteceu com sua mãe. Meu Deus! Já imaginou? O ossário público e sua mãe nele. Por que não me deixou cuidar do assunto? Eu podia ter resolvido desde o primeiro aviso.

— Não é da sua conta. A mãe é *minha*.

— Não é da *minha* conta, claro, mas era da *sua*. Que sangue corre em suas veias para você ter deixado acontecer isso com sua mãe? Você não merece ter mãe.

— É *minha* mãe. Agora gosto mais ainda dela. Não preciso mais pensar nela enterrada e ficar triste. Agora ela está comigo no ar que respiro, como os pássaros e as flores. Agora ela vai estar sempre comigo.

— Nossa! Que tipo de sangue corre em você? Não fale mais comigo.

— Ela está circulando em volta de mim. Nunca mais vou ficar triste.

Naquele tempo ele gastava dinheiro desmedidamente com mulheres para se mostrar como homem e enganar as pessoas, mas esse comportamento não tinha nenhum efeito nas pessoas que sabiam da vida dele. Ele me devia mais de seiscentos pesos e não me pagava.

— Para que quer receber agora? — dizia. — Não confia em mim? Não somos amigos?

— Não se trata de amizade nem de confiança. É que paguei contas com o meu dinheiro quando você esteve fora e agora preciso dele e você precisa me pagar.

— Não tenho com quê.

— Tem. Está no caixa, e você pode me pagar.

— Preciso desse dinheiro para um negócio. Você não sabe das minhas necessidades de dinheiro.

— Fiquei aqui o tempo todo que você esteve na Espanha e você me autorizou a pagar as coisas que chegassem, todas essas coisas para a casa, e não mandou nenhum dinheiro enquanto esteve fora e gastei mais de seiscentos pesos do meu dinheiro, e agora preciso dele e você não me paga.

— Pago depois. No momento preciso muito do dinheiro — disse ele.

— Para quê?

— Assunto meu.

— Por que não me dá algum por conta?

— Não posso. Preciso muito do dinheiro. Mas vou lhe pagar.

Ele toureou só duas vezes na Espanha, se encheram dele, viram logo quem ele era; ele encomendou sete uniformes novos de toureiro, e vejam como ele era: acondicionou-os tão mal que quatro ficaram estragados pela água do mar na viagem de volta e não puderam ser usados.

— Puxa! Você vai à Espanha, fica lá a temporada toda e só toureia duas vezes. Gasta todo o dinheiro que levou com uniformes e deixa que se estraguem com a água do mar a ponto de ficarem inutilizados. É assim que você procede, e ainda vem me dizer que é senhor do seu nariz. Por que não me paga o que me deve para eu ir cuidar da minha vida em outro lugar?

— Preciso de você aqui e vou lhe pagar. Mas agora preciso do dinheiro.

— Precisa muito do dinheiro para pagar pelo túmulo de sua mãe para que ela fique enterrada. Não é isso?

— Estou contente pelo que aconteceu com minha mãe. Você não entende isso.

— Graças a Deus não. Se não me pagar o que me deve, tiro do caixa.

— Eu tomo conta do caixa.

— Não toma mesmo.

Naquela mesma tarde ele veio a mim com um marginal, um sujeito da mesma cidade dele que estava na pior, e disse:

— Este aqui é um paisano que precisa de dinheiro para voltar para a terra dele porque a mãe está doente.

O sujeito era um marginal, sabem, um João-ninguém que ele nunca tinha visto antes, mas da cidade dele, e ele queria ser o grande matador generoso com um conterrâneo.

— Dê a ele cinquenta pesos do caixa.

— Você acabou de me dizer que não tem dinheiro para me pagar e agora quer dar cinquenta pesos a este marginal? — disse eu.

— É um conterrâneo, e está na pior.

— Sua puta — disse eu, e dei-lhe a chave do caixa. — Tire você mesmo. Vou à cidade.

— Não fique zangado. Vou lhe pagar.

Tirei o carro para ir à cidade. O carro era dele, mas ele sabia que eu o dirigia melhor do que ele. Tudo o que ele fazia, eu fazia melhor. Ele sabia disso. Não sabia ler nem escrever. Eu ia encontrar alguém e ver o que podia fazer para que ele me pagasse. Ele veio e disse:

— Vou com você e vou lhe pagar. Somos amigos. Não precisamos brigar.

Fomos para a cidade, eu dirigindo. Pouco antes de entrarmos na cidade ele tirou vinte pesos.

— Tome.

— Sua puta sem mãe — disse eu, e disse também o que ele devia fazer com o dinheiro. — Você dá cinquenta pesos ao marginal e me oferece vinte quando me deve seiscentos. Não quero um níquel de você. Sabe o que deve fazer com ele.

Saí do carro sem um peso no bolso e sem saber onde dormiria aquela noite. Mais tarde voltei à casa com um amigo e apanhei todas as minhas coisas. Nunca mais falei com ele até este ano. Encontrei-o com três amigos à noite a caminho do cinema Callao na Gran Via de Madri. Ele estendeu-me a mão.

— Olá, Roger, amigo velho — saudou. — Como vai? Ouvi dizer que anda falando mal de mim. Que você diz uma porção de coisas injustas a meu respeito.

— Só digo que você nunca teve mãe. — É o pior insulto que se pode dizer a alguém em espanhol.

— É verdade — concordou. — Minha pobre mãe morreu quando eu era tão pequeno que parece que nunca tive mãe. É muito triste.

Uma bichona perfeita. Nada as atinge. Nada mesmo. Gastam dinheiro com elas mesmas ou por vaidade, mas nunca pagam. Tente receber de uma. Eu disse tudo o que pensava dele ali mesmo na Gran Via, na frente dos três amigos, mas sempre que nos encontramos depois disso ele me trata como se fôssemos amigos. Que tipo de sangue faz homens assim?

UMA LEITORA ESCREVE



Sentada na mesa do quarto, tendo na frente um jornal dobrado, ela só parava para olhar pela janela a neve que caía e se derretia no telhado. Escreveu esta carta, com letra firme e sem necessidade de riscar ou reescrever.

Roanoke, Virgínia
6 de fevereiro de 1933

Prezado doutor:

Escrevo para lhe pedir um conselho muito importante... preciso tomar uma decisão e não sei em quem confiar, não tenho coragem de perguntar a meus pais... por isso lhe escrevo... e só porque não preciso vê-lo, posso confiar no senhor. A situação é esta... casei-me com um militar em 1929, e nesse mesmo ano ele foi destacado para a China, Xangai... ficou três anos e voltou... deu baixa do serviço há alguns meses... e foi para a casa da mãe em Helena, Arkansas. Escreveu me chamando... fui, e descobri que ele está tomando uma série de injeções e naturalmente perguntei e fiquei sabendo que é um tratamento de não sei como se escreve a palavra, mas falada soa como “sífilus”... Sabe o que estou dizendo... então me diga se posso viver com ele de novo... desde que ele voltou da China não tive nenhum contato íntimo com

ele. Ele me garante que vai ficar bom depois que o médico acabar de tratá-lo... Acha que vai mesmo?... Sempre ouvi meu pai dizer que é melhor morrer do que apanhar essa doença... Acredito em meu pai, mas quero acreditar mais no meu marido... por favor me diga o que fazer... tenho uma filha que nasceu quando o pai dela estava na China...

Agradecendo e confiando inteiramente na sua palavra sou

e assinou o nome.

Talvez ele possa me dizer o que devo fazer, pensou ela. Talvez ele possa me dizer. Na fotografia do jornal ele parece saber. Parece inteligente. Diariamente ele diz a alguém o que fazer. Deve saber. Quero fazer o que for certo. Mas faz tanto tempo. Muito tempo. Meu Deus, quanto tempo. Ele era obrigado a ir para onde o mandassem, eu sei, mas não sei por que ele foi apanhar isso. Oh, quisesse Deus que ele não tivesse contraído. Não me importa o que ele fez para contrair. Mas queria tanto que ele não tivesse contraído. Acho que ele não precisava ter contraído isso. Não sei o que fazer. Como eu queria que ele não tivesse contraído doença nenhuma. Não entendo por que ele teve que contrair uma doença.

UM DIA ESPERANDO



Ele entrou no quarto para fechar as janelas quando ainda estávamos na cama e vi que ele estava doente. Tremia, tinha o rosto branco e caminhava devagar como se sentisse dor com o movimento.

— O que é que há, Schatz?

— Dor de cabeça.

— É melhor deitar.

— Não. Logo passa.

— Vá se deitar. Vejo você quando me vestir.

Mas, quando desci, ele estava vestido, sentado ao pé do fogo, um menino de nove anos com ar de muito doente e infeliz. Pus a mão na testa dele, senti que tinha febre.

— Vá se deitar. Você está doente — disse eu.

— Estou bem — disse ele.

O médico chegou e tomou a temperatura do menino.

— Quanto? — perguntei.

— Cento e dois.

O médico deixou três remédios diferentes em cápsulas de cores diferentes com instruções para tomar. Um era para baixar a febre, outro um purgativo, o terceiro para combater a acidez. O vírus da gripe só pode existir em condição de acidez, explicou o médico. Parecia saber tudo sobre *influenza*, e disse que não havia

motivo de preocupação se a febre não passasse de cento e quatro graus. Tratava-se de uma epidemia branda de *influenza* sem maior perigo desde que se evitasse a pneumonia.

De volta ao quarto anotei a temperatura do menino e também o horário de dar-lhe os remédios.

— Quer que eu leia para você?

— Se quiser — falou o menino. O rosto dele estava muito branco, e havia manchas escuras abaixo dos olhos. Estava imóvel na cama e parecia desligado do que se passava em volta.

Li trechos do *Livro dos piratas*, de Howard Pyle; mas ele não acompanhava a minha leitura.

— Como se sente, Schatz? — perguntei.

— O mesmo até agora — respondeu.

Sentei-me aos pés da cama e li para mim enquanto esperava a hora de dar outra cápsula ao doente. Seria natural ele dormir, mas quando olhei ele fitava os pés da cama com um olhar muito estranho.

— Por que não tenta dormir? Acordo você na hora do remédio.

— Prefiro ficar acordado.

Passado um tempo ele me disse:

— Não precisa ficar comigo, papai, se for sacrifício.

— Não é sacrifício.

— Eu disse que não precisa ficar se for incômodo para o senhor.

Tive a impressão de que ele delirava um pouco e, depois de dar-lhe as cápsulas às onze horas, saí um pouco.

Era um dia claro e frio, o chão coberto de uma névoa congelada que dava a impressão de estarem as árvores peladas, e os arbustos, a grama e todo o chão polido com gelo. Levei o setter irlandês para um passeio pela estrada até a margem de um riacho congelado, mas era difícil ficar em pé ou caminhar na superfície, e o cachorrinho vermelho escorregava e deslizava, e eu mesmo caí duas vezes e numa delas derrubei a espingarda, que deslizou para longe no gelo.

Espantamos uma ninhada de codornizes de um barranco alto, e acertei duas quando fugiam para além do barranco. Algumas pousaram em árvores, mas a maioria se espalhou no mato, e foi-lhes preciso pular nos montículos cobertos de gelo antes de conseguirem voar. Sem firmeza para os pés em cima do gelo era difícil atirar e acertar; matei duas, errei cinco e voltei satisfeito de ter encontrado uma ninhada tão perto de casa, e satisfeito também de ver que havia muitas outras para serem achadas em outro dia.

Em casa fiquei sabendo que o menino não quis que ninguém entrasse no quarto. Não queria que apanhassem a doença dele.

Subi ao quarto e encontrei-o na mesma posição de quando o havia deixado, o rosto branco, mas o alto das faces corado da febre. Ainda olhava de olhos arregalados para os pés da cama.

Tomei a temperatura.

— Quanto?

— Por volta de cem. Eram cento e dois e quatro décimos.

— Cento e dois — disse ele.

— Quem disse?

— O médico.

— A temperatura está sob controle. Não há motivo para preocupação.

— Não estou preocupado, mas não posso deixar de pensar.

— Não pense. Relaxe.

— Estou tentando relaxar — disse ele, e olhou para a frente. Estava evidentemente se apegando a alguma coisa dentro dele.

— Tome isto com água.

— Acha que vai me fazer bem?

— Claro que vai.

Sentei-me e abri o *Livro dos piratas* e comecei a ler, mas ele não acompanhava; então parei.

— A que horas acha que vou morrer? — perguntou ele.

— O quê?

— Quanto tempo falta para eu morrer?

— Você não vai morrer. O que é que há com você?

— Vou, sim. Ouvi ele dizer cento e dois.

— Ninguém morre com febre de cento e dois graus. Que conversa mais idiota.

— Morre, sim. Na escola na França os meninos me disseram que não se pode viver com quarenta e quatro graus. Estou com cento e dois.

O dia inteiro ele esperou morrer, desde as nove da manhã.

— Meu pobre Schatz. Meu pobre Schatz, é como milhas e quilômetros — disse eu. — Você não vai morrer. Este termômetro é diferente. Naquele termômetro lá, trinta e sete é normal. Neste, o normal é noventa e oito.

— Tem certeza?

— Absoluta. É como milhas e quilômetros. Sabe quantos quilômetros fazemos quando o carro marca setenta milhas?

— Ah.

Mas o olhar dele para os pés da cama demorou a se relaxar. A tensão interior dele também se relaxou vagarosamente, e no dia seguinte ele estava descontraído e chorava fácil com coisas pequeninas que não tinham a menor importância.

VINHO DO WYOMING



Tarde de muito calor no Wyoming; as montanhas ficavam longe, podia-se ver neve no topo delas, mas elas não faziam sombra, e no vale os campos cultivados estavam amarelos, a estrada empoeirada pelos carros, e todas as casinhas de madeira na periferia da cidade, de tão quentes, pareciam fornalhas. Na varanda dos fundos dos Fontan tinha uma árvore que dava sombra; sentei-me numa mesa, e madame Fontan serviu-me cerveja gelada do porão. Um carro saiu da estrada e parou ao lado da casa. Saíram dois homens e passaram o portão. Pus as garrafas debaixo da mesa. Madame Fontan levantou-se.

— Sam está? — perguntou um dos homens na porta de tela.

— Não. Está nas minas.

— Tem cerveja?

— Acabou. Esta é a última garrafa.

— O que é que ele está bebendo?

— Foi a última garrafa. Acabou.

— Vamos, pegue umas cervejas para nós. Você me conhece.

— Não temos mais. Foi a última garrafa. Acabou.

— Deixa, vamos a algum lugar onde tenha boa cerveja — disse um dos homens, e os dois voltaram para o carro. Um deles cambaleava. O carro partiu com um arranco, entrou também cambaleando na estrada e logo desapareceu.

— Ponha a cerveja na mesa — disse madame Fontan. — Para que fazer isso? Não fique bebendo com a garrafa no chão.

— Não sei quem são eles — respondi.

— São bêbados, esse é que é o mal. Depois lá adiante dizem que beberam aqui. Ou pode ser que nem se lembrem. — Ela falava francês de vez em quando, o resto eram algumas palavras e frases inglesas.

— E Fontan?

— Il fait de la vendange. Nossa, il est doido pour le vin.

— E você, gosta de cerveja?

— Oui, j'aime la bière, mais Fontan, il est doido pour le vin.

Era uma senhora idosa e gorducha, de compleição rude e cabelos brancos. Muito limpa, e a casa também limpa e arrumada. Era natural de Lens.

— Onde comeu?

— No hotel.

— Mangez ici. Il ne faut pas manger à l'hôtel ou au restaurant. Mangez ici!

— Não quero dar trabalho. Além do mais, come-se bem no hotel.

— Eu nunca como no hotel. Pode ser que se coma bem lá. Só uma vez na vida comi num restaurante americano. Sabe o que me serviram? Uma carne de porco que estava crua!

— É mesmo?

— Não minto a você. A carne de porco não estava cozida! Et mon fils il est marié avec une américaine, et tout le temps il a mangé feijões en lata.

— Há quanto tempo ele está casado?

— Oh, não sei. A mulher dele pesa mais de cem quilos. Não trabalha. Não cozinha. Dá a ele feijão enlatado.

— O que é que ela faz?

— Lê o tempo todo. Rien que des livres. Tout le temps elle fica na cama lendo livros. Não pode mais ter filho. É muito gorda. Não há espaço.

— O que é que ela tem?

— Lê o dia inteiro. Ele é um bom rapaz. Trabalha demais. Já trabalhou nas minas, agora está numa fazenda. Nunca tinha trabalhado em fazenda, e o dono dessa

disse a Fontan que nunca viu ninguém como o rapaz para trabalhar. E quando ele vem em casa a mulher não dá comida para ele.

— Por que ele não pede divórcio?

— Ele não tem dinheiro para pagar divórcio. Além do mais, il est *louco pour elle*.

— Ela é bonita?

— Ele *acha*. Quando ele a trouxe para casa, quase morri. Ele é tão bom, trabalha tanto, não é farrista nem brigão. Uma vez foi trabalhar nos campos de petróleo e voltou com essa indienne que pesava oitenta quilos.

— Ela é indienne?

— É índia. Deus do céu, é índia. A todo instante diz *filho da puta do cacete*. Não faz nada.

— Onde ela está agora?

— Se divertindo.

— Onde?

— Au show. Cinema. Só faz ler e ir ao cinema.

— Tem mais cerveja?

— Claro que tem. Vem jantar com a gente hoje.

— Está bem. O que é que devo trazer?

— Nada. Nada de nada. Talvez Fontan traga vinho.

Aquela noite jantei com os Fontan. Na mesa uma toalha muito limpa. Provamos do vinho novo. Era leve, claro e gostoso, ainda com sabor de uva. À mesa estavam Fontan, madame e o menino André.

— O que foi que fez hoje? — perguntou-me Fontan. Era um homem idoso, corpo cansado de mineiro, bigode caído nas pontas; natural do Centre, perto de Saint-Etienne.

— Trabalhei no meu livro.

— Estavam em ordem os seus livros? — perguntou madame.

— Ele escreve livros, como um escritor. Un roman — explicou Fontan.

— Pai, posso ir ao show? — perguntou André.

— Pode — disse Fontan. André virou-se para mim.

— Quantos anos acha que tenho? Acha que pareço ter catorze? — Era um menino magro, mas o rosto aparentava dezesseis.

— Parece ter catorze.

— Quando vou ao show me agacho assim, ó, pra parecer pequeno. — A voz era aguda e desafinada. — Se dou vinte e cinco centavos ficam com eles, mas se dou só quinze entro do mesmo jeito.

— Então só vou lhe dar quinze — disse Fontan.

— Não, me dê os vinte e cinco. Troco no caminho.

— Il faut revenir tout de suite après le show — disse madame Fontan.

— Volto assim que acabar — disse André, e saiu. A noite estava ficando fria. Ele deixou a porta aberta, entrou uma brisa fria.

— Mangez! — disse madame Fontan. — Não comeu nada. — Eu tinha comido e repetido frango com batata frita, três espigas de milho, rodela de pepino com salada, que também repeti.

— Quem sabe ele quer bolo? — disse Fontan.

— Eu devia ter feito bolo pra ele — disse madame Fontan. — Mangez du fromage. Mangez du queijo branco. Vous n'avez rien mangé. Eu devia ter feito bolo. Americanos gostam de bolo.

— Mais j'ai rudement bien mangé.

— Mangez! Vous n'avez rien mangé. Coma tudo. Não economizamos nada. Coma tudo.

— Mais salada — disse Fontan.

— Vou ver mais cerveja — disse madame Fontan. — Trabalhando o dia inteiro num livro você fica com fome.

— Elle ne comprend pas que vous êtes écrivain — disse Fontan. Era um velho delicado que falava gíria e sabia as músicas populares do seu tempo de serviço militar no fim do século. — Ele escreve os livros — explicou ele à madame.

— Você mesmo escreve os livros? — perguntou ela.

— Às vezes.

— Ah! Você mesmo escreve os livros. Bem, isso também dá fome. Mangez! Je vais chercher de la bière.

Ouvimos os passos dela descendo a escada do porão. Fontan sorriu para mim. Era muito tolerante com pessoas que não tinham a experiência dele nem o seu traquejo mundano.

Quando André voltou do show, ainda estávamos na mesa e falávamos de caçada.

— No Dia do Trabalho fomos a Clear Creek — disse madame. — Nossa, você devia ter ido. Fomos no caminhão. Tout le monde est allé dans le caminhão. Nous sommes partis le dimanche. No caminhão de Charley.

— On a mangé, on a bu du vin, de la bière, et il y avait aussi un français qui a apporté de l'absinthe — disse Fontan. — Un Français de la Californie!

— Meu Deus, como cantamos. Um fazendeiro foi ver o que era aquilo, demos bebida a ele, ele ficou um tempo com a gente. Apareceram também uns italianos, que também quiseram ficar. Cantamos uma música sobre italianos, eles não entenderam. Não perceberam que não os queríamos na nossa roda. Não lhes demos muita atenção, eles logo foram embora.

— Pegaram muito peixe?

— Très peu. Pescamos por pouco tempo e voltamos para cantar mais. Nous avons chanté, vous savez.

— De noite — disse madame — toutes les femmes ont dormi dans le caminhão. Les hommes à côté du feu. Pelas tantas escuto Fontan voltando para apanhar mais vinho e digo: “Pelo amor de Deus, Fontan, deixe algum para amanhã. Amanhã não vão ter o que beber e ficam aborrecidos.”

— Mais nous avons tout bu — disse Fontan — et le lendemain il ne reste rien.

— E fizeram o quê?

— Nous avons pêché sérieusement.

— Muito boas trutas. Mais de meia libra.

— De que tamanho?

— Mais de meia libra. No ponto de comer. Todas do mesmo tamanho. Mais de meia libra.

— Gosta deste país? — perguntou-me Fontan.

— É o meu país. Tenho de gostar. Mais on ne mange pas très bien. D’antan, oui. Mais maintenant, não.

— Não — disse madame. — On ne mange pas bien. — Sacudiu a cabeça. — Et aussi, il y a trop de Polack. Quand j’étais petite ma mère m’a dit: “Vous mangez comme les Polacks.” Je n’ai jamais compris ce que c’est qu’un Polack. Mais maintenant en Amérique je comprends. Il y a trop de Polack. Et, meu Deus, como sont sales, les Polacks.

— É ótimo para caçar e pescar — disse eu.

— Oui. Ça, c’est le meilleur. La chasse et la pêche — disse Fontan. — Qu’est-ce que vous avez comme fusil?

— Uma espingarda calibre doze.

— Muito boa arma — disse Fontan, e ainda confirmou com um gesto da cabeça.

— Eu também quero caçar — disse André com sua voz desafinada, voz de frangote.

— Não pode — disse Fontan, e virou-se para mim. — Ils sont des sauvages, os meninos, vous savez. Ils sont des sauvages. Ils veulent atirar les uns les autres.

— Je veux aller tout seul — disse André, esganiçado e animado.

— Não pode — disse madame Fontan. — Você é muito novo.

— Je veux aller tout seul — repetiu ele. — Je veux atirar nos rats d’eau.

— O que são ratos d’eau? — perguntei.

— Não sabe? Claro que sabe. É o que chamam de rato almiscarado.

André apanhou a carabina calibre vinte e dois no armário e ficou com ela na mão sob a luz.

— Ils sont des sauvages — repetiu Fontan. — Ils veulent atirar les uns les autres.

— Je veux aller tout seul — disse André. Olhava desesperado o cano da arma. — Je veux atirar les rats d’eau. Je connais beaucoup de rats d’eau.

— Me dê essa arma — disse Fontan. — São selvagens. São capazes de atirar uns nos outros.

André agarrava-se à arma.

— É só ficar atento. Não se fere ninguém. É só olhar.

— Il est louco para atirar — disse madame Fontan —, mas é muito novo.

André repôs a arma no armário.

— Quando eu crescer mais, vou atirar em ratos almiscarados e em coelhos — disse sem recorrer ao francês. — Uma vez saí com meu pai, ele atirou num coelho e acertou de raspão. Eu atirei e acertei inteiro.

— C'est vrai — disse Fontan. — Ele matou um coelho.

— Mas ele acertou primeiro — disse André. — Quero ir sozinho e matar sozinho. Ano que vem posso fazer isso. — Foi para um canto e sentou-se com um livro para ler. Eu tinha apanhado o livro para ler depois do jantar. Era um livro da biblioteca, *Frank* numa *canhoneira*.

— Il aime les livres — disse madame Fontan. — É melhor do que andar por aí de noite com os outros furtando coisas.

— Livro não faz mal — disse Fontan. — Monsieur il fait livres.

— É, livro não faz mal, está certo — disse madame —, mas livro demais faz. Ici, c'est une maladie, os livros. C'est comme les igrejas. Ici il y a trop de igrejas. En France il y a seulement les catholiques et les protestants... et très peu de protestants. Mais ici rien que de igrejas. Quand j'étais venu ici je disais: "Ah, meu Deus, para que tanta igreja?"

— C'est vrai — disse Fontan. — Il y a trop de igrejas.

— Outro dia — disse madame — esteve uma francesinha aqui com a mãe, prima de Fontan, e ela me disse: "En Amérique il ne faut pas être catholique. Não convém ser católico. Os americanos não gostam dos católicos. É como a lei seca." Eu disse a ela: "Que é que você vai ser? Hein? É melhor ser católico, se a gente é católico." Mas ela respondeu: "Não, não convém mesmo ser católico na América." Mas acho que é melhor ser catholique se a pessoa é. Ce n'est pas bon de changer sa religion. Por Deus, não.

— Vai à missa aqui?

— Não. Aqui não. Só muito de vez em quando. Mais je reste catholique. Não convém mudar de religião.

— On dit que Schmidt est catholique — disse Fontan.

— On dit, mais on ne sait jamais — disse madame Fontan. — Não creio que Schmidt seja catholique. Não tem muitos catholiques na América.

— Somos catholiques — respondi.

— É, mas vocês vivem na França — disse madame Fontan. — Je ne crois pas que Schmidt est catholique. Ele já morou na França?

— Les Polacks sont catholiques — disse Fontan.

— É verdade — disse madame. — Vão à igreja, e na volta para casa brigam de faca e matam uns aos outros todo domingo. Não são catholiques de verdade. São catholiques polacos.

— Todos os católicos são iguais — disse Fontan. — Um catholique é igual a outro.

— Não creio que Schmidt seja catholique — disse madame. — Será muito engraçado se ele for catholique. Moi, je ne crois pas.

— Il est catholique — disse eu.

— Schmidt é catholique — disse madame brincando. — Eu não acreditava. Deus do céu, ele é catholique.

— Marie, va chercher de la bière — disse Fontan. — Monsieur a soif; moi aussi.

— Está bem — disse madame da sala próxima. Ouvimos o estalar da escada quando ela descia. André continuava lendo no seu canto. Eu e Fontan continuávamos na mesa. Ele serviu-nos a cerveja na última garrafa, deixando um pouco no fundo.

— C'est un bon pays pour la chasse — disse. — J'aime beaucoup caçar les canards.

— Mais il y a très bonne chasse aussi en France — disse eu.

— C'est vrai. Nous avons beaucoup de gibier là-bas.

Madame Fontan subiu a escada com as garrafas de cerveja nas mãos.

— Il est catholique — disse. — Deus meu, Schmidt est catholique.

— Acha que ele chega a presidente? — perguntou Fontan.

— Acho que não.

Na tarde seguinte voltei aos Fontan de carro pelo lado sombreado da cidade, depois pela estrada de terra, entrei no desvio e deixei o carro perto da cerca. Era outro dia quente. Madame Fontan apareceu na porta do fundo. Parecia uma Mamãe Noel, limpa, de rosto corado e cabelos brancos, andar bamboleado.

— Meu Deus, olá. Meu Deus, que calor — disse, e entrou para pegar cerveja. Sentei na varanda do fundo, e pela tela olhei as folhas da árvore no calor, e lá longe as montanhas. Montanhas pardas estriadas, e acima três picos e uma geleira que se podia ver entre as árvores. A neve era branquíssima, pura e irreal. Madame Fontan chegou e pôs as garrafas na mesa. — O que é que está olhando?

— A neve.

— C'est jolie, la neige.

— Tome um copo também.

— Aceito.

Sentou-se numa cadeira ao lado da minha.

— Schmidt, se ele for presidente, acha que vamos ter vinho e cerveja?

— Claro. Confie em Schmidt.

— Pagamos setecentos e cinquenta e cinco dólares de multa quando prenderam Fontan. Fomos presos duas vezes pela polícia e uma pelo governo. Todo o dinheiro que conseguimos durante o tempo que Fontan trabalhou nas minas e eu lavando roupa. Pagamos tudo. Puseram Fontan na cadeia. Il n'a jamais fait de mal a personne.

— Ele é um bom homem — reconheci. — É um crime.

— Não cobramos muito. O vinho a um dólar o litro. A cerveja, dez centavos a garrafa. Não vendemos cerveja enquanto não fica boa. Em muitos lugares vendem cerveja logo que acabam de fazer, e quem bebe fica com dor de cabeça. Que negócio é esse? Prendem Fontan e levam setecentos e cinquenta e cinco dólares.

— É maldade — eu disse. — E Fontan, onde está?

— Cuidando do vinho. Precisa vigiar até chegar no ponto. — Madame sorriu. Não pensava mais no dinheiro. — Vous savez, il est louco pelo vinho. Ontem à noite trouxe um pouco para casa, aquele que você bebeu, e um pouco do novo. O novo último. Ainda não está no ponto, mas ele bebeu e hoje cedo pôs um pouco no café.

Dans son café, vous savez! Il est louco pour le vin! Il est comme ça. Son pays est comme ça. No norte, onde moro, não se bebe vinho, todo mundo bebe cerveja. No lugar onde morávamos, tinha uma grande cervejaria bem perto de nossa casa. Quando menina, eu não gostava do cheiro do lúpulo nas carroças. Nem no campo. Je n'aime pas les houblons. Não, nem um pouco. O dono da cervejaria convidou a mim e a minha irmã para tomarmos cerveja na cervejaria, e ficamos gostando do lúpulo. É verdade. Ficamos gostando. Mas Fontan, il est louco pour le vin. Uma vez matamos um coelho, e ele quis prepará-lo com um molho que leva vinho, fazer um molho escuro com vinho, manteiga, cogumelo, cebola e tudo mais para o coelho. Meu Deus, fiz o molho direitinho, ele comeu tudo e disse: “La sauce est meilleure que le coelho.” Dans son pays est comme ça. Il y a beaucoup de gibier et de vin. Moi, j'aime les pommes de terre, le saucisson, et la bière. C'est bon, la bière. C'est très bon pour la santé.

— É bom, sim. E o vinho também — disse eu.

— Você é como Fontan. Mas tem uma coisa aqui que eu nunca tinha visto. Acho que você também nunca viu. Uns americanos que estiveram aqui puseram uísque na cerveja.

— Não!

— Oui. É verdade. Et aussi une femme qui a vomis sur la table!

— Comment?

— C'est vrai. Elle a vomis sur la table. Et après elle a vomis dans ses sapatos. Depois voltaram e disseram que viriam de novo para uma festa no domingo, eu disse não, Deus, não! Quando vieram, fechei a porta.

— São insuportáveis quando ficam bêbados.

— No verão, quando vão dançar, os rapazes vêm em seus carros e ficam esperando fora e dizem a Fontan: “Ei, Sam, queremos uma garrafa de vinho”, ou compram cerveja, tiram do bolso a bebida proibida, põem na cerveja e bebem. Meu Deus, foi a primeira vez que vi uma coisa assim. Põem uísque na cerveja. Deus do céu, não entendo isso!

— Querem ficar doentes, e começam ficando bêbados.

— Uma vez estive aqui um sujeito e me pediu para preparar um grande jantar para eles e beberam duas garrafas de vinho, as namoradas vieram também, depois foram dançar. Está bem, eu disse. Preparei um grande jantar, e quando vieram já tinham bebido muito. Puseram uísque no vinho. Deus do céu, puseram. Eu disse a Fontan: “Vão ficar doentes.” “Oui”, ele disse. Aí as moças ficaram doentes, moças lindas e direitas. Começaram a passar mal ainda na mesa. Fontan tentou tirá-las pelo braço e mostrar onde elas podiam passar mal no toalete, mas os sujeitos não deixaram, disseram que elas podiam passar mal ali mesmo na mesa.

Fontan entrou.

— Quando voltaram outra vez, fechei a porta. “Não”, disse eu. Nem por cento e cinquenta dólares. Meus Deus, não.

— Tem uma palavra em francês para pessoas que procedem assim — disse Fontan. Em pé ali, parecia muito velho e muito abatido pelo calor.

— Qual é?

— Cochon — falou meio sem jeito, hesitando em pronunciar palavra tão forte. — São como o porco capado. C’est un mot très fort — desculpou-se —, mais vomir sur la table... — Sacudiu a cabeça com ar triste.

— Cochons — disse eu. — É o que são mesmo, cochons. Salauds.

O barbarismo dos termos desagradou a Fontan, que tratou de mudar de assunto.

— Il y a des gens très gentils, très sensibles, qui viennent aussi — disse ele. — São oficiais do forte. Gente fina. Bons rapazes. Quem já estive na França gosta de vir aqui para comer e beber vinho. Apreciam o vinho.

— Estive aqui um oficial — disse madame —, e a mulher dele não queria ir embora. Ele diz a ela que está cansado, e vai dormir, e quando ela vai ao cinema ele vem para cá, às vezes de pijama, só com um sobretudo por cima. “Maria, cerveja pelo amor de Deus”, ele diz. Senta-se de pijama, toma a cerveja, depois vai para o forte e se deita antes de a mulher voltar do cinema.

— C’est un original, mais vraiment gentil — disse Fontan. — Excelente pessoa.

— É mesmo, excelente pessoa — confirma madame. — Está sempre na cama quando a mulher volta do cinema.

— Vou viajar amanhã — disse eu. — Ao Parque dos Corvos. É a abertura da temporada do galo-de-campina.

— É mesmo? Mas ainda vem aqui antes de ir embora. Promete?

— Prometido.

— O vinho vai estar bom. Tomaremos uma garrafa juntos — disse Fontan.

— Três garrafas — disse madame Fontan.

— Venho, sim.

— Contamos com você — disse Fontan.

— Boa-noite.

Voltamos da caçada no começo da tarde. Estávamos de pé desde as cinco da manhã. Tínhamos feito boa caçada no dia anterior, mas naquela manhã não vimos sequer um galo-de-campina. Sentindo muito calor no carro aberto, paramos para almoçar à sombra de uma árvore na beira da estrada. Com o sol ainda alto, a mancha de sombra era pequena. Comemos sanduíches e biscoitos com recheio e nos sentíamos cansados e sedentos. Demos graças quando finalmente pegamos a estrada principal de volta à cidade. Chegamos a um arraial onde havia marmotas e paramos para matar algumas a revólver. Matamos duas e desistimos porque as balas perdidas ricocheteavam em rochas e sibilavam pelo campo em cuja orla havia um arvoredo, um riacho e uma casa, e não queríamos correr o risco de acertar alguém. Continuamos viagem e finalmente chegamos aos arrabaldes da cidade. As montanhas lá longe eram azuladas, e nos picos mais altos a neve cintilava como vidro. O verão ia chegando ao fim, mas a neve nova ainda não se firmara nos picos; só se viam o gelo e a neve derretida pelo sol, brilhando intensamente a distância.

Queríamos sombra e alguma coisa fresca. Estávamos queimados de sol e tínhamos os lábios rachados de sol e da poeira alcalina. Pegamos o desvio para os Fontan, paramos na frente da casa e entramos. Na sala de jantar o ar estava fresco. Madame estava sozinha.

— Só duas garrafas de cerveja — disse ela. — O resto se foi. A nova ainda não está boa.

Dei a ela umas aves.

— Que bom — disse ela. — Obrigada. Que ótimo. — Saiu com as aves para deixá-las em lugar mais fresco. Quando terminamos as cervejas, levantei e disse que precisávamos ir.

— Volta de noite? Fontan vai trazer o vinho.

— Voltaremos antes da partida.

— Vão partir?

— É. Saímos de manhã.

— Que pena. Mas venham esta noite. Fontan vai trazer o vinho. Daremos a fête de despedida.

— Viremos, sim.

Mas naquela tarde houve telegramas para mandar, a revisão do carro — um pneu precisando de recauchutagem —, e sem o carro fui a pé à cidade resolver assuntos que não podiam ficar para trás. Na hora do jantar senti-me muito cansado para sair. Não queríamos ouvir língua estrangeira, só queríamos dormir cedo.

Deitado na cama, com todas as coisas do verão empilhadas para serem empacotadas, as janelas abertas recebendo o ar fresco das montanhas, me arrependi de não ter ido aos Fontan — mas logo dormi. No dia seguinte estivemos ocupados a manhã toda, empacotando e encerrando o verão. Almoçamos e nos preparamos para partir por volta das duas.

— Precisamos nos despedir dos Fontan — disse eu.

— Precisamos, sim.

— Eles nos esperavam ontem à noite.

— Devíamos ter ido.

— Me arrependo de não termos ido.

Despedimo-nos do recepcionista do hotel, de Larry e outros amigos na cidade e fomos aos Fontan. Monsieur e madame estavam em casa. Ficaram contentes de nos ver. Fontan me pareceu velho e cansado.

— Esperamos vocês ontem — disse madame Fontan. — Fontan trouxe três garrafas de vinho. Como não vieram, ele bebeu todas.

— Não podemos demorar — disse eu. — Só viemos nos despedir. Queríamos muito vir ontem, mas ficamos muito cansados depois da caçada.

— Providencie vinho — disse Fontan.

— Acabou. Você bebeu o vinho todo.

Fontan ficou desconcertado.

— Vou buscar — disse. — Não vou demorar, só alguns minutos. Bebi tudo ontem. Era para você.

— Sabia que vocês estavam cansados — disse madame. — “Eles estão muito cansados para vir”, comentei. Vá buscar o vinho, Fontan.

— Levo você no carro — disse eu.

— Ótimo. Assim vamos mais depressa — disse Fontan.

Entramos no carro e pegamos um desvio pouco mais de um quilômetro adiante.

— Vai gostar do vinho — disse Fontan. — Ficou bom. Pode tomá-lo no jantar hoje.

Paramos na frente de uma casa de madeira. Fontan bateu na porta. Ninguém respondeu. Demos a volta pelos fundos. A porta dos fundos também estava fechada. Na frente dela muitas latas vazias. Olhamos pela janela. Ninguém lá dentro. A cozinha estava suja e desarrumada, mas todas as portas e janelas bem fechadas.

— A filha da mãe. Onde terá ido? — perguntou-se Fontan. Ele estava desesperado. — Sei onde conseguir uma chave — disse. — Fique aqui.

Foi a uma casa na mesma estrada, bateu na porta, falou com a mulher que atendeu e finalmente voltou. Tínhamos uma chave. Experimentamos a chave na porta da frente e na do fundo, não servia.

— A filha da mãe — disse Fontan. — Onde terá ido?

Pela janela vi onde o vinho era armazenado. Da janela sentia-se o cheiro da casa. Cheiro entre adocicado e azedo de casa de índio. Fontan pegou um sarrafo e começou a cavar a terra ao lado da porta do fundo.

— Vou entrar — disse. — Filha da mãe, vou entrar.

No quintal da casa vizinha um homem remexia nas rodas dianteiras de um Ford velho.

— Melhor não — disse eu. — Aquele homem vai ver. Está observando.

Fontan ergueu-se.

— Vamos tentar a chave de novo — disse. Experimentamos a chave sem resultado. Só dava meio giro nos dois sentidos.

— Não podemos entrar — disse eu. — É melhor voltarmos.

— Vou cavar no fundo — disse Fontan.

— Não, não vou deixar você se arriscar.

— Vou cavar, sim.

— Não. Aquele homem vai ver, e depois pega o resto.

Entramos no carro e paramos no caminho para deixar a chave. Fontan só abria a boca para praguejar. Estava arrasado e falava sem nexos. Afinal chegamos.

— A filha da mãe! — disse. — Não pudemos pegar o vinho. O meu vinho, o vinho que eu fiz.

Toda a felicidade desapareceu do rosto de madame Fontan. Fontan sentou-se num canto com as mãos na cabeça.

— Precisamos ir — disse eu. — Vamos esquecer o vinho. Vocês bebem à nossa saúde depois.

— Onde terá ido aquela maluca? — disse madame Fontan.

— Eu sei? — respondeu Fontan. — Não sei aonde ela foi. Agora vocês viajam sem o vinho.

— Não faz mal — tranquilizei-os.

— Faz, sim — disse madame Fontan sacudindo a cabeça.

— Precisamos ir. Adeus e boa sorte. Obrigado pela acolhida.

Fontan sacudiu a cabeça. Estava arrasado. Madame não podia estar mais triste.

— Não fiquem assim por causa do vinho — disse eu.

— Ele queria que você bebesse do vinho dele — disse madame Fontan. — Pode voltar no ano que vem?

— Não. Mas talvez no outro.

— Está vendo? — disse Fontan à mulher.

— Adeus — despedi-me. — Não pensem mais no vinho. Bebam à nossa saúde depois. — Fontan não parava de sacudir a cabeça. Não sorria. Sentia-se arruinado.

— Aquela filha da mãe — murmurou.

— Ontem de noite ele bebeu três garrafas — disse madame para consolá-lo. Ele sacudiu a cabeça.

— Adeus — disse ele.

Madame Fontan tinha os olhos cheios d'água.

— Adeus — disse. Estava preocupada com Fontan.

— Adeus — dissemos. Todos nos sentíamos tristes. Eles ficaram na porta, entrei no carro e dei partida. Acenamos com a mão. Os dois juntos na varanda com ar triste. Fontan parecia muito velho, e madame muito triste. Ela acenou para nós, e Fontan entrou. Fizemos a curva e pegamos a estrada.

— Estão abalados. Fontan perdeu o rumo.

— Devíamos ter aceitado o convite deles para jantar ontem.

— É, devíamos.

Passamos a cidade e pegamos a saída. Dos dois lados da estrada plana víamos restolhos da colheita de cereais, e à direita as montanhas. Parecia a Espanha, mas era o Wyoming.

— Desejo muita sorte a eles.

— Não vão ter — disse eu —, e Schmidt não vai ser presidente.

O asfalto acabou. A estrada agora era de cascalho. Deixamos a planície e começamos a subir por entre dois sopés, curvas e subidas. Os morros eram avermelhados, a salva crescia em moitas cinzentas. Depois de morros, mais morros, depois as montanhas. As montanhas estavam longe, e a paisagem parecia ainda mais espanhola. A estrada ia fazendo curvas e subindo, e em alguns pontos vimos bandos de frangos selvagens. Quando nos aproximávamos, eles voavam, primeiro batendo as asas com rapidez, depois planando até alcançar a encosta seguinte, onde pousavam.

— São grandes e bonitos. Maiores do que as perdizes europeias.

— Bom país para la chasse, diz Fontan.

— E quando a chasse acabar?

- Eles não estarão mais vivos.
- O menino sim.
- Nada garante.
- Devíamos ter ido ontem à noite.
- É. Devíamos ter ido.

PAIS E FILHOS



Tinha uma placa de desvio no centro da rua principal, mas os carros a passaram, e pensando que se tratasse de algum conserto já feito, Nicholas Adams continuou para a cidade pela rua vazia pavimentada de paralelepípedos, parando em sinais intermitentes no domingo sem trânsito, e que no ano seguinte estariam desligados se o equipamento não fosse pago; continuou sob as árvores antigas da cidadezinha que fazem parte do nosso coração se é a nossa cidade e se andamos à sombra delas, mas estas são muito antigas, impedem a passagem do sol e fazem úmidas as casas para um estranho. Passou a última casa e entrou na rodovia que subia e descia em linha reta. Montes de terra vermelha e árvores de floresta secundária dos dois lados. Não era a paisagem familiar de Nick, mas estávamos em pleno outono, e a região toda convidava a dirigir e a olhar a paisagem. O algodão já fora colhido, e nas clareiras havia trechos de milho, alguns entremeados de sorgo vermelho. Dirigindo tranquilo, o filho dormindo no banco a seu lado, o trabalho do dia liquidado, sabendo a que cidade chegaria de noite, Nick observava quais os campos de milho que tinham soja ou ervilha, como se distribuíam o capim e o terreno trabalhado, onde ficavam os ranchos e as casas em relação aos campos e às matas; caçando aqui e ali mentalmente; avaliando cada clareira quanto a comida e abrigo e imaginando onde se poderia achar um bando e que rumo tomaria no voo.

Para matar perdiz não se deve entrar no meio delas nem no lugar onde se reúnem depois que os cachorros as acharam, ou quando voam na direção do

caçador, umas se elevando em ângulo fechado, outras quase raspando nas orelhas do caçador, batendo asas e formando um bando nunca visto no ar; o jeito é o caçador se virar e atirar quando estão ainda perto do ombro dele, antes que elas recolham as asas e flechem para o matagal. Caçando perdizes naquela região conforme o pai lhe ensinara, Nicholas Adams pensou no pai. Da primeira vez que pensou nele, pensou nos olhos. O corpo enorme, os movimentos rápidos, os ombros largos, o nariz adunco, de águia, a barba não eram lembrados — só os olhos sempre. Os olhos eram protegidos pela disposição da testa; olhos fundos como se tivessem a proteção especial de algum instrumento muito valioso. Viam mais longe e mais depressa do que vê o olho humano, e eram a grande vantagem que tinha o pai. O pai de Nick enxergava como enxerga um cordeiro ou uma águia, sem tirar nem pôr.

Ele ficava em pé com o pai numa praia do lago, a visão ainda era muito boa, e o pai dizia: “Ultrapassaram a bandeira.” Nick não via a bandeira nem o mastro dela. “Lá”, dizia o pai, “sua irmã Dorothy. Ela içou a bandeira e está indo para o ancoradouro”.

Nick olhava para a outra margem do lago e via a linha comprida da praia, as árvores mais altas no fundo, o promontório vigiando a baía, os morros nítidos da fazenda e o branco da casa entre árvores, mas não via bandeira nem mastro, nem ancoradouro, só via o branco da praia e a curva do lago.

— Vê os carneiros no pé do morro do lado do promontório?

— Estou vendo.

Eram uma mancha esbranquiçada no verde acinzentado do morro.

— Posso contá-los — disse o pai.

Como toda pessoa dotada de uma faculdade que excede os padrões humanos, o pai era muito nervoso. Mas por outro lado era sentimental, e como a maioria dos sentimentais era cruel e abusado. Era muito azarado também. Morreu numa armadilha que ajudara a montar, mas a sua contribuição fora das menores, e todos o traíram de várias maneiras. Todos os sentimentais estão sendo sempre traídos. Nick ainda não podia escrever sobre o pai, porém mais tarde escreveria — mas a terra das perdizes o fez lembrar-se do pai como era quando Nick era pequeno, e sentia-se muito agradecido a ele por dois motivos: caça e pesca. O pai era perfeito nesses dois

pontos como era imperfeito... em sexo, por exemplo, e Nick sentia-se satisfeito por ter sido assim; alguém tem que lhe dar a primeira espingarda ou a oportunidade de obtê-la e utilizá-la, e a pessoa precisa morar onde tem caça e peixe para aprender a pescar e caçar; e agora, aos trinta e oito anos, gostava de pescar e caçar tanto quanto da primeira vez que saiu com o pai. Essa paixão nunca amortecera, e ele se sentia grato ao pai por lhe tê-la transmitido.

Quanto ao outro assunto, no qual o pai não era competente, todo o instrumental é posto ao nosso alcance, e cada um de nós aprende tudo o que precisa saber sem orientação alheia; e não importa o lugar onde se viva. Nick se lembrava com nitidez das duas únicas informações que o pai lhe passara sobre esse assunto. Uma vez, caçando juntos, Nick atirou num esquilo vermelho que estava numa árvore. O esquilo caiu ferido, e quando Nick foi apanhá-lo, o esquilo o mordeu fundo na polpa do polegar.

— Seu veadão nojento — disse Nick, e bateu a cabeça do esquilo na árvore. — Olhe aí, me mordeu.

O pai olhou e disse:

— Chupe o sangue e aplique iodo quando chegar em casa.

— Veadão nojento, sem-vergonha.

— Sabe o que significa um veadão? — perguntou-lhe o pai.

— É um nome que aplicamos a qualquer coisa desprezível.

— Veadão é a pessoa que tem relações sexuais com animais.

— Por quê?

— Sei lá — disse o pai. — É um crime hediondo.

A imaginação de Nick trabalhou curiosa e horrorizada com a informação. Pensou em vários animais, mas nenhum lhe pareceu interessante ou praticável, e esse foi todo o cabedal de informação sobre sexo que o pai lhe passou. Mas teve outra coisa. Um dia ele leu no jornal que Enrico Caruso tinha sido preso por bolinar.*

— O que é bolinar? — perguntou ao pai.

— É um crime abominável — disse o pai. Nick imaginou o famoso tenor fazendo coisas estranhas, bizarras e medonhas com um pilão contra uma mulher

bonita parecida com os retratos de Anna Held que apareciam nas caixas de charutos. Nick resolveu, apesar de horrorizado, que quando crescesse ia bolinar alguém pelo menos uma vez.

O pai resumiu o assunto dizendo que a masturbação causa cegueira, loucura e morte, e que o homem que frequenta prostitutas apanha doenças venéreas horríveis, e que o melhor a fazer é não ter intimidade com pessoas. Por outro lado o pai tinha os mais lindos olhos do mundo, e Nick gostava muito dele e gostou por muito tempo. Agora, olhando tudo em retrospecto, recordando os primeiros tempos antes do desentendimento, Nick ficou triste. Se escrevesse, se livraria da angústia. Ele se livrara de muitas coisas escrevendo sobre elas. Mas ainda era cedo para escrever sobre o pai. Ainda havia muita gente no contexto. Então ele resolveu pensar em outra coisa. Nada podia fazer com o pai, era a conclusão a que chegava sempre que pensava nele. O belo trabalho que a funerária fez no rosto do pai ainda não se apagara da mente de Nick, e todo o resto estava bem nítido, inclusive as responsabilidades. Nick elogiou o agente funerário, que se mostrou envaidecido e feliz. Mas quem deu ao pai a sua última feição não foi o agente funerário. O agente apenas fez alguns reparos apressados e de duvidoso gosto artístico. O rosto se fizera por si durante longo tempo. Nos últimos três anos o rosto se modelara mais depressa. Era uma boa história, mas ainda tinha muita gente viva no contexto, por isso a história ainda não podia ser escrita.

A educação de Nick nos primeiros tempos fora adquirida nas matas de cicuta que ficavam atrás do acampamento indígena. Chegava-se a elas por um caminho que saía do sítio e passava entre árvores até a casa de fazenda e daí por uma estrada que dava voltas pelos alagados do acampamento. Ele ainda sentia com os pés nus todos os passos dados nesse caminho. Primeiro a terra barrenta com agulhas de pinheiro que entrava pela mata de cicuta atrás da casa, onde as árvores derrubadas se misturavam com serragem, e lascas compridas de madeira pendiam como dardos da árvore atingida por um raio. Atravessava-se o riacho numa tora com perigo de cair na lama preta do brejo. Transpunha-se uma cerca para sair da mata, e o caminho pelo campo era de terra endurecida pelo sol e passava por trechos de capim, azedas e verbasco, e à esquerda o lodo do fundo do riacho onde o maçarico-tarambola se

alimenta. A casa do sítio ficava na beira do riacho. Abaixo do galpão havia esterco fresco e esterco mais antigo de superfície já endurecida. Depois outra cerca e o caminho do galpão para a casa, e a estrada arenosa que entrava na mata cruzava o riacho por uma ponte onde cresciam touceiras de um capim chamado pifa, que ensopávamos de querosene para fazer tochas quando íamos pescar com lança de noite.

A estrada principal seguia pela esquerda rodeando a mata e subindo o morro. Para entrar na mata passava-se pela estrada larga de terra barrenta e alargada para se poder passar com a produção de casca de cicuta que os índios cortavam. A casca de cicuta ficava arrumada em pilhas cobertas com mais cascas, como casas, e as toras descascadas cobriam o chão onde antes cresciam as árvores. As toras ficavam na mata para apodrecer, só queriam a casca para o curtume de Boyne City; a casca era transportada pelo lago sobre o gelo no inverno, e a cada ano havia menos mata e mais clareiras, quentes, sem sombra e tomadas por capim.

Mas ainda havia muita mata naquele tempo, mata virgem onde as árvores atingiam grande altura antes de lançarem galhos, e se caminhava no chão pardo, limpo e cheio de espinho, sem vegetação rasteira. As matas eram frescas nos dias mais quentes, e os três se encostaram no tronco de uma cicuta mais larga do que o comprimento de duas camas, com a brisa soprando lá em cima e a claridade fresca caindo em manchas aqui e ali.

— Vai querer Trudy de novo? — perguntou Billy.

— Você quer?

— Ahã.

— Então vamos.

— Lá não, aqui.

— Mas Billy...

— Não ligo pro Billy. É meu irmão.

Depois disso ficaram os três sentados escutando um esquilo preto que se movimentava nos galhos mais altos onde não podia ser visto. Esperavam que ele

ladrasse de novo porque quando ladra o esquilo estica o rabo, e Nick então atiraria para onde visse movimento. O pai só lhe dava três cartuchos por dia para caçar, e ele tinha uma espingarda de cano muito comprido calibre vinte.

— O filho da puta não se mexe — disse Billy.

— Atire, Nickie. Assusta ele. Ele pula, você atira de novo — disse Trudy. Foi uma fala longa para ela.

— Só tenho dois cartuchos — disse Nick.

— Filho da puta — disse Billy.

Continuaram sentados, encostados na árvore e calados. Nick sentia-se vazio e feliz.

— Eddie disse que vai vir uma noite dormir na cama com sua irmã Dorothy.

— O quê?

— Ele disse.

Trudy confirmou.

— É só nisso que ele pensa — disse Trudy. Eddie era o meio-irmão mais velho dela. Tinha dezessete anos.

— Se Eddie Gilby aparecer de noite e falar com Dorothy, sabe o que faço com ele? Mato ele assim. — Nick armou a espingarda e sem mirar puxou o gatilho, fazendo um buraco do tamanho de uma mão na cabeça ou na barriga daquele mestiço ordinário chamado Eddie Gilby. — Assim. Mato ele assim.

— Então é melhor ele não vir — disse Trudy. Enfiou a mão no bolso de Nick.

— É melhor ele ter cuidado — disse Billy.

— Ele é papo-furado — disse Trudy. Ela remexia a mão no bolso de Nick. — Mas não mate ele, não. Você vai se enrolar.

— Mato sim — disse Nick. Eddie Gilby estava caído com o peito esbandalhado. Nick botou o pé em cima dele.

— Arranco o couro da cabeça dele — disse.

— Faz isso não — alertou Trudy. — Suja tudo.

— Tiro o couro e mando pra mãe dele.

— A mãe dele morreu — disse Trudy. — Não mate ele, não, Nickie. Não mate ele por mim.

— Depois que tirar o couro da cabeça dele jogo ele pros cachorros.

Billy parecia preocupado.

— É melhor ele ter cuidado — disse pensativo.

— Ele vai ficar esfaqueado — disse Nick animado com a imagem. Depois, tendo escalpelado o mestiço renegado e olhado os cachorros o esfaquearem, sem mudar a expressão ele caiu de costas contra a árvore, um aperto na garganta, Trudy apertando, sufocando-o e gritando:

— Mata ele não! Mata ele não! Mata ele não! Não. Não. Não. Nickie. Nickie. Nickie!

— O que foi que deu em você?

— Mata ele não.

— Preciso.

— Ele está brincando.

— Está bem — disse Nick. — Só mato ele se ele chegar perto da minha casa. Agora me solte.

— Assim está bem — disse Trudy. — Quer fazer aquela coisa? Agora estou feliz.

— Se Billy sair. — Nick tinha matado Eddie Gilby, depois cancelado a sentença de morte e agora se sentia homem.

— Se mande, Billy. Você é um empata. Se mande.

— Filha da puta — disse Billy. — Estou cansado disto. Viemos para quê? Caçar ou o quê?

— Pode levar a espingarda. Ainda tem um cartucho.

— Está bem. Vou matar um, dos pretos e bem grande.

— Eu vou gritar — disse Nick.

Depois, passado muito tempo, Billy ainda não tinha voltado.

— Acha que fizemos bebê? — Trudy juntou as pernas com ar feliz e se encostou em Nick. Alguma coisa dentro dele tinha acabado de fazer uma longa viagem.

— Acho que não — disse ele.

— O que é que tem a gente fazer uma porção de criança?

Ouviram Billy atirando.

— Será que acertou?

— Não me importo — disse Trudy.

Billy apareceu entre as árvores. A espingarda no ombro e um esquilo preto pendurado na mão pelas patas da frente.

— Olhe. Maior do que um gato. Acabaram?

— Onde achou?

— Ali mesmo. Vi ele pular.

— Preciso ir — disse Nick.

— Não — disse Trudy.

— Me esperam para jantar.

— Está bem.

— Quer caçar amanhã?

— Pode ser.

— Fique com o esquilo.

— Está bem.

— Volta depois do jantar?

— Não.

— Como está se sentindo?

— Muito bem.

— Que bom.

— Me dê um beijo no rosto — disse Trudy.

Agora, dirigindo na rodovia já ao escurecer, Nick deixou de pensar no pai. Nunca pensava nele no fim do dia. O fim do dia sempre fora só de Nick, que só se sentia bem quando tinha aquele momento para ele. O pai voltou para Nick no outono daquele ano ou no começo da primavera seguinte, quando havia narcejas na campina, ou quando havia montes de trigo colhido, ou quando ele viu um lago, ou quando viu pela primeira vez uma caleche puxada a cavalo, ou quando viu ou ouviu gansos selvagens, ou uma revoada de patos; recordando o tempo em que uma águia

mergulhou num remoinho de neve para atacar um chamariz coberto de lona, depois se elevando, as asas batendo, as garras presas na lona. O pai vinha a ele de repente em pomares desertos e em campos recém-arados, quando rachava lenha ou puxava água, em moinhos de grãos, prensas de sidra e represas, e sempre junto às fogueiras. As cidades em que ele morou não eram cidades que o pai conheceu. Dos quinze anos em diante ele nada teve em comum com o pai.

No inverno o pai ficava com a barba congelada e no verão suava muito. Gostava de trabalhar ao sol no sítio porque não precisava e gostava de trabalhar com as mãos, o que não era o caso de Nick. Nick gostava do pai, mas detestava o cheiro dele; uma vez, quando teve que usar roupas íntimas do pai que tinham ficado pequenas, Nick sentiu-se enjoado e tirou-as e as pôs debaixo de duas pedras no regato e disse que as tinha perdido. Contou ao pai como se sentira quando o pai o forçou a vestir aquelas roupas, mas o pai disse que tinham sido bem lavadas. Tinham mesmo. Nick pediu ao pai que as cheirasse; o pai cheirou indignado e disse que as roupas estavam muito limpas. Quando Nick voltou da pescaria sem as roupas e disse que as tinha perdido, apanhou por mentir.

Nick foi para o depósito de lenha e ficou lá com a porta aberta, a espingarda carregada e armada, olhando o pai sentado na varanda lendo jornal, e pensou: “Posso mandá-lo para os quintos. Posso matá-lo.” Finalmente a raiva passou, e ele ficou envergonhado porque a espingarda tinha sido presente do pai. Depois foi para o acampamento indígena a pé, no escuro, para se livrar do cheiro. Só tinha uma pessoa na família de cujo cheiro ele gostava: uma irmã. Com os outros todos ele evitava qualquer contato. Essa idiossincrasia desapareceu quando ele começou a fumar. Cheiro é bom. É bom para cão de caça, mas não para gente.

— Pai, como era quando o senhor era pequeno e caçava com os índios?

— Não sei, ora. — Nick ficou surpreso. Ele nem tinha percebido que o menino estava acordado. Olhou para o filho sentado ao lado dele no banco. Supunha estar sozinho, mas o menino estava ali com ele. Há quanto tempo? — Passávamos o dia inteiro caçando esquilos negros — disse. — Meu pai só me dava três cartuchos por dia porque achava que assim eu aprenderia a caçar e que não era bom para um

menino sair atirando a esmo. Eu saía com um menino chamado Billy Gilby e a irmã dele, Trudy. Saíamos quase todos os dias no verão.

— Nomes esquisitos para índios.

— É mesmo — disse Nick.

— Como eram eles?

— Eram ojibways. E eram boas pessoas.

— Mas como eram no trato?

— É difícil dizer — respondeu Nick. Poderia ele dizer que ela fazia primeiro o que ninguém jamais fez melhor, e falar nas pernas morenas roliças, no ventre liso, peitos pequenos e duros, braços bons de abraçar a gente, língua investigadora, olhos vivos, boca gostosa depois inquieta, apertada, doce, úmida, firme, doída, cheia, demorada, sem fim, duradoura, de repente acabando, o pássaro grande voando como coruja ao crepúsculo, só que era dia na mata e agulhas de cicuta se grudavam na barriga da gente. Quando se vai a um lugar onde moraram índios, a gente os cheira indo embora, e todos os vidros vazios de analgésicos e os mosquitos que zumbem não espantam o cheiro de macela, o cheiro de fumaça e aquele outro que lembra cheiro de pele de marta recém-capturada. Nem as piadas sobre eles, nem índias velhas acabam com esse cheiro. Nem o cheiro adocicado que exalam quando adoecem. Nem o que fizeram no fim. Não foi como eles acabaram. Todos acabaram do mesmo jeito. Bom naquele tempo muito, muito antigo. Agora não é mais.

Agora o outro. Quando se mata um pássaro voando, matam-se todos os pássaros voando. São todos diferentes e voam de modos diferentes, mas a sensação é a mesma, e o último é tão bom quanto o primeiro. Ele agradecia ao pai por isso.

— É possível que você não goste deles — disse Nick ao menino. — Mas acho que gostaria.

— E meu avô também viveu com eles quando criança?

— Viveu. Quando perguntei a ele como os índios eram, ele disse que tinha muitos amigos índios.

— Será que vou viver com eles?

— Não sei. Depende de você.

— Quando é que vou ter uma espingarda e caçar sozinho?

— Quando tiver doze anos e eu achar que você é cuidadoso.

— Eu queria ter doze anos agora.

— Vai ter em breve.

— Como era o meu avô? Não me lembro dele, só me lembro que me deu uma espingarda de ar comprimido e uma bandeira americana quando cheguei da França. Como era ele?

— É difícil descrevê-lo. Era grande caçador e pescador e tinha olhos maravilhosos.

— Era maior caçador do que o senhor?

— Atirava melhor do que eu, e o pai dele também foi um grande atirador em voo.

— Aposto que não era melhor do que o senhor.

— Era, sim. Atirava rápido e no alvo. Eu gostava de vê-lo atirando mais do que gostava de ver qualquer outro atirador que conheci. Ele ficava muito desiludido com a minha maneira de atirar.

— Por que nunca vamos rezar no túmulo de meu avô?

— Moramos em outro ponto do país. É muito longe daqui.

— Na França isso não faria nenhuma diferença. Se fosse na França, iríamos. Acho que preciso ir rezar no túmulo de meu avô.

— Vamos um dia.

— Espero não morrer em um lugar onde eu não possa ir rezar no seu túmulo quando o senhor morrer.

— Precisamos providenciar para que isso não aconteça.

— Não acha que nós todos devíamos ser enterrados em um lugar acessível? Podíamos ser todos enterrados na França. Seria uma beleza.

— Não quero ser enterrado na França — disse Nick.

— Bem, então precisamos achar algum lugar acessível nos Estados Unidos. Não podíamos ser todos enterrados no sítio?

— É uma ideia.

— Assim eu podia parar e rezar no túmulo do meu avô quando fosse ao sítio.

— Você é muito prático.

— Bem, não acho correto nunca ter sequer visitado o túmulo do meu avô.

— Precisamos ir — disse Nick. — Estou vendo que precisamos ir.

Nota

* O termo usado no original é *mashing*: crime sexual que parte da bolina e quase chega à tentativa de estupro. O trocadilho decorre de outro significado da palavra *mash*, que, como verbo corriqueiro, significa amassar. Um *masher* seria um bolinador conhecido como *mão-boba*. (N. T.)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Contos, v. 1

Good reads do livro

<http://www.goodreads.com/book/show/3640556-contos-de-ernest-hemingway>

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway

Good reads do autor

[http://www.goodreads.com/author/show/1455.](http://www.goodreads.com/author/show/1455)

Ernest_Hemingway